



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**PASSADO PERPÉTUO: OS PENITENTES PEREGRINOS PÚBLICOS E O
CATOLICISMO PENITENCIAL EM JUAZEIRO-CE
(1970 -2016).**

ROBERTO VIANA DE OLIVEIRA FILHO

CAMPINA GRANDE

2017

**PASSADO PERPÉTUO: OS PENITENTES PEREGRINOS PÚBLICOS E O
CATOLICISMO PENITENCIAL EM JUAZEIRO
(CEARÁ, 1970 -2016).**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História (PPGH), da Universidade Federal de Campina Grande, linha de pesquisa “Cultura, poder e identidades” como requisito final para a obtenção do título de Mestre em História.

ORIENTADOR

PROF. DR. MATHEUS DA CRUZ E ZICA

CO-ORIENTADORA

PROFA. DRA. EDIANNE DOS SANTOS NOBRE

CAMPINA GRANDE

2016



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Às 09:00 horas do dia 12 (doze) de maio de 2017 (dois mil e dezessete), no(a) Sala do Mestrado da Universidade Federal de Campina Grande, a Comissão Examinadora da Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pelo aluno(a) **Roberto Viana de Oliveira Filho**, intitulada “PASSADO PERPETUO: OS PENITENTES PEREGRINOS PÚBLICOS E O CATOLICISMO PENITENCIAL EM JUAZEIRO-CE (1970-2016)”, em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder ao mesmo o conceito “aprovado com distinção”, em resultado à atribuição dos conceitos dos professores doutores; Matheus da Cruz Zica (Orientador), Edianne dos Santos Nobre (Có-Orientadora), Fernanda Lemos e Marinalva Vilar de Lima. Assinam também a presente Ata o Coordenador do Programa Prof. Dr. Gervácio Batista Aranha e o Secretário do PPGH José Arnal. Paulino Dantas, para os devidos efeitos legais.

Parecer: *A banca considera o trabalho de excelente qualidade e recomenda publicação. Também recomenda que o tema seja desenvolvido no doutorado.*

Campina Grande-Pb, 17 de fevereiro de 2017.

1. *[Assinatura]*
2. *[Assinatura]*
3. *[Assinatura]*
4. *[Assinatura]*
5. *[Assinatura]*
6. *[Assinatura]*

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

O48p

Oliveira Filho, Roberto Viana de.

Passado perpétuo : os penitentes peregrinos públicos e o catolicismo penitencial em Juazeiro-CE (1970-2016) / Roberto Viana de Oliveira Filho. – Campina Grande, 2017.

153 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação: Prof. Dr. Matheus da Cruz e Zica, Profa. Dra. Edianne dos Santos Nobre".

Referências.

1. Penitentes Peregrinos Públicos. 2. Catolicismo Laico – Juazeiro do Norte. 3. Catolicismo - Contemporaneidade. I. Zica, Matheus da Cruz e. II. Nobre, Edianne dos Santos. III. Título.

CDU 2-41(043)

À minha família, minha força, estrutura e razão de viver:
Maria Cléa (mainha), Roberto Viana (painho), Priscila
Pereira, Paloma Pereira e Ana Lis (a flor mais linda que
veio coroar nossas vidas);

À minha avó Idelzuite Lopes de Oliveira (*in memoriam*)
que foi quem primeiro me ensinou que “errando é que se
aprende”;

À Brennon Bernardo que “fez meu coração bater no
compasso do mais certo” e nunca deixar de sentir o que
existe de melhor em mim, que boa parte é ele.

AGRADECIMENTOS

Ao pegar em minhas mãos para me ensinar a cobrir as letras que formavam o meu nome, minha avó, Idelzuite Lopes, percebendo minha agitação em não acertar os contornos, me disse “é errando que se aprende”. A importante lição de minha avó foi complementada por meus pais, Maria Cléa e Roberto Viana, que me disseram “meu filho, quando não souber, peça ajuda”. Essas pessoas, joias preciosas da minha formação, me ensinaram que não é possível fazer algo bom sem uma boa dose de erros, e que é preciso procurar ajuda e agradecer.

Agradeço, portanto, primeiramente a essas pessoas, minha avó, meu pai e minha mãe, sem a constante presença deles em todos os momentos da minha vida eu não teria forças para chegar até aqui. Não existem palavras que possam expressar minha gratidão. Amo vocês, painho e mainha.

A minhas irmãs, Priscila e Paloma que sempre me ofereceram boas doses de conversas, risos, abraços, lágrimas de alegria ou tristeza nesse percurso. Agradeço ao universo por ter colocado minha sobrinha, Ana Lis, em nossas vidas. A sua alegria foi a energia que muitas vezes me impulsionou a escrever.

Há muito tempo, Brennon Bernardo faz parte da minha vida. Ele e eu somos quase um só. Para lhe agradecer me faltam as palavras, mas me pulsa um desejo: que nós possamos sempre “tecer as manhãs”.

A minha co-orientadora, amiga e constante fonte de inspiração, Edianne Nobre. Obrigado por ter acreditado em mim e nessa pesquisa, por ter participado de uma forma tão bonita desse percurso, por ter me colocado de “volta aos trilhos”, por ter sido amiga e orientadora. Você é minha historiadora preferida.

A meu orientador, Matheus da Cruz e Zica, que, assim como os grandes mestres orientais, me ensinou que a virtude da paciência e da perseverança são a chave para conseguir. Obrigado por acreditar nesse projeto e me fazer acreditar nele quando eu mesmo já não acreditava.

Quero dedicar um agradecimento especial a Marinalva Vilar de Lima, que me acolheu como um “filho” em sua casa e me protegeu, no momento que mais precisei, dos fantasmas que assombravam minha mente. Sou grato ao universo por ter colocado você em meu caminho e ter me mostrado que, além de uma incrível pesquisadora e professora, você é também um dos seres humanos mais lindos que já conheci.

Agradeço também a professora Fernanda Lemos (UFPB) que contribuiu de forma tão cuidadosa para a concretização desse trabalho com suas observações valiosas e seu olhar certo.

A Tereza Diniz que compartilhou comigo, além das viagens Cariri-Campina Grande, o grande amor que existe em seu coração. Muito obrigado por sua amizade e seus conselhos que “talharam” em minha personalidade lições que nem o vaivém da memória apagará, “quero só lhe dizer”.

A Neusa Victor, o furacão de alegria, que levou uma parte do meu coração para a as suas longas saias e sorriso inconfundível.

A Talita Oliveira que, com sua doçura interminável, transformou minha estadia em Campina Grande mais feliz e que agora tem estadia vitalícia no meu coração.

A Aline Fernandes por, desde muito tempo, ser minha amiga-irmã e ter me ajudado em vários momentos a viver e escrever, a pensar e me reinventar.

A Wallysson Araruna, meu amigo-irmão, por sua atemporal amizade, que me faz ser mais feliz e não perder a esperança na humanidade.

A Edceu Barboza, que, caminhando comigo, tem me ensinado que a existência é tão complexa e fascinante quanto os personagens que ele representa no teatro da vida.

A Faeina Jorge, minha irmã-amiga, que com a força de Xangô nunca me deixou desamparado.

A Lucia Sampaio, minha “mãe de Santo”, que me encaminhou pelas trilhas da espiritualidade e fez com que eu percebesse que as forças da natureza nunca me deixariam só, mesmo no quarto pouco iluminado, onde muitas linhas dessa dissertação foram escritas.

A Emerson Cardoso pelo constante incentivo e brilhantes considerações sobre esse trabalho.

Aos professores do PPGH-UFCG que tornaram essa aventura da escrita cada vez mais instigante e fascinante: Kyara Almeida, Luciano Queiroz, Gervácio Batista, Keila Queiroz e Iranilson Buriti.

Aos meus colegas do PPGH que também enfrentaram os desafios de escrever uma dissertação: Leila, Marcos, Evandro, Hugo, Leonardo, Priscila, Roberta, Gutierrez e Raquel Moraes.

Aos amigos-professores da URCA que primeiro me apresentaram as possibilidades que existem nos caminhos da História: Cícero Joaquim dos Santos, Jucieldo Alexandre, Arleilma Sousa, Jane Semeão, Fábio José, Fatiana Araújo, Sônia Meneses e Amanda Teixeira.

A minha psicóloga, Vanessa Sousa que me guiou em uma viagem reveladora e fortificante pelos caminhos da minha mente.

Às minhas alunas e alunos que me permitem ser aquilo que nasci para ser: professor.

Quero agradecer, com todas as minhas forças, às mulheres e homens que emprestaram a sua voz, vida e memórias para serem debatidas, analisadas e poetizadas nessa dissertação: João José Aves de Jesus, Dona Josefa, Dona Marinete, Dona Lia, Dona Virgínia, Sr. Francisco, Dona Maria, Isabel e Isaac. Agradeço especialmente ao penitente Israel Aves de Jesus, que, no percurso de suas narrativas e peregrinações tornou-se meu amigo e tem me apresentado um mundo novo e fascinante a cada dia.

A CAPES pelo financiamento da pesquisa, sem o qual teria sido impossível ser realizada.

Por fim, e não menos importante, agradeço a todas as forças espirituais que me ajudaram a ter firmeza e não cair: Maria Padilha (Laroyê Exú), Maria Gina, Caboclo Sete Flechas, Pai Joaquim de Aruanda, Chiquinho do Maranhão, Mestre Sibamba e Oxalufã, meu pai, fonte inesgotável de paz e sabedoria.

RESUMO

Essa dissertação busca reconstruir a história do grupo de Penitentes Peregrinos Públicos, através das narrativas vindas das mulheres e homens remanescentes dessa irmandade. O grupo surge na década de 1970, na cidade de Juazeiro do Norte, Ceará, através da iniciativa do primeiro líder da irmandade, mestre José Aves de Jesus, que teria abandonado sua vida “profana” na cidade de Caruaru, Pernambuco, para dedicar-se a um novo modelo de vida na “terra da Mãe de Deus”. A pregação desse penitente pautava-se em um forte ascetismo que incluía a privação de bens materiais, trabalho formal e a instituição da mendicância como *identidade penitencial* do grupo. A maioria das regras propostas pelo penitente foi extraída de antigos manuais católicos do século XIX e início do século XX, em especial o livro *Missão Abreviada* (1859) e o texto *Machadinha de Noé* (1931), considerados sagrados pela irmandade. Com a morte do Mestre José no ano 2000, a irmandade passou por importantes mudanças que transformaram sobremaneira a forma organizacional do grupo como também as próprias interpretações sobre os elementos sagrados dessa comunidade. Uma das principais marcas desse período inscreve-se na relação dessas pessoas com vários elementos do “mundo moderno”: tecnologia, dinheiro e trabalho, por exemplo. Novas narrativas surgem, antigas interpretações são revistas, mitos ganham novos contornos e a história dos Penitentes Peregrinos Públicos revela a complexidade que existe nas maneiras como as tradições são vividas no tempo.

Palavras-chave: Penitentes Peregrinos Públicos, Catolicismo laico, Juazeiro do Norte, Contemporaneidade.

ABSTRACT

This dissertation seeks to reconstruct the history of the group of Public Pilgrims Penitents, through narratives from the remaining women and men of this brotherhood. The group appears in the 1970's, in the city of Juazeiro do Norte, Ceará, through the initiative of the first leader of the brotherhood, master José Aves de Jesus, who had abandoned his "profane" life in the city of Caruaru, Pernambuco, to devote to a new lifestyle in the "land of the Mother of God". The preaching of this penitent was based on a strong asceticism that included the deprivation of material goods, formal work and the institution of begging as the group's penitential identity. Most of the rules proposed by the penitent were drawn from ancient Catholic manuals of the nineteenth and early twentieth centuries, especially the book *Missão Abreviada* (1859) (*Abbreviated Mission*) and the text *Machadinha de Noé* (1931) (*Noah's Hatchet*), both considered sacred by the brotherhood. With the death of Master José in the year 2000, the group underwent important changes that greatly transformed the organizational form of the group, as well as the own interpretations on the sacred elements of the brotherhood. One of the main marks of this period is the relation of these people to various elements of the "modern world": technology, money and work, for example. New narratives arise, old interpretations are revised, myths gain new contours, and the history of the Public Pilgrims Penitents reveals the complexity that exists in the ways traditions are lived through time.

Keywords: Public Pilgrims Penitents, Laic Catholicism, Juazeiro do Norte, Contemporaneity.

LISTA DE IMAGENS

Imagem/Descrição	PÁG
Imagem 1: Foto de Mamãe Anja e "Missão Abreviada" sob a antiga cama do Mestre José.	41
Imagem 02: Comparação proposta por Mestre José entre as “sandálias de cravo” e a crucificação de Jesus.	54
Imagem 03: Gráfico em que fica evidente o aumento do número de Igrejas evangélicas a partir de 1970 no Brasil.	62
Imagem 04: Exceto do Jornal “A Palavra” de Maceió, AL. Edição de 24 de setembro de 1876.	66
Imagem 05: Mestre José Aves de Jesus. Imagem gentilmente cedida por Nívea Uchôa, fotógrafa que capturou esse momento.	73
Imagem 06: celebração da renovação do Sagrado Coração de Jesus pelos PPP.	86
Imagem 07: Bandeira individual do penitente	87
Imagem 08: Cerimônia de retirada das bandeiras marianas	90
Imagem 09: Fachada da “Casa da Missão”.	91
Imagem 10: Excetos do Jornal “A Gazeta do Norte” de Fortaleza, Ceará. Edição 08 de março de 1881	96
Imagem 11: Nova capa da “Missão Abreviada” elaborada por Joao José	99
Imagem 12: Da esquerda para a direita: Isabel, Dona Maria, penitente Israel, Sr. Francisco e Isaac	120
Imagem 13: Imagens de D. Pedro I e D. Pedro II na casa de João José (respectivamente).	129
Imagem 14: As Mulheres (da esquerda para a direita, de cima para baixo): Dona Marinete Dona Lia, Dona Virgínia e Dona Josefa (Zefinha)	131

- *Chapeleiro, nunca mais o verei novamente.*
- *Minha querida Alice, nos jardins da memória, no palácio dos sonhos, é lá onde nos veremos.*
- *Mas sonho não é realidade.*
- *E quem distingue entre eles?*

(Do filme “Alice através do espelho”)

Palavras são, na minha nada humilde opinião, nossa inesgotável fonte de magia, capazes de causar grandes sofrimentos e também de remediá-los.

(Harry Potter e as Relíquias da Morte)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: O SAGRADO E OS MURMÚRIOS DA MEMÓRIA	13
Josés e Marias “Aves de Jesus”: Os Penitentes Peregrinos Públicos	20
<i>A crença</i> na encruzilhada: Oralidade, Cultura e História.....	26
Penitentes, Beatos e Romeiros: viver em comunidade (?)	29
História Oral: o caminho de investigação no caso dos PPP:	35
CAPÍTULO 1: ENTRE MORTOS E VIVOS, A HISTÓRIA.....	38
1.1: Mamãe Anja do Horto: um retrato evanescente.	38
1.2: O espaço “encantado” de Juazeiro do Norte	44
1.3: Mestre José e “as leis de meu padrinho Cícero”	50
1.4: Mestre José “historiador”: a <i>tradução</i> do passado a partir do <i>sagrado</i>	56
1.5: O fim de um mundo: rupturas internas e a morte do Mestre José.....	67
CAPÍTULO 2: “DESPERTAR OS DESCUIDADOS, CONVERTER OS PECADORES”.....	73
2.1: “O melhor aluno de Mestre José”.....	74
2.1.1: <i>A renovação do Sagrado Coração de Jesus</i>	80
2.1.2: <i>O Hasteamento das Bandeiras Marianas em Maio</i>	85
2.2: João José: a <i>reliquia</i> transformada em Missão.....	89
2.2.1: <i>A “Missão” renovada</i>	94
CAPÍTULO 3: “UMA RAPA DO MODERNO” NO ANTIGO OU UMA “RAPA DO ANTIGO” NO MODERNO?.....	101
3.1 - Um novo mestre? Entra em cena o prodígio	104
3.1.1 – <i>Israel Aves de Jesus e as “novas” leis de “meu padrinho Cícero”</i> :	112
3.2 – João José e a sua caminhada “quase” solitária	119
3.2 – Os PPP através das lentes femininas.	129
3.2.1 – <i>As “Marias Aves de Jesus”</i> :	131
CONCLUSÃO: “AGORA EU VOU SEGUIR, LEVANDO A MINHA CRUZ”.....	140

INTRODUÇÃO: O SAGRADO E OS MURMÚRIOS DA MEMÓRIA

O mundo mudou:
 Posso senti-lo na água,
 Posso senti-lo na terra,
 Posso farejá-lo no ar.
 Muito do que havia está perdido,
 Pois não há mais ninguém vivo
 Que se lembre...

(O senhor dos Anéis – A Sociedade do Anel)

Era dia de finados¹. Ao caminhar por entre as lápides disformes do “Cemitério do Socorro” em Juazeiro do Norte, me deparei com a figura emblemática de um senhor que trajava longas roupas azuis, nas quais, desenhos e símbolos foram pintados de branco, misturando-se com os fios de sua barba. A voz de João José Aves de Jesus² ecoava como um trovão por entre os jazigos e penetrava com força as paredes da Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro atraindo olhares de espanto e admiração. Fui imediatamente arrebatado por um sermão em que diversos elementos religiosos, imagens bíblicas e uma forte preocupação com os *castigos divinos* se apresentavam:

João José Aves de Jesus: E aqui estamos e vamos seguir como filhos de Deus. A missão de padre Cícero. Não tenha medo de representar esses voti, mas se for para pegar minha entrevista aqui e tocar pra dentro de bruxaria, de macumba, de espiritismo, de protestantismo, de maçonaria, para criticar a missão de padre Cícero, da penitência da mãe de deus, da santa cidade, se prepare que o castigo vai aumentar. Então não leve minha presença viva com o pai, o filho e o espírito santo para colocar nessas imundiças de espiritismo, protestantismo, maçonaria, comunismo tudo o que não presta contra a Igreja Católica Apostólica Romana; se for para fazer isso, eu peço a vocês pelo amor de Deus: vão ganhar dinheiro por outra coisa. Mas a custa dessa pregação não. Agora se for para dar testemunho, me ajudar, levar para o Brasil e para o estrangeiro ai pode representar e ganhar lá o seu real, que o realzin serve a nós também.³

Após ouvir atentamente o seu sermão, ousei aproximar-me e fazer algumas perguntas sobre o que ele acabava de proclamar e diversas outras questões que me inquietavam e me

¹ O Dia dos Fiéis Defuntos ou Dia de Finados, é celebrado pela Igreja Católica no dia 2 de novembro.

² João José é um dos poucos Penitentes Peregrinos Públicos que ainda peregrina pelas ruas de Juazeiro do Norte. Ele chegou a Juazeiro na década de 1950 ainda criança. Em 1980, conheceu o primeiro penitente do grupo, Mestre José. A partir daí, iniciou sua vida de penitência. Após a morte do Mestre, esse penitente modificou de forma significativa as práticas do grupo. Essa questão será discutida com mais profundidade no Capítulo 2.

³ Fala escolhida a partir de uma gravação feita por mim de um sermão público do penitente João José Aves de Jesus no Cemitério do Socorro em Juazeiro do Norte, no dia 02 de novembro de 2012.

faziam querer conhecer mais sobre o seu universo sagrado: Qual era a *Missão* do padre Cícero? Onde ficava essa *santa cidade*? Por qual motivo aquele senhor tinha tanta raiva do *comunismo*, da *maçonaria* e do *espiritismo*? Por que Deus castiga? Senti-me como uma criança que aos poucos vai sendo apresentada ao universo e seus mistérios.

Aquele senhor e sua pregação eram, ao mesmo tempo, *exóticos* e *familiares*. Não era tão estranho encontrar em meu cotidiano, personagens semelhantes ao que eu acabara de observar. Contudo, aquela narrativa e a forma como foi apresentada me deslocaram da zona comum e transportara-me para um campo de possibilidades analíticas que ainda não tinha visualizado. O antropólogo Gilberto Velho⁴, ao analisar as categorias de *exótico* e *familiar* em uma pesquisa de campo, conclui:

Isso mostra não a feliz coincidência ou a mágica do encontro entre pesquisador e o objeto com que tenha afinidade, mas sim o caráter de interpretação e a dimensão de subjetividade envolvidos nesse tipo de trabalho. A “realidade” (familiar ou exótica) sempre é filtrada por determinado ponto de vista do observador, ela é percebida de maneira diferenciada. Mais uma vez não estou proclamando a falência do rigor científico no estudo da sociedade, mas a necessidade de percebê-lo enquanto objetividade relativa, mais ou menos ideológica e sempre interpretativa. (VELHO, 1995, p.129)

Após o primeiro contato, aquele homem se apresentou a mim como um **penitente** e disse que integrava uma irmandade conhecida por diversos nomes, mas que ele chamava de **Penitentes Peregrinos Públicos**. O meu encontro com esse senhor foi resultado de uma longa caminhada de investigação pessoal e acadêmica que tinha como guia os meus sentimentos e desejos de investigar o *sagrado*. Permitam-me voltar alguns anos no tempo para explicar-lhes o que me levou ao encontro dessa enigmática irmandade e quais as questões que envolvem esta pesquisa.

Desde cedo, especialmente a partir da minha adolescência, quando outros universos religiosos, além do *cristão*, me foram apresentados, resolvi trilhar um caminho de investigação sobre o *sagrado*. As religiões há muito me fascinam e em meu processo de “desbravamento do mundo”, quase sempre, um elemento religioso estava presente em minhas decisões. Dentre tantas ideias que me arrebataram nesse percurso de (auto) conhecimento estava a questão de como algumas religiões utilizam o medo como forma de controle.

À medida que conhecia melhor as ferramentas analíticas do campo Histórico, tanto na graduação, como posteriormente no mestrado, encontrei mecanismos que me

⁴ Ver: VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

possibilitaram pensar de forma diferenciada e talvez mais complexa essa questão antiga que continuava e continua a me intrigar. No início dessa investigação, agora acadêmica, sobre o *medo*, tomei conhecimento do livro *A História do Medo no Ocidente*, do historiador francês Jean Delumeau. O efeito dessa obra sobre a minha forma de enxergar a temática foi enorme e fomentou em mim o desejo de encontrar uma *mentalidade* mais ou menos uniforme que “pairasse” sobre as práticas e crenças que estava começando a investigar.

Só mais tarde percebi que o conceito de *mentalidade*, tão caro para Delumeau, poderia “apagar” um enorme quadro de práticas individuais que eu não deveria negligenciar caso continuasse a minha investigação. Resolvi então reduzir a escala de análise e investir na busca da compreensão desse sentimento a partir de manifestações **católicas laicas** na cidade onde nasci e vivo atualmente: Juazeiro do Norte, interior do Ceará.

O conceito de *laicidade* é importante para que possamos compreender de que forma essas manifestações religiosas se configuram. Segundo Domingos (2009)⁵: “Pode-se dizer que a origem da palavra *laico* ou *leigo* remonta à Antiguidade e refere-se ao que não é clerical, ao que pertence ao povo cristão como tal – e não à hierarquia católica – e ao que é próprio do mundo secular, por oposição ao que é eclesiástico” (DOMINGOS, 2009:47).

Existem dois desdobramentos importantes do conceito de *laicidade*. O primeiro refere-se a sua dimensão política. Segundo o cientista social Cesar A. Ranquetat⁶:

A laicidade é uma noção que possui caráter negativo, restritivo. Sucintamente pode ser compreendida como a exclusão ou ausência da religião da esfera pública. A laicidade implica a neutralidade do Estado em matéria religiosa. Essa neutralidade apresenta dois sentidos diferentes, o primeiro já destacado a cima: exclusão da religião do Estado e da esfera pública. Pode-se falar então de neutralidade-exclusão. O segundo sentido refere-se à imparcialidade do Estado em tratar com igualdade as religiões. Trata-se nesse caso da neutralidade-imparcialidade. (RANQUETAT JR, 2008, p.71)

A segunda aplicação do termo insere-se dentro da própria instituição da Igreja Católica em que o leigo é aquela pessoa que não se liga diretamente a ordem eclesiástica, mas realiza atividades importantes dentro da paróquia. Nesse sentido, o leigo diferencia-se de um “devoto comum” pois a ele é atribuída uma tarefa especial: catequista, articulador de um movimento jovem ou membro de uma pastoral, por exemplo.

⁵ Ver: DOMINGOS, Marília de Franceschi Neto. Ensino Religioso e Estado Laico: uma lição de tolerância. **Rever: Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, v. 1, n. 1, p.45-70, set. 2009.

⁶ Ver: RANQUETAT JR., Cesar. Laicidade, laicismo e secularização: definindo e esclarecendo conceitos. **Revista Sociais e Humanas**, [S.l.], v. 21, n. 1, p. 67-75, dez. 2009. ISSN 2317-1758. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/sociaishumanas/article/view/773>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

À essa função que o leigo desempenha dentro das paróquias e que, de certa forma, está institucionalizada, acrescento uma *arte de fazer* que joga com esse sistema de institucionalização. Existe uma quantidade significativa de pessoas que se organizam em grupos auto denominativos católicos, influenciam o *modo de crer* da comunidade mas não recebem nenhuma ordem ou instrução dos clérigos ou demais membros do corpo eclesiástico. Para o historiador Michel de Certeau, existem mil *maneiras de jogar* com esses sistemas impostos: “nesses estratagemas de combatentes existe uma arte dos golpes, dos lances, um prazer em alterar as regras de espaço opressor”⁷. Ainda segundo o autor, essas pessoas:

Reempregam um sistema que, muito longe de lhes ser próprio, foi construído e propagado por outros, e marcam esse emprego por “super-ações” [sic], excrescências do miraculoso que as autoridades civis e religiosas sempre olham com suspeita, e com razão, de contestar às hierarquias do poder e do saber a sua “razão”. Um uso (“popular”) da religião modifica-lhe o funcionamento. Uma maneira de falar essa linguagem recebida a transforma em um canto de resistência, sem que essa metamorfose interna comprometa a sinceridade com a qual pode ser acreditada, nem a lucidez com a qual, aliás, se veem as lutas e as desigualdades que se ocultam sob a ordem estabelecida (CERTEAU, 1994, p.74).

Chamo, portanto, de *catolicismo laico* a experiência de fé vivida por leigos e leigas que, ao mesmo tempo em que se autodenominam católicos, desenvolvem práticas que podem destoar das normas oficiais da instituição. Na produção historiográfica corrente sobre o tema é possível encontrar um longo debate, no qual diversos termos, a saber: “*catolicismo popular*”, “*religiosidade popular*”, “*religiosidade mágica*” são usados para categorizar esses costumes. Acerca desse debate, o historiador Francisco Régis Lopes Ramos se posiciona assim:

Na esteira desse procedimento hermenêutico, termos como “identidade”, “catolicismo popular”, “religiosidade popular”, “religiosidade mágica”, “cultura popular” ou ainda “religião do povo” mostram determinados limites. Tais conceitos estão inclinados a uma construção de inferências generalizantes e abstratas em face a realidade estudada. Aqui, o uso desses termos não se move pelo desejo cientificista de metodologias que procuram enquadrar, em uma mesma definição, a heterogeneidade das experiências sociais. Desse modo, enfrenta-se o desafio de vislumbrar a religiosidade como prática cotidiana feita de várias possibilidades, que, de algum modo, sempre estão em conflito com outras posições. Pode-se falar em atritos entre padres e leigos, entre católicos e outros fiéis, entre pobres e ricos, entre católicos que acreditam nos poderes do padre Cícero e os que não acreditam, entre romeiros de Juazeiro e a certa parcela de habitantes da cidade, ou ainda entre as várias formas de crer nos milagres do padre Cícero (RAMOS, 2000, p.9).

⁷ Ver: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

A crítica de Ramos é muito pertinente e nutriu em mim um desejo de pensar essas práticas católicas laicas a partir de um olhar que se origina das próprias experiências dos devotos tentando pensar os conceitos de forma que esses não estejam tão distantes da experiência vivida por essas pessoas.

Meu cotidiano estava repleto dessas figuras, grupos e crenças: romeiros, beatos, penitentes e irmandades religiosas que de uma forma ou de outra se conectavam à devoção ao padre Cícero Romão Batista⁸ e também à ideia da **penitência** como forma de redenção dos pecados e pagamento necessário para abrandar a “ira de Deus”, principalmente.

A pluralidade desses *modos de crer* que pulsavam em meu cotidiano foi, portanto, o motor que impulsionou essa pesquisa acadêmica. A cidade de Juazeiro do Norte, sul do Ceará, distante 491 km da capital Fortaleza foi escolhida por essas pessoas como um lugar sagrado e não é difícil encontrar em suas ruas, manifestações desse catolicismo laico. O município é conhecido nacionalmente por sua pulsante religiosidade, especialmente a devoção ao “santo padre” Cícero Romão Batista. Considero como marco importante desta *sacralização do espaço* do Juazeiro o evento conhecido como *milagre da hóstia*:

Na madrugada da primeira sexta-feira da quaresma de 1889, na Igreja de Nossa Senhora das Dores do povoado de Juazeiro, após uma exaustiva noite de orações e penitências oferecidas ao Santíssimo Sacramento, o padre Cícero Romão Batista (1844 – 1934) que presidia os trabalhos daquela noite, decide encerrar a vigília ministrando a comunhão da Sagrada Eucaristia às pessoas que com ele estavam. Ao receber a comunhão, a beata Maria Madalena do Espírito Santo de Araújo (1862 – 1914) é tomada por uma “veemente dor, unida ao mesmo tempo a uma grande consolação da alma”. Em sua língua, a hóstia recém-consumida transformava-se em sangue pela primeira vez e a partir daquele momento ela seria, segundo seus próprios depoimentos, a esposa fiel de Cristo com a missão de “converter os pecadores, santificar as almas e liberar as almas do purgatório”. O Sangue Precioso que ali se derramara “tanto que além do que ela sorveu, parte caiu na toalha e parte caiu mesmo no chão” teria como objetivo fazer daquele lugar “uma porta do céu e um lugar de salvação para as almas”. Segundo o padre Cícero, o fenômeno reproduziu-se durante todo o tempo quaresmal daquele ano “e principalmente as quartas e sextas feiras de cada semana [...] o que se deu também uma vez, no sábado da Paixão no mencionado ano, depois do que passaram a ser diários até a Ascensão do Senhor” (NOBRE, 2011, p.19, 20).

⁸ Cícero Romão Batista nasceu em 24 de março de 1844 na cidade do Crato, filho de Joaquina Vicência Romana e Joaquim Romão Batista ambos cratenses. Tinha duas irmãs: Maria Angélica Romana e Angélica Vicência Romana. Seu pai faleceu em 1862, vitimado pela epidemia de cólera que assolou a região em meados do século XIX. Foi estudar no Seminário da Diocese cearense aonde se formou em novembro de 1870. Voltando a sua cidade natal, assumiu em 1872 a Capela de Nossa Senhora das Dores na povoação do Juazeiro, onde mais tarde aconteceria o primeiro milagre da hóstia vertendo sangue, ao ser comungada pela beata Maria de Araújo. (NOBRE, 2012: 241)

Retorno ao tema da sacralização do espaço de Juazeiro, pois esse é um elemento central para entendermos as práticas dos grupos católicos laicos que vivem nessa localidade. O evento do *Milagre* é importante para refletirmos como se desenvolveu em Juazeiro do Norte uma *cultura religiosa* em que o laicato ganhou um papel central na manutenção de práticas que se distanciam das normas oficiais e estabelecem uma “comunicação mais próxima” com o sagrado.

Apesar de considerar o “Milagre da Hóstia” como evento impulsionador de uma sacralidade do espaço de Juazeiro do Norte, não considero esse episódio como fundador do conjunto de ideias pelas quais esses grupos católicos laicos vivem sua experiência de fé. Estas práticas são resultado de um complexo processo histórico, no qual é possível observar elementos religiosos de diversas temporalidades e origens diluídos em cerimônias, práticas cotidianas e na experiência da fé dessas pessoas.

Existe uma longa produção historiográfica sobre os eventos relacionados ao suposto milagre em Juazeiro e seus desdobramentos. Tomarei como base o levantamento feito pela historiadora Edianne Nobre⁹, no qual essa historiografia é marcada por três principais eixos:

1) Trabalhos que “acusam” o padre Cícero e os eventos de Juazeiro como produtores de um fanatismo e exploração da fé: *Joazeiro do Cariry* (1913) do padre Alencar Peixoto, *A sedição de Juazeiro* (1915) de médico e escritor Rodolfo Teófilo, *Juazeiro do padre Cícero: cenas e quadros do fanatismo no Nordeste* (1926) do Jornalista Lourenço Filho, *Padre Cícero: mito e realidade* (1968) do historiador Otacílio Anselmo e o *Apostolado do embuste* (1969) do padre Antônio Gomes de Araújo.

2) Trabalhos que exaltam e fazem apologia ao evento como milagroso e apontam o padre Cícero como um sacerdote exemplar: *Mistérios do Joazeiro*, do memorialista Manuel Pereira Diniz (1935), *O Padre e a Beata: vida do Padre Cícero* do escritor Nertan Macado (1969), *O Joazeiro do Padre Cícero* (1938), *Joazeiro do Padre Cícero e Efemérides do Cariri* (1963) do historiador Irineu Pinheiro, *Falta um defensor para o padre Cícero* (1983) do padre Antônio Feitosa, *Padre Cícero: do milagre à farsa do Julgamento* da pesquisadora Fátima Menezes (1998) e *O padre Cícero que conheci* (2001) da memorialista Amália Xavier.

3) Trabalhos em que o eixo principal para o entendimento dos eventos de Juazeiro está nos depoimentos dos devotos sejam eles romeiros, beatos ou penitentes. A autora destaca os seguintes trabalhos: *O verbo encantado: a construção do padre Cícero no imaginário dos*

⁹ Ver: NOBRE, Edianne S. *O Teatro de Deus: as beatas do padre Cícero e o espaço sagrado de Juazeiro*. Fortaleza: IMEPH, 2011(págs. 22-24).

devotos (1991) e *O meio do mundo: territórios do sagrado em Juazeiro do padre Cícero* (2001) do historiador Francisco Régis Lopes Ramos, *A terra da Mãe de Deus* (1998), da antropóloga Luitgarde Oliveira de Cavalcante Barros, *O joazeiro celeste: tempo e paisagem na devoção ao padre Cícero* (2007) do sociólogo Salatiel Barbosa e *Para onde sopra o vento: a Igreja católica e as romarias de Juazeiro do Norte* (2005) da antropóloga Renata Marinho Paz.

Chamo a atenção para esta última leva de trabalhos. Nestas obras se evidenciam a preocupação em dar visibilidade à voz dos devotos do padre Cícero que trilham caminhos individuais, mas também são fundadoras/pertencem a grupos e irmandades.

Essa visibilização da voz dos devotos opera uma mudança importante na produção acadêmica sobre o tema. A lista de trabalhos que se alinham à essa última divisão proposta por Nobre, tem aumentado exponencialmente nos últimos anos. Penso que isso se deve ao fato de que está cada vez mais visível para os historiadores e demais cientistas sociais, a importância do *cotidiano* para a pesquisa acadêmica. O olhar mais próximo aos sujeitos têm fornecido compreensões cada vez mais complexas sobre a sociedade.

A minha esteira de análise se afunilava: de uma investigação sobre o sentimento genérico do *medo* a partir de práticas de múltiplas religiões, meu interesse fixou-se nas práticas de um *catolicismo laico* em Juazeiro do Norte. Ainda que essa redução de escala me possibilitasse ver mais de perto aquilo que pretendia pesquisar, observei que existe um grande espaço de diferenças nos modos de crer/temer que eu estava conhecendo. Foi no dia dois de novembro de 2012 que vivenciei a experiência definidora dos limites e possibilidades desta empreitada: o encontro com o emblemático penitente no cemitério do Socorro com sua pregação forte e sua voz penetrante.

Senti-me como *Alice* entrando na toca do coelho: apesar de ser juazeirense e ver todos os dias rituais de um catolicismo laico, nunca algo tinha me impressionado tanto. A partir das ideias apresentadas pelo penitente em seu sermão naquele momento, eu pude perceber que além da pregação forte tendo como mote a ideia de *castigo divino*, outros elementos centrais para a minha pesquisa se apresentavam ali.

Comecei a pensar então, que existia uma tradição religiosa, um modelo de vida e de crença, compartilhado não só por aquele homem, mas por várias pessoas que o cercavam e o acompanhavam: os **Penitentes Peregrinos Públicos**. Aos poucos, consegui entrar em contato com outros membros desta irmandade e conhecer melhor as suas crenças e ritos. O grupo hoje não tem uma sede oficial, entretanto, a maioria dos seus membros mora no bairro Tiradentes, em ruas distantes da “agitação” rotineira de Juazeiro.

“Penitentes do braço da Cruz”, “Aves de Jesus”, “Azulzinhos”, “Penitentes do Rosário da Mãe de Deus”, “Borboletas Azuis”¹⁰, “Penitentes Peregrinos Públicos”¹¹: só é possível entrar no mundo dessa irmandade se estivermos dispostos a abandonar as explicações simples, os preconceitos e quisermos ampliar nossa visão de mundo a partir de um *pensamento complexo*. Para guiar os leitores através desse novo mundo, considero importantes algumas explicações prévias sobre os principais acontecimentos da irmandade e alguns apontamentos teóricos que servirão como bússola nesta viagem pelos caminhos do *sagrado* entre os PPP.

José e Marias “Aves de Jesus”: Os Penitentes Peregrinos Públicos

A maioria das narrativas converge para o surgimento do grupo na década de 1970 quando um homem chamado José sai de sua cidade natal, Caruaru, Pernambuco, acompanhado de sua esposa Regina, para a cidade de Juazeiro do Norte, interior do Ceará, movido por um profundo chamado espiritual que o aconselhava a fixar residência nessa cidade, onde uma importante missão era destinada a ele.¹²

Quando chegou à Juazeiro do Norte, José encontrou com a porta voz do seu chamado interior: **Madrinha Ângela do Horto**. Essa senhora, tal como um *anjo* que anuncia as missões para os escolhidos celestes, ensinou José e Regina a viverem um novo modelo de vida: ascético, humilde, devoto. Após passar uma temporada aprendendo com essa senhora a “morrer para o mundo”, José foi consagrado **Mestre José Aves de Jesus** e liderou até 2000, ano de sua morte, a irmandade de Penitentes Peregrinos Públicos.

Em linhas gerais, esse grupo de penitentes, tem como meta a redenção dos pecados e a salvação a partir da mendicância, peregrinação e privação dos bens materiais. Nas suas casas (pelo menos até o ano 2000 enquanto o Mestre José estava vivo) não existia água encanada, nem energia elétrica. Todos os homens e mulheres que adentrassem no grupo

¹⁰A maioria das denominações aqui citadas, são aceitas pelo grupo. Entretanto, o título de “Borboletas Azuis”, por vezes, foi veemente rejeitado. A comunidade “Borboletas Azuis” é originária de Campina Grande, na Paraíba, e iniciou suas atividades também na década de 1970. Vestem-se de azul e proclamam o fim do mundo através de um dilúvio. Os adeptos desse grupo formaram uma comunidade chamada Jesus no Horto com a doutrina Católica composta por cerca de 700 membros e estocaram alimentos à espera do dilúvio que ocorreria no dia 13 de maio de 1980.

¹¹ Escolho a denominação Penitentes Peregrinos Públicos em respeito a fala dos penitentes que se identificaram assim desde a primeira entrevista que tive oportunidade realizar. Usarei, a partir desse momento, a sigla PPP, para referir-me aos Penitentes Peregrinos Públicos tendo em vista uma melhor fluidez do texto.

¹² As narrativas sobre a origem do grupo e sua primeira formação serão apresentadas no decorrer dos capítulos. Para um conhecimento prévio da comunidade ver: CAMPOS, Roberta Bivar C; “**Contaço de ‘causos’ e negociação de verdade entre os Aves de Jesus, Juazeiro do Norte – CE**”. Etnográfica [Online], vol. 13 (1) | 2009. CARVALHO, Anna Christina Farias de. **Sob o signo da fé e da mística: um estudo das irmandades de penitentes no Cariri cearense**. 1. Ed. – Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.

passavam por um ritual chamado de “Batismo da Cruz”, no qual eram queimados todos os seus documentos oficiais e “renasciam” com um novo nome para uma “nova vida”. Os homens passam a ser conhecidos como José Aves de Jesus e as mulheres Maria Aves de Jesus.

Durante a pesquisa de campo¹³, tomei conhecimento da produção acadêmica específica sobre esta irmandade. Até o presente momento, constatei que existem três trabalhos sobre os PPP: *Quando a tristeza é bela: O sofrimento e a constituição do social e da verdade entre os Aves de Jesus (2013)*, da antropóloga Roberta Bivar C. Campos; *Sob o signo da fé e da mística: um estudo das Irmandades de Penitentes no Cariri cearense (2011)*, da antropóloga Anna Christina Farias de Carvalho; e *Entre o rosário e a Missão: análise sociológica sobre o movimento milenarista Ave de Jesus (2003)*, do sociólogo Julio Cesar Campos Ferreira.

As inquietações da antropóloga Roberta Bivar C. Campos sobre esse grupo¹⁴ pautam-se especialmente na investigação sobre o *sofrimento* e a *constituição social* e da *verdade* a partir das narrativas dos PPP. A autora realizou uma cuidadosa pesquisa etnográfica no momento em que o grupo ainda era organizado por seu primeiro líder: Mestre José. Campos entende que os penitentes estão imersos em uma *cultura bíblica*¹⁵, em que acontece uma “transformação de imagens bíblicas em representações concretas e o seu reverso, a subjetivação da natureza e a transformação de elementos da paisagem em ícones e emblemas sagrados” (CAMPOS, 2013, p.37). A autora ainda se utiliza das categorias: *misericórdia, compaixão e penitência*, entendendo-as como um elo que une os Penitentes Peregrinos Públicos aos romeiros que jornadeiam até a cidade de Juazeiro do Norte. Para Campos, é através dessa apropriação das escrituras bíblicas que os penitentes elaboram suas práticas:

Essa comunidade acredita viver em tempos bíblicos, sendo os eventos da Bíblia parte de sua própria história. Em outras palavras, os eventos e personagens bíblicos aconteceram e viveram nas redondezas do Juazeiro do Norte. [...] A Bíblia, os causos, os benditos, além de serem gêneros narrativos de forma e conteúdo estéticos, funcionam como modelos de conduta. Através da Bíblia os Ave de Jesus aprendem a ser caridosos,

¹³ Iniciei a pesquisa de campo em novembro de 2012. As entrevistas utilizadas nesse trabalho são de novembro de 2012, março de 2014, junho de 2015, abril, maio e junho de 2016 e janeiro, fevereiro e março de 2017.

¹⁴ Campos refere-se a esse grupo a partir do nominativo “Aves de Jesus” por conta da forma como essas pessoas abandonam seus nomes dos registros oficiais e são “batizados” para uma nova vida.

¹⁵ O conceito de cultura bíblica foi lapidado pelo antropólogo Otávio Velho no seu livro: “A besta-fera: a recriação do mundo” onde ele “difere da interpretação clássica do fenômeno messiânico enquanto movimento social, investigando-se seu caráter revolucionário, reformador ou conservador, e propõem sua compreensão como manifestação cultural”. Ver: VELHO, Otávio. 1995. **Besta-Fera: Recriação do Mundo**. Ensaios de Crítica Antropológica. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

misericordiosos etc. As imagens bíblicas associadas a tais emoções são constantemente produzidas e reproduzidas através dos causos, benditos e da prática da mendicância (CAMPOS, 2013, p.230).

Penso essa problemática através de uma perspectiva diferente. Nas entrevistas que realizei, também pude perceber elementos bíblicos imbricados nas falas dos penitentes, contudo, uma forte resistência ao uso da Bíblia aparecia em quase todas as falas. Uma questão paradoxal se apresenta aqui: Por que esse grupo de penitentes rejeita o uso da Bíblia em seus rituais e práticas e ao mesmo tempo encontramos em suas narrativas elementos bíblicos? Ao ser questionado sobre a importância da Bíblia, o penitente João José Aves de Jesus afirma o seguinte:

Roberto Viana: O que o senhor acha da Bíblia?

João José Aves de Jesus: Eu quero só dizer a você que o que disser hoje aqui se você fizer uma reunião com vinte e cinco países pode dizer o que eu estou dizendo aqui. Se precisar de minha presença na palavra eu vou pro mei deles que nem um gato desses sem fazer mal a ninguém. Só pra pegar os rato que aparecer pra dizer que essa Missão não é verdadeira. Por que nós num pega não é pra rasgar não como o gato pega o rato não. Nós pega é pra segurar a palavra da verdade. Aqui é a Missão! Nós pode ver daqui por diante pra vinte e cinco países que essa Missão ela grita na frente de todas as bíblias do mundo! Nem que o diabo não queira!¹⁶

A “Missão”, a qual João José se refere é o livro “Missão Abreviada” escrito em Portugal no ano de 1859 pelo padre Manuel José Gonçalves Couto. Essa obra é importantíssima para os membros do grupo sendo considerada mais importante que a Bíblia. Essa obra foi considerada como a “bíblia das aldeias”¹⁷ tanto em Portugal quanto no Brasil pois a sua utilização insere-se no contexto das “Santas Missões Populares” do século XIX, no qual existe um grande apelo para a atuação dos *leigos* em ritos que antes só eram realizados sob a supervisão de um sacerdote.

Nesse sentido a Missão Abreviada ganha um significado valioso para a vida religiosa nessas comunidades. Esse manual de certa forma ratifica um poder atribuído aos leigos, ou seja, a partir das interpretações desse manual, o leigo recebe a autoridade de “fazer oração pública” e ministrar pequenos ritos sem a intervenção de um sacerdote. A Bíblia representa a força institucional, tanto da Igreja Católica como de outras denominações cristãs a exemplo

¹⁶ Entrevista realizada no dia 07 de Junho de 2015.

¹⁷ MARQUES, João Francisco de. *O rigorismo na Espiritualidade Popular Oitocentista: o contributo da Missão Abreviada*. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE PIEDADE POPULAR, 1998, Lisboa. **Actas do Colóquio Internacional de Piedade Popular:** Sociabilidades, representações e espiritualidades. Lisboa: Terramar, 1999. 620 p.

dos Protestantes. Segundo os PPP essas pessoas rejeitaram o livro que é o manual de vida da comunidade, a Missão Abreviada.

É válido ressaltar que a atuação de leigos em pequenos rituais católicos é bem anterior ao uso da Missão Abreviada, remontando inclusive ao medievo. A importância dessa obra para o grupo insere-se na retomada dessas práticas leigas em um momento histórico no qual a Igreja tenta reordenar a *crença* para uma padronização dos cultos e realocação do papel desses sujeitos na instituição¹⁸.

No trabalho da socióloga Ana Christina de Carvalho, *Sob o signo da fé e da mística: um estudo das irmandades de penitentes do Cariri cearense (2011)*, a “Missão Abreviada” ganha, pela primeira vez, um destaque nos estudos acadêmicos sobre essa irmandade. Segundo a autora, esse livro era tido como uma relíquia entre os membros do grupo e apenas alguns eleitos poderiam manusear a obra:

A mística que envolve a *Missão Abreviada* pode ser aproximada de uma verdadeira devoção, pois envolve além do culto ao livro enquanto representação do sagrado, atitudes e ritos de veneração. Esta inter-relação promove uma negociação com o sagrado que reverte o objeto em *reliquia*, enquanto parte do sagrado. No imaginário dos Penitentes Peregrinos, encarna o próprio Deus objetivado. O livro nos foi mostrado, não sem antes termos sido advertidos que não poderíamos pegar ou tocar “na Santa Missão Abreviada”, só os devotos podem manusear o livro (CARVALHO, 2011, p. 71,72).

Além da “Missão Abreviada” é possível perceber a importante presença de outros textos na construção da cosmovisão dos PPP. Ainda segundo a socióloga, a base doutrinária do grupo foi fortemente influenciada pelos ensinamentos do padre Cícero Romão Batista, especialmente em um texto que foi atribuído a ele: “A Machadinha de Noé”. Esse texto é uma espécie de aviso do padre Cícero para seus fiéis sobre o iminente fim dos tempos, crença importante na cosmovisão dos PPP, especialmente nos primeiros anos da irmandade. O ápice da propagação dessas ideias aconteceu no ano 2000 quando o Mestre José teria afirmado que o mundo iria acabar. Nesse mesmo ano o primeiro líder da comunidade faleceu e o grupo começou a elaborar novas formas de atuação em Juazeiro do Norte.

Tanto o trabalho de Roberta Campos quanto o de Ana Christina de Carvalho não contemplam a formação do grupo após a morte do Mestre José e as transformações que a comunidade passou após esse acontecimento. Entra em cena o trabalho do também sociólogo Júlio César Ferreira *Entre o rosário e a Missão: análise sociológica sobre o movimento*

¹⁸ Discutirei com maior profundidade essa questão especialmente no Capítulo 1 dessa dissertação.

milena *Ave de Jesus* (2003). Em sua dissertação de mestrado o autor discute os significados sociológicos das práticas do grupo a partir do conceito de *milena*, tendo como base as narrativas colhidas, especialmente, de um dos mais importantes penitentes dentro da irmandade e que, segundo o autor, tornava-se um novo líder: Manoel Aves de Jesus, chamado também de Olício.

Acredito que é arriscado analisar a atuação desta irmandade através de um conceito tão restritivo quanto o do *milena*, apesar de, em algum momento os PPP aproximarem-se dessas práticas. Meu esforço será o demonstrar que, muitas vezes, as práticas dessas pessoas escorregam por entre as definições teóricas. No trabalho de Júlio César, é possível perceber também, uma preocupação em descrever os principais ritos públicos do grupo: *hasteamento das bandeiras marianas*, culto à *Missão Abreviada* e usos do *Rosário da “Mãe de Deus”*.

Interpreto que as ferramentas analíticas do campo histórico podem contribuir para o entendimento das relações sociais e culturais que envolvem essa irmandade, somadas às interpretações correntes do campo da sociologia e antropologia.

A partir da pesquisa de campo e das narrativas que escutei junto aos penitentes, pude perceber que Mestre José não deixou sucessores para o seu cargo em vida. Sendo assim dois penitentes começaram a exercer uma influência de liderança dentro do grupo: João José Aves de Jesus (o senhor que encontrei no dia de finados) e Manoel Aves de Jesus, dito Olício. Apesar dos dois penitentes terem participado das mesmas atividades e terem como principal tutor o Mestre José, eles discordavam em muitos pontos acerca do rito da penitência, prática fundamental do grupo.

As diferenças entre as visões dos dois penitentes marcaram de forma muito profunda a história da irmandade, e, influenciaram sobremaneira, a formação do grupo que conheci em 2012. João José começou a elaborar um audacioso projeto de restauração, reimpressão e distribuição da “Missão Abreviada”. Para desempenhar tal projeto, ele rompeu com um dos principais fundamentos do grupo: “não comerciar, nem pegar em dinheiro que não fosse de esmola”.

Além dessa questão, existia outra barreira importante: a “Missão Abreviada” era tida como uma *reliquia*, guardada como um tesouro pelo antigo Mestre. O manuseio da Missão era permitido apenas ao líder e poucos eleitos. Com as modificações implantadas por João José, qualquer pessoa poderia adquirir um exemplar do livro e interpretar suas escrituras.

João José formou em sua casa, um núcleo de estudo, propagação e produção da “Missão Abreviada” que ele chamou de “A casa da Missão”. A iniciativa de João José foi, a

princípio, admirada pelos demais membros do grupo, no entanto, com o passar dos anos esse senhor foi trilhando um caminho cada vez mais solitário.

Outra liderança importante após a morte do mestre José foi a do penitente Manoel Aves de Jesus, o Mestre Olício. A maioria dos integrantes do grupo, enxergava neste homem o “melhor discípulo do Mestre José” e em sua curta liderança, de 2000 até 2009, este penitente conquistou novos membros para o grupo e reafirmou a rígida disciplina que uma pessoa deveria seguir caso quisesse se tornar um PPP.

Entre os novos membros conquistados pelo mestre Olício, estava uma família composta por um vendedor de ervas medicinais e exímio conhecedor da vida dos santos e história da Igreja, senhor Francisco; uma vendedora autônoma e uma verdadeira “médica do mato”, Dona Maria; os filhos do casal: Isabel, Isaac e o mais novo penitente da irmandade: Israel Aves de Jesus, na época da conclusão deste trabalho com 22 anos. Esta família desempenhou um papel fundamental para entendermos a história contemporânea dos PPP e as *táticas* usadas pelo grupo para *fincarem suas raízes* no século XXI.

Mesmo com todos os esforços de João José e a liderança rígida de Olício, pouco a pouco, o grupo foi perdendo o número de membros, por morte, desinteresse ou ainda, pelas rígidas regras impostas. As esposas dos penitentes falecidos que, segundo as regras originais do grupo, não poderiam falar em entrevistas, nem pregar em público, se tornaram, assim, as principais vozes da comunidade. Grande parte deste trabalho ancora-se nas falas destas mulheres, cuja voz fora negada outrora.

Essa transformação muda a História de maneira sensível. A narrativa feminina diferencia-se sobremaneira dos relatos masculinos. A experiência trazida por essas mulheres modifica o entendimento da tradição contada e recontada pela voz masculina. Nesse sentido, a historiadora Joan Scott nos lembra que:

[...] não foi suficiente para os(as) historiadores(as) das mulheres provar ou que as mulheres tiveram uma história ou que as mulheres participaram das mudanças políticas principais da civilização ocidental. No que diz respeito à história das mulheres, a reação da maioria dos(as) historiadores(as) não feministas foi reconhecê-la, colocá-la em um domínio separado ou descartá-la (“as mulheres têm uma história separada da dos homens, portanto deixemos as feministas fazer a história das mulheres, que não nos concerne necessariamente” ou “a história das mulheres trata do sexo e da família e deveria ser feita separadamente da história política e econômica”). No que diz respeito à participação das mulheres na história, a reação foi, no melhor dos casos, de um interesse mínimo (“Minha compreensão da Revolução Francesa não mudou quando eu descobri que as mulheres participaram dela”). O desafio lançado por este tipo de reação é, em última instância, um desafio teórico. Ele exige a análise não só da relação entre experiências

masculinas e femininas no passado, mas, também, a ligação entre a história do passado e as práticas históricas atuais. Como é que o gênero funciona nas relações sociais humanas? Como é que o gênero dá um sentido à organização e à percepção do conhecimento histórico? As respostas dependem do gênero como categoria de análise (SCOTT, 1995, p.74).

O entendimento da participação feminina na História desse grupo é fundamental para a compreensão de sua crença e da forma como suas práticas ganham corpo dentro do espaço de Juazeiro. Dedicarei, ao longo dessa dissertação, um importante lugar para o debate da *história das mulheres* do grupo de penitentes, tendo em vista a transformação que o relato dessas personagens/narradoras operaram na forma de contar essa história.

A partir da análise dos trabalhos anteriores e da pesquisa de campo, é possível estabelecer uma questão principal, que norteia nosso caminho investigativo: procurou-se compreender aqui de que forma os grupos remanescentes do modelo religioso pregado por Mestre José Aves de Jesus, Penitentes Peregrinos Públicos, (uma vertente do Catolicismo laico penitencial) negociaram/transformaram/ressignificaram a memória da tradição inaugurada pelo mestre, uma espécie de passado que não quer acabar, um *passado perpétuo*.

À medida que os problemas deste trabalho ganhavam foco, uma questão aparecia nos debates: como analisar a *crença* dos P.P.P sem resumi-la a conceitos tão homogeneizantes como o *popular*, ou ainda, o *milénarismo*? O historiador Michel de Certeau no livro *Invenção do cotidiano* já alertava para as armadilhas que cercam esse trabalho de aproximação da academia às práticas cotidianas. Para Certeau, a *linguagem artificial*, ou seja, a linguagem técnica, do *perito*, exerce um poder sobre as práticas sociais. Ao substituir aqui os termos *catolicismo popular* e *cultura popular* pela denominação *catolicismo laico/penitencial* não estou me esquivando dessas “amarras” conceituais, penso, ao contrário, que estou “estreitando” o campo de análise para um lugar menos homogeneizante. Um dos papéis do historiador, enquanto *perito* é incluir a experiência e a tradição no debate acadêmico utilizando-se das ferramentas conceituais que dispõe.

A crença na encruzilhada: Oralidade, Cultura e História.

Existe um amplo debate na historiografia¹⁹ sobre o uso do *popular* atrelado a outros conceitos como *cultura*, *religiosidade* e *catolicismo*. Ao mesmo tempo em que visualizo a importância de destacar o *popular* dentre tantas outras práticas oficiais, ortodoxas e de “elite”,

¹⁹ Ver os trabalhos de Chartier (1995), Certeau (2012), Canclini (1998), Ginzburg (2006), Bakhtin (2013) e Davis (1990).

penso que existem alguns problemas nos usos dessa categoria de análise: o primeiro diz respeito à *homogeneização* de um conjunto de práticas, muitas vezes distintas, sob o rótulo de popular; o segundo problema parte da ideia de que existe uma *pureza* ou *essencialidade* no popular e por fim, que essa categoria está em um núcleo separado do *erudito* formando um conjunto de práticas que não se relacionam, de nenhuma forma, com o *oficial* e “*culto*”.

Uma questão que precisa ser esclarecida desde já é que tanto o *popular* quando o *catolicismo laico penitencial* são categorias conceituais. Os sujeitos que são classificados nessa conceituação muitas vezes não se reconhecem assim. Trata-se, portanto, de um esforço de natureza intelectual no sentido de conduzir um debate compreensível para os não praticantes e demais estudiosos dessas áreas.

Penso que a compreensão do que é *popular* pode ser formulada a partir de três ideias principais: 1) Não existiu, nem existe um “apagamento” do popular, 2) Não existe uma essencialidade na cultura, ou seja, uma raiz, essência ou origem das práticas culturais, 3) existe uma *circularidade cultural*, no sentido empregado por Bakhtin, entre aquilo que convencionou-se chamar de oficial/erudito com o popular.

Mais profícuo que o debate sobre se a crença dos PPP encaixa-se ou não nas linhas do debate do *popular* é entender quais *indícios* contidos nas narrativas dos PPP, apontam para a formação de uma crença que, tal como uma teia de aranha, liga-se a múltiplas formas, temporalidades e estruturas *místicas* e *míticas*.

Nesse sentido existem alguns elementos da crença dos PPP que encontram eco em outras formas de viver o *sagrado* e que são valiosos para a compreensão da formação das principais práticas do grupo. Considero que os PPP inserem-se em uma tradição semelhante à dos *movimentos sociorreligiosos* do Nordeste brasileiro²⁰ nos séculos XIX e primeira metade do século XX.

O século XIX é palco de uma série de mudanças que transformaram significativamente a atuação da Igreja Católica no Brasil. Entre essas modificações está uma *reforma religiosa*, por vezes chamada de *romanização*, em que elementos *ultramontanos* formaram sua base doutrinária. Segundo o historiador Ítalo Domingos Santirocchi,²¹ essa reforma pode ser caracterizada:

²⁰ Para citar alguns exemplos: Canudos (Bahia, séc. XX), Caldeirão da Santa Cruz do Deserto (Ceará, séc. XIX), Movimento Pau de Colher (Bahia, séc. XX), Questão religiosa em Juazeiro (séc. XIX e XX), Movimento Borboletas Azuis (Paraíba, séc. XX).

²¹ Ver: SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização - Ultramontanismo - Reforma. *Temporalidades: Revista Discente do Programa de Pós-graduação em História da UFMG, Minas Gerais*, v. 2, n. 2, p.24-33, agosto/setembro 2010.

Por uma série de atitudes da Igreja Católica, num movimento de reação a algumas correntes teológicas e eclesiais, ao regalismo dos estados católicos, às novas tendências políticas desenvolvidas após a Revolução Francesa e à secularização da sociedade moderna. Pode-se resumi-lo nos seguintes pontos: o fortalecimento da autoridade pontifícia sobre as igrejas locais; a reafirmação da escolástica; o restabelecimento da Companhia de Jesus (1814); a definição dos “perigos” que assolavam a igreja (galicalismo, jansenismo, regalismo, todos os tipos de liberalismo, protestantismo, maçonaria, deísmo, socialismo, casamento civil, liberdade de imprensa e outras mais), culminando na condenação destes por meio da Encíclica *Quanta cura* e do “Sílabo dos Erros”, anexo à mesma, publicados em 1864. (SANTIROCCHI, 2010, p.24).

A política romanizadora em fortalecer a autoridade pontifícia sobre as igrejas locais, constituiu uma forte influência no sentido de definir os limites daquilo que seria *oficial* dentro da Igreja, e daquilo que era *popular*. Para a historiadora Cristina Pompa, nos *movimentos sociorreligiosos* desenvolvidos no Nordeste brasileiro é possível encontrar diversas evidências desse *catolicismo popular* que destoava da política romanizadora:

Os movimentos sociorreligiosos do Nordeste brasileiro são as manifestações mais visíveis e impressionantes de um peculiar catolicismo popular: uma religiosidade penitencial e apocalíptica, uma “cultura do fim do mundo” difundida por predicadores errantes e praticada de forma autônoma, às vezes convivendo e às vezes conflitando com a Igreja oficial e seus ministros. Entre o início do século XIX e meados do XX essa religiosidade foi a linguagem pela qual certos grupos camponeses exprimiram sua vontade de destruir o mundo injusto e reconstruí-lo de uma outra maneira. A utopia social sertaneja projetava assim a transformação das relações de poder num futuro escatológico, mas ao mesmo tempo a efetivava na realidade cotidiana das “vilas santas”, onde a vida se definia pela fórmula do “somos todos irmãos”. (POMPA, 2004, p.71)

É inegável a íntima relação que existe entre os grupos analisados por Pompa e os PPP²². Um dos elementos chave para a compreensão da tradição religiosa que envolve os PPP pauta-se no entendimento de que existe uma *circularidade*²³ entre uma cultura predominantemente oral e um conjunto de livros sagrados, textos e manuais que são

²² É preciso lembrar que a aproximação que estabeleço entre esses *movimentos sociorreligiosos* e os PPP está muito mais ligada a uma *circularidade* de ideias a partir da leitura de livros de piedade em comum e de uma tradição religiosa do que no sentido do enfrentamento direto a uma ordem vigente. Reconheço elementos de transgressão e ressignificação de práticas ditas ortodoxas no caso dos PPP, entretanto, essas ações estão muito mais ligadas a uma espécie de resistência *tática*, tal como Certeau (2012) teorizou, do que na formação de um movimento de enfrentamento direto como foi o caso de Canudos ou Pau de Colher.

²³ Ver: BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. 8. ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2013. Tradução de Yara Frateschi Vieira; e GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Tradução: Maria Betânia Amoroso.

ressignificados por esses penitentes legitimando as suas práticas e elaborando profundas modificações na forma de se praticar a fé.

A partir das ideias do crítico literário Mikhail Bakhtin, o historiador italiano Carlo Ginzburg analisou as relações de circularidade entre uma cultura predominantemente oral e a cultura erudita/escrita. O autor analisa o caso do moleiro friulano Domenico Scandella, conhecido por Menocchio. A partir de uma ressignificação de leituras ditas intelectuais e de uma experiência religiosa calcada tanto na coletividade quanto na individualidade, Menocchio elaborou curiosas teses sobre a formação do mundo, vida de Cristo, dos santos e dogmas católicos que acabaram causando-lhe a condenação a morte por heresia no século XVI:

As confissões de Menocchio, o moleiro friulano protagonista deste livro, constituem, em certa medida, um caso semelhante ao dos *benandanti*. Aqui, também, a irredutibilidade de parte dos discursos de Menocchio a esquemas conhecidos aponta para um estrato ainda não examinado de crenças populares, de obscuras mitologias camponesas. Mas o que torna muito mais complicado o caso de Menocchio é o fato de esses obscuros elementos populares estarem enxertados num conjunto de ideias muito claras e consequentes, que vão do radicalismo religioso ao naturalismo tendencialmente científico, às aspirações utópicas de renovação social. A impressionante convergência entre as posições de um desconhecido moleiro friulano e as de grupos intelectuais dos mais refinados e conhecedores do seu tempo repropõe com toda força o problema da circularidade da cultura formulado por Bakhtin. (GINZBURG, 2006, p.19)

A ideia de que a cultura *circula* entre os grupos, é essencial para compreender a história dos PPP. A todo instante, é possível encontrar em suas narrativas elementos que remontam à história da Igreja, tratados religiosos, vida dos santos, referências à pressupostos científicos, tudo isso como ferramentas na elaboração de um discurso que seja verossímil para aquelas e aqueles que vivem o sagrado dessa forma.

Esses elementos não são características exclusivas do grupo aqui estudado. É muito comum, inclusive, que os PPP sejam confundidos com beatos, romeiros ou ainda com integrantes de outros grupos de penitentes. Apesar das fronteiras entre esses grupos estarem “borradas”, considero ser importante destacar algumas características singulares de cada uma dessas comunidades.

Penitentes, Beatos e Romeiros: viver em comunidade (?)

A antropóloga Roberta C. Campos considera que as fronteiras identitárias entre beatos, penitentes e romeiros estão “borradas”. Um romeiro, tal qual foi Mestre José inicialmente, pode realizar práticas penitenciais, sem, no entanto, ser considerado um penitente: “os romeiros, na verdade, tornam-se penitentes em tempo ritual – quando em romaria, em peregrinação; quando infligem a eles próprios sofrimento físico em pagamento a promessas” (CAMPOS, 2013, p.37).

A despeito de entender que as linhas que dividem essas práticas estão “borradas”, como ressaltou Campos, considero ser possível visualizar algumas diferenças entre as *artes de fazer* desses sujeitos. Neste sentido, a socióloga Ana Christina de Carvalho ousou tentar delimitar as práticas que são próprias dos penitentes:

[...] penitentes são integrantes de irmandades (de leigos não oficializados) que se penitenciam com vistas à salvação individual ou coletiva, autoinfligindo castigo corporais e/ou psicológicos (autoflagelação através de chicotadas, danças votivas, mendicância itinerante, longas caminhadas acompanhadas de orações e benditos, privações materiais, entre outras práticas rituais); obedecem a um líder espiritual (Mestre, Decurião); praticam um catolicismo devocional e são agentes de um campo religioso que professa uma determinada visão de mundo: a salvação pela mortificação corporal e/ou espiritual. (CARVALHO, 2011, p.14-15)

Compreendo ser arriscado estender essa definição para todos os sujeitos que se consideram partícipes de um grupo de penitentes. Ainda que a definição de Carvalho contemple muitas das formas de se praticar a penitência, considero que algumas características mais particulares da devoção de determinados grupos podem acrescentar novos elementos a essa definição. É importante lembrar que a História é também feita de rupturas e descontinuidades. O desejo por uma “definição fechada” do que seria um penitente pode nos levar para o caminho perigoso da busca de uma “essência” da penitência. Ratifico, pois, que “a *démarche* natural de qualquer pesquisa é ir do mais ou menos conhecido ao mais obscuro” (BLOCH, 2001, p.67). A vivência escorrega por entre as definições.

Tendo como base as narrativas dos PPP e a definição de Carvalho, observo que, apesar da penitência ser intrínseca à vivência cristã, os grupos que se organizam ao redor desse elemento devocional elaboram práticas diversas. Ao construírem esses elementos diferenciadores, cada um desses grupos concebem pequenas *comunidades* dentro da devoção mais geral na *comunidade cristã*. Certifico ainda que, mesmo tentando apontar essas particularidades de cada grupo, sempre sobrarão um *não dito*, uma pista que não pode ser seguida até o fim, nesses mistérios que cercam o cotidiano de um *mundo sagrado*.

Apesar de realizarem práticas penitenciais, por exemplo, os romeiros só podem ser vistos como *penitentes* quando ingressam em um grupo que assume essa forma de identificação. Romeiros e Penitentes participam, portanto, de *comunidades* diferentes. O sentido de *comunidade* vivido entre esses sujeitos é o que os aproxima e também o que os diferencia. É preciso, portanto, assumir uma *identidade* de grupo para a consolidação dessas *comunidades*.

Penso que, para a efetiva constituição de uma *comunidade*, existem dois elementos que não podem ser deixados de lado: a *memória* e a *identidade*. O historiador Michael Pollak, ao analisar as questões que envolvem o debate entre *memória* e *identidade social* afirma que ao mesmo tempo em que a memória é um “fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes”, é preciso destacar que “também na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis” (POLLAK, 1992, p.201). Ainda segundo Pollak, essa memória pode ser quase que *herdada*, ou seja:

É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada. De fato, podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação (POLLAK, *idem*).

A transformação dessa *memória herdada* pelos grupos católicos leigos em práticas que se aproximam e distanciam-se da *memória coletiva*, gera um sentimento de *identidade* nessas pessoas que, segundo minha interpretação, formariam *comunidades* ao tecerem práticas *identitárias* que as tornam minimamente diferentes umas das outras. Sobre uma construção *identitária* a partir da *memória*, Pollak afirma:

Nessa construção da identidade – e aí recorro à literatura da psicologia social, e, em parte, da psicanálise – há três elementos essenciais. Há a unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam o indivíduo são efetivamente unificados. De tal modo isso é importante que, se houver ruptura desse sentimento de unidade ou continuidade, podemos observar fenômenos patológicos. Podemos portanto dizer que a *memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade* [grifos do autor], tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator

extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstituição de si (POLLAK, 1992, p. 204).

Essas tênues diferenças identitárias também podem ser observadas em outra comunidade católica laica muitas vezes analisada como “sinônimo” de romeiros e penitentes: os beatos (as). De forma simplificada podemos pensar os beatos e beatas como católicos que formam uma ordem laica, e que geralmente é regulamentada/liderada por um sacerdote. O padre consagra, de forma particular e não oficializada, um conjunto de pessoas para auxiliá-lo nas atividades cotidianas da paróquia e viver de acordo com um conjunto de regras que podem incluir, muitas vezes, o ascetismo e castidade. A vida ascética e repleta de rituais penitenciais de alguns beatos contribui para essa associação imediata entre esses sujeitos e integrantes de irmandades de penitentes.

As irmandades de beatos, existentes pelo menos desde o medievo²⁴, encontram uma nova institucionalização no Cariri cearense especialmente após a atuação, no século XIX, do padre José Antônio Maria Ibiapina, conhecido por Padre (ou Mestre) Ibiapina. Este sacerdote nasceu perto da cidade cearense de Sobral no ano de 1806. Entre 1860 e 1876 padre Ibiapina peregrinou pelos estados do Piauí, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará estabelecendo tanto obras assistenciais (construção de poços, açudes, igrejas, cemitérios) quanto organizando o culto católico de uma maneira própria. De acordo com a historiadora Edianne Nobre²⁵:

Fazia parte do projeto de Ibiapina investir principalmente na educação religiosa feminina e mesmo sem autorização canônica ele criou em todas as Casas um regulamento que obedecia aos preceitos das ordens femininas, inclusive *autorizando* votos de pobreza, obediência e castidade. As mulheres que entravam para esse grupo recebiam um manto preto e o título de *beata* que acrescentavam sempre à frente do seu primeiro nome. É importante ressaltar que Ibiapina tinha autorização diocesana para executar seus projetos sociais, mas, o poder de conferir títulos de beata vinha mais do apoio popular (NOBRE, 2011, p.16-17).

As beatas estavam, portanto, vinculados aos cuidados de um sacerdote mesmo que sua função não fosse reconhecida por nenhum regimento oficial da Igreja Católica. Após uma série de medidas que iam de confronto com os ideais *romanizadores* da Igreja Católica, ainda segundo Nobre, a Diocese do Ceará sob as ordens de Dom Luís Antônio dos Santos (1817 –

²⁴ Ver: BORGES, Célia Maia. As mensageiras do senhor: A situação ambígua das beatas na Península Ibérica - Séculos XVI a XVIII. In: ASSIS, Angelo Adriano Farias de; PEREIRA, Mabel Salgado (org). **Religiões e Religiosidades**: Entre a tradição e a modernidade. São Paulo: Paulinas, 2010. Cap. 1. p. 15-28.

²⁵ Ver: NOBRE, Edianne dos Santos. Caminhos de santidade: as biografias espirituais das beatas de Ibiapina no jornal "A voz da Religião no Cariri" (1868 - 1870). **Revista Nures**, São Paulo, n. 19, p.15-40, set. 2011.

1891) decidiu pela expulsão do padre Ibiapina em 1872 “sendo obrigado ainda a entregar a direção das Casas de Caridade à Diocese” (NOBRE, 2011, p.66).

O eco das ações de Ibiapina pode ser observado em vários momentos posteriores, como, por exemplo, nas ações do padre Cícero Romão. A configuração institucionalizada por Ibiapina é uma das bases das práticas beatas em Juazeiro do norte na contemporaneidade: “Atualmente, ‘beato (a)’ designa aquele sujeito que pertence ao laicado e ajuda o clérigo local nos assuntos diários da paróquia e suas festividades, sem que necessariamente pratique a penitência” (CAMPOS, 2013, p.36).

A este quadro de práticas religiosas que habitam o *sagrado* de Juazeiro, soma-se ainda a atuação de outros grupos de penitentes que incorporam interpretações diferentes da prática penitencial, mas que mantém uma estreita relação com a comunidade aqui estudada. Os grupos de penitentes que se destacam no Cariri cearense, além dos P.P.P, são, principalmente: a *Irmandade da Cruz (Penitentes do sítio Cabeceiras)* na cidade de Barbalha e os *Penitentes de São Gonçalo* também em Juazeiro do Norte.

A principal prática que norteia a *Irmandade da Cruz (Penitentes do sítio Cabeceiras)* é a **autoflagelação corporal**. Através desse mecanismo penitencial essas pessoas acreditam purgar os seus pecados e aproximarem-se do sofrimento de Jesus Cristo. Sobre este grupo, destaco o trabalho da historiadora Patrícia Alcântara *Outras histórias: memórias e narrativas da Irmandade da Cruz Barbalha/CE*²⁶.

Já os **Penitentes de São Gonçalo** têm na **dança votiva** o seu principal ritual. Segundo Carvalho (2011), os integrantes dessa irmandade penitenciam-se a partir de uma dança de cunho profano/sagrado, na qual os homens e mulheres, conhecidos também por *trabalhadores de São Gonçalo*, vestidos de branco, dançam exaustivamente na “Roda de São Gonçalo”. Além da dança votiva esses penitentes oram pelas almas semanalmente e praticam abstinência de carne na primeira sexta feira de cada mês.

Ainda que os **Penitentes Peregrinos Públicos** concentrem em seus ritos e práticas cotidianas muitos dos elementos também vividos por romeiros, beatos, penitentes da Irmandade da Cruz ou ainda da Irmandade de São Gonçalo, existem tênues diferenças entre esses sujeitos. O que diferencia os PPP de cada um desses grupos é em primeiro lugar a sua interpretação da penitência e, conseqüentemente, o sentido identitário compartilhado pela *comunidade* a partir dessa interpretação característica. A vida específica em cada *comunidade* é, portanto, o elemento que, na minha interpretação, define os principais fundamentos de cada

²⁶ BEZERRA, Cícera Patrícia Alcântara. **Outras histórias: memórias e narrativas da Irmandade da Cruz. Barbalha/CE**, Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

grupo. O sociólogo Zigmunt Bauman²⁷ provoca as seguintes questões sobre a vida “em comunidade”:

“Comunidade” é o tipo de mundo que não está, lamentavelmente, ao nosso alcance – mas no qual gostaríamos de viver e esperamos vir a possuir. Raymond Williams, atento analista da nossa condição comum, observou de modo cáustico que o que é notável sobre a comunidade é que “ela sempre foi”. Podemos acrescentar: que ela sempre esteve no futuro. “Comunidade” é nos dias de hoje outro nome do paraíso perdido – mas a que esperamos ansiosamente retornar, e assim buscamos febrilmente os caminhos que podem levar-nos até lá (BAUMAN, 2003, p.9).

Dentro da comunidade, as pessoas se reconhecem nas outras. Por mais “exótico” que seja o costume “olhado de fora”, ele é praticado por todos os membros desta. Não quero dizer com isso que não exista espaço para os desvios das regras estabelecidas, mas viver em comunidade corresponde a uma tentativa de “existir entre iguais”. Ao entender que os romeiros e penitentes vivem diferentes formas de comunidade, entendo também que essa organização é mutável e plural. Ainda segundo Bauman:

Há um preço a pagar pelo privilégio de “viver em comunidade” – e ele é pequeno e até invisível só enquanto a comunidade for um sonho. O preço é pago em forma de liberdade, também chamada “autonomia”, “direito à autoafirmação” e “à identidade”. Qualquer que seja a escolha, ganha-se alguma coisa e perde-se outra. Não ter comunidade significa não ter proteção; alcançar a comunidade, se isso ocorrer, poderá em breve significar perder a liberdade. A segurança e a liberdade são dois valores igualmente preciosos e desejados que podem ser bem ou mal equilibrados, mas nunca inteiramente ajustados sem atrito. De qualquer modo, nenhuma receita foi inventada até hoje para esse ajuste. O problema é que a receita a partir da qual as “comunidades realmente existentes” foram feitas torna a contradição entre segurança e liberdade mais visível e mais difícil de concertar. (BAUMAN, 2003, p.10)

O dilema entre segurança e liberdade, ou seja, entre a possibilidade de viver no convívio entre “iguais”, protegido do olhar estranho dos que não compreendem seu estilo de vida, e, o “preço” a pagar por essa segurança têm uma relevância significativa para a compressão da história dos PPP. Como será possível observar no decorrer desse trabalho, essas questões perpassam toda a História dos PPP e ganham um lugar especial na contemporaneidade nas *táticas* elaboradas pelos penitentes para a permanência do grupo no “mundo moderno”.

²⁷ Ver: BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: A busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. Tradução Plínio Dentzien.

Para aventurar-se no universo apresentado pelas narrativas dessas mulheres e homens, as ferramentas analíticas da *História Oral* começaram a se tornar cada vez mais necessárias para entender quais os caminhos possíveis nessa jornada

História Oral: o caminho de investigação no caso dos PPP:

A oralidade e a escrita encontram caminhos de convergência e afastamento na construção das práticas humanas. Como indica o historiador Durval Muniz²⁸: “O oral não deve ser oposto dicotomicamente do escrito, como duas realidades distintas e distantes, mas como formas plurais que se contaminam permanentemente, pois haverá sempre um traço de oralidade riscando a escritura e as falas sempre carregarão pedaços de textos”. (ALBUQUERQUE JR., 2007: 230)

Os avanços teóricos e metodológicos no campo que convencionou-se chamar de *História Oral* são essenciais para pensarmos as possibilidades de trabalhar com a oralidade no cenário atual. Talvez por ser algo relativamente recente, a metodologia da *História Oral* ainda carrega duras críticas. A despeito das críticas, os domínios da *História Oral* estão cada vez mais cheios de trabalhos preocupados em problematizar a vida humana tendo como base essa proposta. Clio, a musa grega da História, tem se aventurado, cada dia mais, no terreno das lembranças e esquecimentos de sua mãe Mnemosine, a Memória, através desses relatos do *tempo presente*:

Enquanto espero que o mundo não escrito se torne mais claro, sempre há uma página escrita aberta diante de mim, onde posso voltar a mergulhar: faço-o sem demora e com maior satisfação, por que ali, pelo menos, mesmo que só compreenda uma pequena parte do todo, posso alimentar a ilusão que mantenho tudo sob controle (CALVINO, 1983, p.141).

Essa ilusão, a do controle a partir das palavras escritas, é quebrada pelas narrativas orais com golpes severos. Não é possível amarrar e amordaçar a oralidade em um conjunto de conceitos intelectuais. Entre o pesquisador e as pessoas que apresentam suas memórias, existe, segundo o historiador Alessandro Portelli, um *trabalho de relação*:

Daqui resulta [a ideia] que a História Oral, para além de ser uma arte da escuta, é também uma arte da relação: a relação entre as pessoas entrevistadas e as pessoas que entrevistam (diálogo); a relação entre o presente de onde se fala e o passado do qual se fala (memória); a relação entre público e privado, entre história e autobiografia; a relação entre oralidade (da fonte) e escrita (do historiador) (PORTELLI, 2013, p.82-83).

²⁸ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História a arte de inventar o passado**. Bauru, Sp: Edusc, 2007. 254 p.

Entendo, portanto, que o debate que cerca a História Oral vai muito além da problematização de uma fonte: perpassa toda uma questão metodológica e teórica do próprio entendimento da História. Neste sentido, segundo Porteli, a “relação entre as pessoas entrevistadas e as pessoas que entrevistam” é essencial para que um trabalho que use as narrativas orais seja possível. As pessoas entrevistadas não são *coisas* nem são *fontes* e o pesquisador não é um ser impermeável de sentimentos e subjetividades.

Existe uma ideia de que o historiador é quem *produz* as fontes a partir das narrativas que ele colhe. A partir do momento que a entrevista está transcrita surge a fonte que pode ser trabalhada. Discordo veementemente dessa posição. A *fonte* da História Oral é a própria entrevista, seja em qual formato ela estiver, quando o historiador transcreve a entrevista ele é tão produtor da fonte quando um historiador que transcreve/traduz um documento eclesiástico do século XIX. A ideia de que a entrevista só passa a “ser fonte” depois de transcrita é um vestígio da ideia positivista de que apenas os documentos oficiais e escritos podem ser usados no *ofício do historiador*.

Com isso quero dizer que, ao mesmo tempo em que este trabalho é sobre cada uma das pessoas que compõe a irmandade de PPP, ele é também sobre a pessoa que pesquisa: “o historiador não é um intermediário neutro, mas um protagonista presente no trabalho de História Oral” (PORTELLI, 2013, p.39).

Desde 2012, ano em que comecei a conversar com os PPP, até 2016, ano de conclusão dessa pesquisa, uma forte relação de proximidade se estabeleceu entre os homens e mulheres dessa comunidade entre mim, pesquisador, curioso, que os “interrogou” por diversas vezes sobre temas que, de tão doloridos, não desgostariam de descansar nas profundezas da memória.

Sem essa aproximação, não teria sido possível a redação desse trabalho. No caso dos P.P.P, tentei estabelecer uma “troca”, uma espécie de “vida de mão dupla” em que, ao mesmo tempo que essas pessoas me ajudaram a entender a História de sua irmandade, eu me dispus, de alguma forma, a ajudá-los no que fosse preciso.

Essa “ajuda” de minha parte materializou-se em algumas tarefas que assumi para a realização de atividades do grupo. Eu fui, por exemplo, o “elo” entre essas pessoas e a aquisição de alguns livros antigos que eles desejavam profundamente conhecer, mas que só conheciam “de nome”, através das lições de Mestre José. Assumi também a responsabilidade, com Sr. João José Aves de Jesus, de distribuir alguns exemplares da “Missão Abreviada” para auxiliá-lo em sua atividade penitencial.

O planejamento deste “método de aproximação” aconteceu de forma consciente, mas também espontânea. Desde o início da pesquisa tive a preocupação em também acrescentar algo para essas pessoas. A ideia de que iria apenas “sugar” informações e depois “abandonar” essas pessoas me pareceu, desde o início, insuportável. Elaborei então esse “plano de aproximação” que foi ganhando contornos espontâneos na medida em que as relações ficavam mais próximas.

Outro elemento importante a ser observado nessa minha experiência com o grupo é o fato de que, por muitas vezes, eu também fui questionado, entrevistado, visitado por esses homens e mulheres. Para eles eu também era *exótico e familiar*. Ao me permitir ser visitado e questionado, pude observar que as conversas fluíam com mais tranquilidade e que questões anteriormente delicadas foram tratadas com mais paciência e clareza.

Esse relato sobre o método de pesquisa de campo que realizei com os PPP não se pretende uma fórmula ou ainda um guia definitivo para o trabalho com História Oral. É apenas mais um caminho. Foi o caminho que nós, penitentes e pesquisador, construímos ao longo desses três anos. Cada pesquisador(a) deve ajustar a sua prática para a realidade social e cultural que pretende investigar.

A partir desta breve apresentação do grupo e os problemas teóricos e metodológicos que envolvem essa pesquisa é possível delinear alguns problemas específicos que serão tratados no decorrer dos capítulos. No primeiro capítulo, “**Entre mortos e vivos: a História**” será discutida a formação da irmandade em Juazeiro do Norte na década de 1970. Problematizarei aqui o debate entre *Mito e História* tendo como base as narrativas sobre a origem do grupo.

O segundo capítulo tem como título: “**Despertar os descuidados e converter os pecadores**” e contemplará a história do grupo após a morte do Mestre José. Analiso as primeiras apropriações da tradição inaugurada por Mestre José tanto pelo seu “melhor aluno”, Manoel Aves de Jesus, quanto pelo penitente João José Aves de Jesus.

Por fim, o terceiro e último capítulo, “**Os PPP frente às exigências imperiosas da modernidade**”, abordará a composição do grupo no século XXI a partir das inovações trazidas pelos novos membros da irmandade, especialmente, o novo penitente Israel Aves de Jesus.

CAPÍTULO 1: ENTRE MORTOS E VIVOS, A HISTÓRIA.

Esta é uma narrativa sobre mortos e vivos. É na linha quase invisível entre o passado e o presente que se desenha a história dos Penitentes Peregrinos Públicos. Neste capítulo, os mortos têm destaque. Os *indícios* deixados por esses homens e mulheres me permitiram pensar de que forma surgiu em Juazeiro um grupo capaz de “redescobrir” práticas que pareciam abandonadas séculos atrás, mas que estavam diluídas no oceano religioso da “terra da mãe de Deus”²⁹.

Em algum momento da década de 1970³⁰, um homem chamado José e a sua esposa Regina saem da sua terra natal, Caruaru, uma cidade do interior de Pernambuco, para tentar uma nova vida em Juazeiro do Norte, Ceará. Se existiram outros motivos que levaram o casal a essa mudança, conhece-se apenas um: “Ela chamou ele, ele morava em Caruaru, ela chamou ele, pra ele vir, pra mode [*sic*] tomar de conta da penitência.”³¹

A pessoa que “chamou ele” foi uma mulher que “era do mesmo tipo que era o retrato do meu padrinho Cícero. Era... O cabelinho cortadinho baixinho, um vestido arrastando nos pés, cobrindo os pés, as manga, aqui, bem aqui, parecendo uma batinha”³²: **Mamãe/Madrinha Ângela/Anja do Horto**. Foi essa mulher que, segundo a maioria dos integrantes da comunidade, ensinou a José o caminho da penitência, consagrando-o **Mestre José**, o primeiro líder dos Penitentes Peregrinos Públicos.

1.1: Mamãe Anja do Horto: um retrato evanescente.

O conjunto das narrativas orais em que a figura de *Mamãe Anja* aparece está sempre envolto em uma espécie de mistério, um “segredo fundador” da irmandade no qual vários elementos religiosos são ressignificados para explicar essa personagem e, por conseguinte, a origem do grupo.

Uma primeira questão interessante é pensar na narrativa que apresenta *Mamãe Anja* como sendo “do mesmo tipo que era o retrato de meu padrinho Cícero”. Escutei essa

²⁹ Juazeiro do Norte é conhecida pelos devotos, entre outros nominativos, por “Terra da Mãe de Deus”.

³⁰ Uma datação mais precisa torna-se impossível, pois não existe documentação (oral ou escrita) que descreva ou aponte com precisão o momento certo em que surge o grupo de PPP.

³¹ Relato de Dona Marinete, uma das primeiras seguidoras do grupo de Penitentes, no dia 07 de julho de 2015. Nesse mesmo dia conversei com outras seguidoras antigas da penitência: Dona Josefa, conhecida por Zefinha e Dona Virgínia, esposa do penitente Manoel Aves de Jesus que, infelizmente, encontrava-se debilitado devido ao estágio avançado de Alzheimer.

³² Entrevista 07 de julho 2015, *Idem*.

expressão diversas vezes, em várias entrevistas. Contudo, o significado dessa frase permaneceu um enigma para mim até o dia 08 de julho de 2015.

Depois de uma longa entrevista com o penitente mais novo da irmandade, Israel Aves de Jesus³³, perguntei a ele e a seu pai se eles poderiam me levar até a antiga casa do Mestre José, pois após a morte do Mestre a casa foi conservada pelos membros do grupo como um “pequeno museu”, para guarda das as relíquias da irmandade em seus primeiros anos. A resposta foi positiva e seguimos para a casa de Mestre José. Antes de prosseguir recebi um aviso: “Saiba o que vai fazer com o que você ver lá.”

A primeira impressão que tive quando cheguei na casa foi que ainda existia alguém morando lá. No dia anterior, uma antiga seguidora da irmandade, Dona Josefa³⁴, conhecida por “Zefinha”, me disse: “ainda tá tudo lá as coisinha dele. Quer dizer, negócio de móvel, essas coisa não tem não. Lá tem a mesa do santo, tem o coração de Jesus na parede, tem o coração de Maria, tem os santinhos, os santo, tem a *Missão* lá em cima de uma caminha...”³⁵ Próximo da “Missão Abreviada”, livro mais importante que a Bíblia para ele, existia uma foto bem desgastada do tempo com uma bonita fita azul cobrindo-a e formando um laço.

As pessoas que me levaram até a casa pareciam ansiosas para que eu perguntasse sobre a foto. Quando eu a segurei, Sr. Francisco, pai do penitente Israel, disse o seguinte: “Pronto. Essa aí é a foto de *Mamãe Anja*. Não parece com o padre Cícero?”. Eu pensei: “Não parece. É o padre Cícero”. O pensamento não chegou à fala e só me veio a seguinte pergunta: “Mas como é que ela se parece tanto com o padre Cícero?”. Eles riram e Sr. Francisco disse: “Outro dia você conhece essa história”. No dia 28 de agosto de 2015, finalmente conheci o mistério da foto:

Roberto Viana: A origem que me falam do grupo é que mestre José, ele teria recebido as orientações de madrinha Ângela, mamãe Anja do Horto, né? Aí, eu fiquei muito entusiasmado em querer saber dela. Fui ao Horto, procurar e não achei muita coisa e eu queria muito encontrar uma foto dela, alguma coisa sobre ela. E aí naquele dia que eu vim aqui seu pai me levou para a casa do mestre e ele me mostrou uma foto dela. E quando eu vi a foto dela eu achei muito parecida com o padre Cícero. (risos). É ela ou é o padre Cícero?

Israel Aves de Jesus: Roberto... É por que é assim Roberto. Como você sabe o grupo de penitentes, eles têm um imaginário bem fértil. E ali, pelo que eu posso lhe dizer é o seguinte: Mamãe Anja, e o nome dela é esse. Não é Ângela não. É mamãe Anja. Roberto, aquela foto tem uma história curiosa

³³ No Capítulo 3, explicarei de forma mais concisa a importância desse novo penitente e de sua família para a permanência do modelo de religiosidade dos PPP. na contemporaneidade.

³⁴ Dona Josefa, mas que gosta de ser chamada de Zefinha, é uma das seguidoras mais antigas da penitência. Foi ela quem “recrutou” a primeira leva de pessoas para seguir a penitência junto ao mestre Jose. A maioria dessas pessoas residia em Alagoas e vieram morar em Juazeiro motivados pela proposta do grupo.

³⁵ Entrevista do dia 07 de julho de 2015, *Idem*.

que eu já recebi dos antigos, né? Eles contam que seu José Aves de Jesus, quando *Mamãe Anja* faleceu ele foi buscar essa foto na casa dela aonde ela morava, lá no Horto. Ali quando ele trouxe, dizem os veteranos que, quando ele entrou na porta com a imagem de mamãe Anja, a imagem de meu padrinho Cícero saiu de repente das imagens dos outros santos e veio cair próxima da dela. Ai ele ficou assim admirado com aquilo por que aquela imagem caiu sem ninguém ter tocado. Aí, também Mestre José contava que, na ocasião que a foto foi tirada, essa foto de mamãe Anja, o fotógrafo pediu permissão a ela de retirar a foto e ela disse: “Retire, meu filho”. Quando ele retirou saiu foi a foto de meu padrinho Cícero. Aí, ele disse: “Minha madrinha, como pode, a senhora tirar essa foto e sair é o meu padrinho Cícero?”. Ela só deu um ar de riso e disse: “Não meu filho, não se importe com isso”.

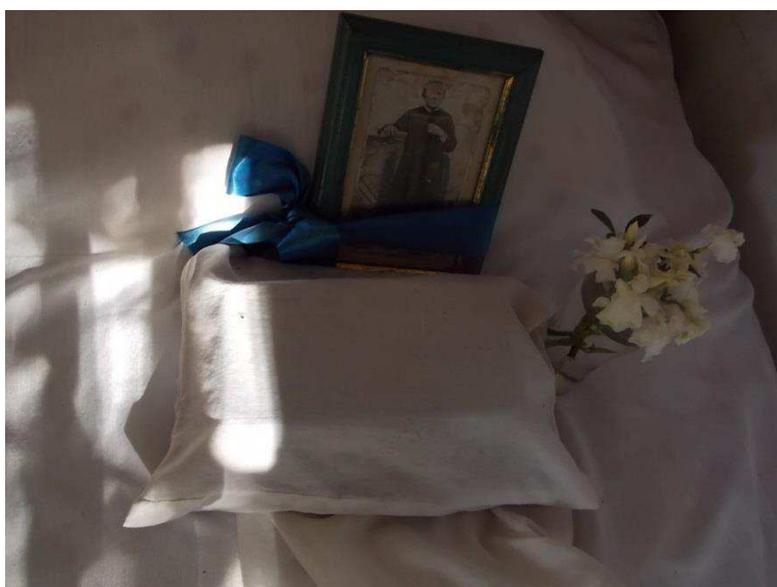


Imagem 1: Foto de *Mamãe Anja* e "Missão Abreviada" sob a antiga cama do Mestre José.

É intrigante a forma como o penitente Israel começa a explicação sobre a foto. Ele afirma que os penitentes “têm um imaginário bem fértil”. Essa explicação prévia é um claro indício de como a própria presença do pesquisador modifica a forma como a tradição é apresentada. É bem provável que o penitente tenha contado essa história tantas outras vezes sem esse aviso de que os antigos imaginavam com demasia. Relembro, portanto, que apesar da fala do interlocutor estar “contaminada” com a minha presença, é possível, a partir de seu relato, destacar *indícios* que serviram como pistas para desvendar algumas das tradições inauguradas pelo mestre José e ressignificadas posteriormente pelo grupo.

A associação da figura de *Mamãe Anja*, matriarca espiritual fundadora da irmandade, com o padre Cícero demonstra uma questão central na cosmovisão dos PPP. Os integrantes desse grupo acreditam que, com o passar dos anos, o *verdadeiro* modelo de fé apregoado pelo padre Cícero foi gradativamente desaparecendo e que eles são os únicos guardiões desse

modelo de fé *antigo*. Daí Mamãe Anja reatualizá-lo: a coincidência da foto revelaria uma coincidência dos atos de padre Cícero e também de sua santidade, conforme o grupo compreendia sua índole.

Ao associar as duas figuras, os PPP estão legitimando suas práticas diante das muitas formas de apropriação dos ensinamentos do “santo padre sertanejo”, expressas nos grupos religiosos laicos espalhados pelo Cariri cearense. Dona Josefa, segundo alguns, a primeira seguidora do mestre José, afirma que esse líder foi a única pessoa que conseguiu retomar as “leis do meu padrinho Cícero” no tempo em que ela visitou o Juazeiro, motivando inclusive pessoas de outros estados a fixarem moradia no município:

Dona Josefa: Minha mãe dizia que só vinha aqui pro Juazeiro se tivesse uma pessoa que levasse as leis do meu padrinho Cícero. Eu dizia: “Mãe, mãe, tu num encontra nunca! Porque nós tamo em outro tempo... O tempo de meu padrinho foi um”. Ela dizia: “Pois, Zefinha, eu só vou morar um dia no Juazeiro se for assim.” Aí eu fui e escrevi pra mãe dizendo que tinha essa pessoa. Nesse tempo não tinha telefone não. Faz muitos anos...³⁶.

O tempo desejado é o tempo do padre Cícero. Não apenas na questão religiosa-ritual, mas também na vivência cotidiana com as roupas, estrutura das casas e tecnologia. O tempo do padre Cícero é, portanto, o tempo perfeito e, a partir dessa história mítico-milagrosa, os PPP fincam suas raízes nos ensinamentos de um ser que não era discípulo do padre Cícero, era o **próprio** padre Cícero, que retorna por meio de *avatars*.

A busca por uma aproximação mais concreta desse “tempo perfeito”, um *tempo sagrado*, faz com que os penitentes invistam no resgate de práticas desse passado primoroso: a forma como as suas casas são construídas (pintadas de branco com as bordas azuis), a cor e o estilo de roupa (as mulheres e homens devem usar roupas longas e compostas, chapéu de palha, vareta de madeira), o uso de outro tipo de apresentação da linguagem (sua graça, vossa mercê, vossa senhoria), enfim, um conjunto de práticas e símbolos que compõe para eles o “renascimento” de um *tempo sagrado* em contraposição ao *tempo profano* observado e também vivido por eles.

A noção de *regimes de historicidade*³⁷ pode nos ajudar a refletir melhor sobre essa coexistência de uma multiplicidade temporal em um determinado contexto social:

³⁶ Entrevista 07 de julho 2015, *Idem*

³⁷ Ver: HARTOG, François. **Regimes de Historicidade**: Presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. 267 p. ; e DOSSE, François. **História e ciências sociais**. Bauru, Sp: Edusc, 2004. 312 p. 1 v. Tradução Fernanda Abreu.

A noção de regimes de historicidade pode assim dar de conta da pluralidade de maneiras como as comunidades humanas vivem sua relação com o tempo e da maneira como conceberam os diversos recortes do tempo a partir de um determinado número de invariáveis, de categorias transcendentais. Podemos assim identificar um determinado número de condições de possibilidade para articular as diversas modalidades de divisão do tempo nas civilizações. Essa noção estabelece a ponte entre a parcela subjetiva do sujeito histórico, individual ou coletivo, e o estado objetivo de existência no tempo. Como sublinhou Claude Lefort a partir de 1952, o regime de historicidade revelaria a modalidade de consciência de si de uma comunidade humana (DOSSE, 2004, p.56-57).

Os relatos sobre *Mamãe Anja* representam um desses elementos de conexão com temporalidades diversas, especialmente porque foi a partir de seus ensinamentos que as regras do grupo foram estabelecidas. Ela torna-se, portanto, o elemento sagrado, justificador e ordenador da realidade para os PPP. As normas atribuídas aos seus ensinamentos formam um código moral que devia ser seguido rigidamente, pois só assim seria possível vivenciar a experiência do tempo perfeito, o tempo do padre Cícero.

Assim como o “santo padre”, *Mamãe Anja* ganha o “status” de um *ente sobrenatural* para os penitentes. A partir das narrativas nos PPP foi essa mulher que “colocou na cabeça do mestre José a vontade de ele vir pra aqui”. Esse chamado espiritual só foi possível porque para essas pessoas ela não foi um ser puramente terreno, ela era também um Anjo, ou melhor, uma Anja. Em uma conversa com o penitente João José Aves de Jesus³⁸ no dia 19 de março de 2014, dia de São José, ele me revelou esse caráter celestial de *Mamãe Anja* e foi também quando ouvi pela primeira vez o nome dela:

Roberto: Seu João, quando o senhor estava rezando ali nesse instante, eu vi o senhor dizendo assim: “Maria, Madrinha Anja, Ângela do Horto”. Eu nunca tinha ouvido falar dessa senhora. O senhor pode falar sobre ela pra mim?

João José: Posso sim. Posso porque Madrinha Ângela do Horto, a palavra “Ângela” você sabe o que é?

Roberto: Anjo? Tem a ver com anjo?

João José: Tem! Porque o anjo ele tem o masculino que é o homem, né? O homem. E também o anjo ele entra...

Roberto: Feminina?

³⁸ João José é um dos poucos Penitentes Peregrinos Públicos que ainda peregrina pelas ruas de Juazeiro do Norte. Ele chegou a Juazeiro por volta de 1956, ainda com seus pais, e em 1980 conheceu o Mestre José e a partir daí iniciou sua vida de penitência. Após a morte do Mestre, esse penitente modificou de forma significativa as práticas do grupo. Discutirei com mais detalhes essa questão no Capítulo 2.

João José: ... Feminina. É uma anja, entendeu? E eu conheci essa palavra “Ângela do Horto” foi em penitência, em penitência dentro desse mesmo sentido que eu tô te dizendo aqui.

Roberto: Ela morava no horto e era amiga do padre Cícero?

João José: Ela e um grupo de penitentes. Essa penitência daqui mesmo veio no sentido de lá. Por ordem de meu padrinho Cícero já era ela uma de dentro da formatura de meu padrinho Cícero, de penitência. E aí chegou ao conhecimento da gente. Quer dizer, aí a gente colheu esse ensinamento dela. Ela mostrava o exemplo de *Nossa Senhora das Dores*, aquela santa ali ó. (apontando para uma imagem na parede) Pode ver que ela que eu falei agora ali, que você entendeu, a madrinha Ângela do Horto, tanto faz eu dizer: “Viva minha madrinha Ângela do Horto”, como eu dizer: “Viva nossa Senhora das Dores!”. Como eu dizer: “Viva minha mãe madrinha Ângela do Horto!” Você não precisa de sua mãe não?

Uma “anja”, o próprio padre Cícero, e agora também Nossa Senhora das Dores. As associações de Mamãe Anja a essas personagens revelam importantes estratos da crença do PPP: a preocupação em legitimar a sua doutrina diante de outros grupos e da própria Igreja, a conexão do grupo com o tempo perfeito/sagrado, a construção de um código moral ancorado em um ser que concentra em si a sabedoria e virtude de anjos, santos e da própria “mãe de Deus”.

A união do masculino e do feminino em um mesmo ser é a própria imagem da completude, tão almejada pelos seres humanos, fantasma do impossível, quimera do desejo de cessar a peregrinação rumo ao outro, estranho que nos desperta, se livrar desse movimento. Impossível como a impossibilidade de se retornar ao tempo perfeito, completo, de Padre Cícero.³⁹

Em sua experiência de pesquisa com o grupo, a antropóloga Roberta Campos concluiu que: “a história de Madrinha Ângela do Horto [*sic*], apesar de não ser um ‘causo’ compartilhado por romeiros e penitentes, guarda semelhanças com outros ‘causos’ mais conhecidos da comunidade de devotos do padre Cícero” (CAMPOS, 2013, p.110). Essa semelhança observada por Campos, sobre as diferentes narrativas que circulam entre os devotos do padre Cícero e as histórias contadas pelos PPP sobre *Mamãe Anja* corroboram com a minha hipótese de que *ela* é, ao mesmo tempo, o símbolo agregador do grupo, com vários aspectos da crença mais geral, mas também é o elemento que diferencia, que os torna, de certa forma, mais próximos do “tempo antigo” que para os devotos é o objetivo primordial.

As narrativas do grupo sobre a sua origem, assim como, sobre seus ritos e crenças podem também ser pensados através do debate acerca do conceito do *mito*. Segundo Mircea

³⁹ Agradeço a professor Dr. Matheus da Cruz e Zica por esse maravilhoso *insight*.

Eliade ⁴⁰, desde a primeira metade do século XX, é possível observar uma mudança sensível, no que diz respeito, ao significado do termo *mito*, antes considerado como uma “fábula”, “invenção” ou “ficção”. A partir desse momento, os estudiosos começam a considerar o mito “tal qual era compreendido pelas sociedades arcaicas, onde o mito designa, ao contrário, uma ‘história verdadeira’ e, ademais, extremamente preciosa por seu caráter sagrado, exemplar e significativo” (ELIADE, 2013, p.7). Nesse sentido, Mircea Eliade propõe uma nova forma de pensar o mito:

O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie de vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a *ser*. O mito fala apenas do que *realmente* ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos, sobretudo, pelo o [sic] que fizeram no tempo prestigioso dos “primórdios”. Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a “sobrenaturalidade”) de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do “sobrenatural”) no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente *fundamenta* o Mundo e o converte no que é hoje. E mais: é em razão das intervenções dos Entes Sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural (ELIADE, 2013, p.11).

Mamãe Anja é, portanto, a “irrupção do sagrado” responsável por agregar essas pessoas a uma irmandade em que é possível vivenciar outro tempo dentro de um mesmo espaço. Não apenas os PPP mas diversos outros grupos católicos consideram o espaço de Juazeiro do Norte como um espaço sagrado.

1.2: O espaço “encantado” de Juazeiro do Norte

“José, meu filho, vá pro Juazeiro pra mode de você tomar de conta da penitência”. A voz em sua cabeça confirmava um desejo interior: Juazeiro do Norte era a “terra prometida”, era o lugar onde o sertanejo poderia chegar mais perto do homem-santo padre Cícero Romão. Será que a voz em sua cabeça era dele? José tinha certeza que sim. “Com um saquinho nas costas e o rosário no pescoço” José saiu de sua cidade natal, Caruru-Pernambuco para ir ao encontro com o seu chamado na “Terra da mãe de Deus”.

Roberto: Ela chamou ele como? Ele sentiu no pensamento dele?

⁴⁰ Ver: ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013. 179 p.

Dona Marinete: Ele sentiu. Ele sentiu no pensamento que ela chamou ele. Aí, deu aquela vontade de vim simbora e ele deixou tudo lá, a terra dele ele deixou pra lá. Deixou tudo lá e veio simbora. Quando chegou aqui, alugou uma casa, fez uma banca, botou uma banca de peixe, e ficou vendendo peixe, quando deu com ela lá! Aí, ela disse: “Olhe meu fi, eu não quero tu vendendo peixe não. Eu quero tu é com um ‘saquinho nas costa’”. Aí, foi quando ele formou a penitência⁴¹.

A voz em sua cabeça era de Mamãe Anja/Padre Cícero e, a partir desse encontro, ela lhe deu sua Missão. Segundo a maioria dos relatos dos penitentes, Mestre José passou por uma espécie de “estágio” na casa de Mamãe Anja, no qual ela ensinou o caminho da penitência e as regras do grupo que ele deveria criar. Esse período da história de Mestre José é também cercado de segredos. Não existe um consenso sobre o tipo de “treinamento” que ele passou para conseguir ser líder da irmandade de Penitentes. Os relatos sobre esse momento assemelham-se aos mistérios atribuídos à “vida secreta de Jesus Cristo”, ou seja, o período que vai dos doze aos trinta anos da vida do Messias. Após o término do treinamento espiritual Mestre José teria sido enviado para a “Terra do Espírito Santo”: o bairro Tiradentes.

“Roberto, aqui você tá vendo desse jeito. Mas no **encantado** não é assim”. Com essa advertência, o penitente Israel Aves de Jesus tentava me explicar sobre a existência de um “espaço encantado” em Juazeiro do Norte. Quando eu indaguei sobre o que era esse “encantado”, o penitente me respondeu com uma bela narrativa, na qual os espaços do Juazeiro existem em duas dimensões paralelas: a dimensão profana e a dimensão sagrada: o “encantado”.

Ele me disse, por exemplo, que o bairro “Tiradentes”, local onde vivem a maioria dos integrantes no grupo, “no encantado”, é um grande campo de flores em que vivem seres celestiais. A influência do encantado é tanta, que vez por outra, segundo o penitente, é possível “sentir uma brisa agradável no bairro”. A “colina do horto” é, “no encantado”, o calvário onde Jesus padeceu.

É importante destacar também que essa “recriação encantada” do espaço pode significar uma espécie de ação popular que visibiliza locais que o poder público não atua com eficácia. O bairro Tiradentes e o bairro do Horto são espaços periféricos na cidade de Juazeiro do Norte que ganham pouco investimento dos órgãos competentes na organização pública:

Penitente Israel: No tempo que ela faleceu, ela mandou ele vir para o Tiradentes, dizendo assim: “Vá, meu filho. Que o tempo que minha mãe

⁴¹ Entrevista realizada no dia 07 de julho de 2015 Dona Marinete juntamente com várias outras seguidoras dos PPP.

santíssima tá lhe aguardando pra você fazer o trabalho e o serviço dela é chegado. Você está morando no reino do Pai, que é o Horto. Você vai passar no reino do Filho que é o Juazeiro. Mas você vai morar no reino do Espírito Santo que é no Tiradentes.” Ela disse. Ai então ela disse o seguinte: “Você vai morar lá e chegando lá você vai trabalhar no serviço da mãe de Deus e espere que com o tempo ela vai mandar o seu rebanho, o seu povo, pra você seguir com eles.”

Roberto: Mas tem alguma coisa especial no bairro Tiradentes?

Penitente Israel: Roberto, por assim dizer, pelo o que eu ouvi e pelas palavras que ela disse, conforme o depoimento dos antigos veteranos deram a mim, pelo o que eles me relataram, o Horto, pelo o que ela falou, é o reino do padre eterno, o Juazeiro é o reino do Filho, Tiradentes é o reino do Espírito Santo. Bom, no Imaginário da penitência, eles dizem que o Tiradentes é o reino do Espírito Santo e a maneira e a forma de o Tiradentes ser, a paisagem, a visão, não é propriamente assim como nós tamo vendo aqui, cheio de casa... É assim: tem uns pesão de coqueiro grande, muito ventilado, coberto de flores, é uma coisa assim, incrível! Já remontando aquela história dos Encantos. Dos mundos encantados⁴².

Aqui, é mais uma vez perceptível, a preocupação do penitente Israel em afirmar sua opinião sobre um tema que revela elementos fantásticos e míticos do grupo. Ele faz questão de avisar, enfaticamente, que sua narrativa é uma versão dos fatos que ele ouviu dos mais antigos. O “*imaginário dos penitentes*”, tal como ele afirma, é repleto de segredos e mistérios que ele não ousa (pelo menos não para mim) assumir.

Naquele momento, eu fui apresentado a uma nova cidade, a uma inédita forma, para mim, de enxergar o espaço que pensava conhecer tão intimamente. Ainda segundo o penitente, não são todos que conseguem distinguir entre esse mundo profano e sua parte sagrada. É preciso que a pessoa esteja em sintonia com a espiritualidade para que esse novo mundo se apresente. Cabia a Mestre José revelar esse novo mundo para as pessoas que ingressassem na comunidade que ele fundou.

A crença em um mundo encantado liga a expressão de fé dos PPP a diversos outros grupos religiosos que também compartilham dessa ideia. Além dos devotos católicos (beatos, penitentes, romeiros), a crença no encantado é observável também nas religiões de matriz afro-brasileira e indígena. Seria ingênuo pensar a crença dos PPP dissociada das suas influências com os povos ameríndios e africanos.

As conexões são perceptíveis em suas músicas, narrativas e rituais. As reminiscências do encantado indígena e afro-brasileiro aparecem agora como sons de um canto abafado. Abafado, mas não invisível. Existem raízes tão profundas dessas influências que, penso, mereçam um trabalho maior e mais aprofundado. A partir da minha experiência

⁴² Entrevista realizada no dia 28 de agosto de 2015 na residência do penitente Israel e sua família.

de campo, posso apontar que as questões sobre o “mundo encantado” revelam valiosas instâncias dessa relação, que constituem um ponto quase invisível, mas valioso, da crença dos PPP.

No dia 04 de janeiro de 2017, já no final da redação desse trabalho, me sentei para conversar com Dona Josefa, o seu marido Manoel⁴³, Dona Marinete e Dona Virgínia⁴⁴. Esse dia tinha de tudo para compor mais um desses momentos de visita casual não fosse nossa conversa sobre o encantado. Quando percebi que os “causos” se encaminhavam para essa direção, pedi permissão para gravar nossa conversa e incluir no trabalho. Seleciono aqui alguns trechos que considero elucidativos para refletirmos sobre a relação entre o encantado/mito, Mestre José e a História do grupo:

Roberto Viana: Eu estava conversando, pesquisando, ai de vez enquanto um dos penitentes falava assim: “não por que tem um encantado, tem uma história de um encantado”. Vocês já ouviram falar desse negócio de um mundo encantado? Que tem uma parte no Juazeiro que é essa daqui que nós estamos vivendo, essa aqui que nós tamo vendo, mas também tem o encantado?

Dona Josefa: É meu filho, mas ai só pertence a Deus. Quem informava pra nós que essa cidade tem umas parte encantada era o dono, meu padrinho Cícero.

Sr. Manoel: Tem três reinos.

Roberto Viana: Três reinos? Ai como é?

Sr. Manoel: O do pai, o do filho e do espírito santo.

(nesse momento a entrevista é interrompida por pessoas que passavam na calçada e depois do “tumulto”, Dona Josefa retoma).

Dona Josefa: Aqui é encantado, criatura. Nós não sabe de todos os mistério daqui não. Eu mais ele ai ó, nós fomo pro Santo Sepulcro⁴⁵, ai quando nós chegamo lá nós vimo a barquinha de Noé! Nós vimo! Nós vimo com esses dois olhos da gente! Quando a gente chegou lá, foi ele que me mostrou *(apontado para Sr. Manoel)*.

Sr. Manoel: E já tinha sido avisado a gente sabe por quem? Por um Caboclo de sessão!

Roberto Viana: Caboclo de sessão?!

⁴³ Sr. Manoel foi um penitente logo no início da irmandade, mas, devido as rígidas regras e outros interesses pessoais, acabou afastando-se da comunidade.

⁴⁴ Durante a pesquisa de campo e a redação dessa dissertação mantive visitas regulares ao grupo, muitas vezes sem levar gravador, apenas para manter a proximidade com o grupo.

⁴⁵ Local de peregrinação que fica na colina do Horto, mas que para ter acesso é preciso uma longa caminhada. O Santo Sepulcro é o local onde foram enterrados alguns beatos e beatas dos tempos do padre Cícero.

Dona Josefa: Presta atenção, Manoel!

Dona Virgínia: Está gravando!

Dona Josefa: Não pode conversar muita coisa assim não.

A conversa sobre o “Caboclo de sessão” foi imediatamente interrompida e nós continuamos falando sobre outras partes encantadas de Juazeiro do Norte, casas feitas de ouro, locais que apareciam e desapareciam misteriosamente. No decorrer dessa conversa algumas pessoas apareceram pedindo para Dona Marinete “rezar nelas”. A reza dessa senhora, segundo os que a procuravam, era capaz de “tirar mal olhado”, “levantar vento caído”, e “afastar as perturbações”.

Aquilo tudo me lembrava as conversas e sensações que experimentei nos terreiros de Jurema, Umbanda e Candomblé. Mas eu jamais poderia perguntar de forma tão direta sobre algo que poderia custar a minha amizade com aquelas pessoas, tendo em vista a forma negativa como essas religiões são vistas por eles. Percorri então o caminho que eles já haviam (mesmo sem querer) me apontado antes: voltei a perguntar sobre o “Caboclo de sessão”:

Roberto Viana: Mas o senhor estava falando sobre o “Caboclo de sessão”. Como é isso? Agora eu fiquei curioso...

Dona Virgínia: Agora você arrumou... (risos) vai ter que falar.

Dona Josefa: Foi no tempo que nós era solteiro ainda.

Sr. Manoel: Tinha uma tia dela que tava se tratando e de quinze em quinze dias, nós ia nesse Mestre. Ai quando ele terminava aqueles serviço dele, ai a mulher dele disse que nós pudesse perguntar, um coisa que procurasse saber, que ele dizia. Que era da outra vida. Ai minha sogra perguntou a ele se meu padrinho Cícero era Deus. Ele disse que as coisa de Deus, os segredo de Deus, não podia descobrir pra ninguém. Agora a vinda de Cristo Reis de Russas até aqui ele cantou até a cantiga que cantaram. Aquele que tá lá na Matriz. Ai ele soltou, ele disse: “Olhe, a Arca de Noé tá engalhada numa ponta da serra do Ararape”.

Sr. Manoel, por um “deslize” de memória, me apontou uma nítida relação que, até o momento, eu só suspeitava: existe uma complexa conexão entre as religiões, especialmente em sua vivência laica, na qual santos, orixás e seres encantados unem-se para dar sentido e explicar a realidade. Mais uma vez a relação entre mito e História estreita-se. As narrativas sobre a existência de um “mundo encantado” no Juazeiro estão permeadas dessas profundas

relações. Mestre José tinha consciência disso? Difícil afirmar. Mas, em sua mente, ele era o guardião do reino que foi destinado a ele por Mamãe Anja, o reino do Espírito Santo.

Os “três reinos encantados” descritos, tanto pelo penitente Israel quanto pelo senhor Manoel: o do Pai (Horto), o do Filho (Juazeiro) e o do Espírito Santo (Tiradentes) são importantes centros de peregrinação para a comunidade e cada um desses espaços contém mistérios e segredos que são parte central da crença do grupo.

Do alto da Serra do Catolé, hoje conhecida como Colina do Horto, ergue-se imponente a estátua do padre Cícero⁴⁶. Esse é o *reino do Pai*. Para chegar a esse local privilegiado é preciso que se enfrente uma jornada de penitências que se iniciam no começo de uma estrada de pedra, uma grande ladeira, que leva até o alto da serra. Ao longo da estrada foi disposta uma *via sacra* construída para guiar os devotos, lembrando-os do sofrimento de Jesus Cristo.

É importante lembrar que foi nesse espaço onde residiu Mamãe Anja e, portanto, onde Mestre José aprendeu as regras da Irmandade. Segundo o penitente Israel, o local onde ficava a casa de Mamãe Anja (que hoje é apenas um terreno pequeno com uma cruz) é também um local de peregrinação obrigatório quando os penitentes e seguidores da irmandade resolvem subir a colina do Horto.

Apesar de geograficamente, o “reino do Pai” (Horto) e o “reino do espírito santo” (bairro Tiradentes) pertencerem ao município de Juazeiro do Norte, em suas exposições os PPP fazem questão de separar Juazeiro como sendo o *reino do Filho*. Foi muito comum, durante a pesquisa de campo, ouvir de alguns penitentes a seguinte frase: “eu vou mais tarde ao Juazeiro”, como se o bairro estivesse dissociado da cidade.

Interpreto que essa associação do Horto como o *reino do Pai* e o Juazeiro como o *reino do Filho* estão relacionadas a uma tentativa dos devotos de demarcar a especificidade sacramental de cada espaço. O Horto é um espaço geograficamente alto, onde existe uma enorme estátua do padre Cícero, toda a organização do lugar é repleta de símbolos que deslocam o olhar para o alto, para o Céu, para Deus. Já o *reino do Filho* liga-se a ideia de uma cidade profana onde existem irrupções do sagrado que tiram o devoto do lugar comum e o levam para uma instância de aproximação com o reino do Pai através de seu principal mediador: o Filho.

Os papéis do Pai, do Filho e do Espírito Santo misturam-se nas narrativas dos Penitentes. Ora padre Cícero é o Pai, ora o Filho e, por vezes, o Espírito Santo. Mas não é

⁴⁶ No dia 01 de novembro de 1969 foi inaugurada uma estátua de 27 metros de altura do padre Cícero que fica no alto da Colina do Horto. É um dos pontos turísticos mais visitados de Juazeiro do Norte.

essa a manifestação da Santíssima Trindade? Três faces de Deus? Seja como for, ratifico, portanto, que o espaço “é também construído a partir das vivências e relações que se estabeleceram entre os sujeitos. [...] O espaço não é um mero cenário, um mero contexto geográfico ou geométrico” (NOBRE, 2011, p.35). A terra “encantada” de Juazeiro torna-se, portanto, o *meio do mundo*:

Por meio de Juazeiro, os fieis que acreditaram no mistério do sangue derramado constituíram topografias pelas quais abriram possibilidades de localização no espaço. Mas a fundação da sacralidade de Juazeiro, com o fluxo de sangue e peregrinos, não é a colocação de um centro no espaço e sim a própria constituição do espaço por meio das vivências que fazem o centro. Não se trata de uma abstração na qual os sujeitos depositam ou projetam as coisas. Como ressalta Merleau-Ponty, torna-se necessário pensar o espaço como inesgotável potência de conexões que não separam o sujeito e objeto ou cultura e natureza, pois faz parte da experiência do *ser no mundo*: “o espaço não é o ambiente (real ou lógico) em que as coisas se dispõem, mas o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível” (RAMOS, 2000, p.8).

Mestre José deveria agora guiar o “seu rebanho” por entre os caminhos encantados de Juazeiro e fixar morada no *reino do Espírito Santo*: o bairro Tiradentes. O modelo de vida pregado por Mestre José atraiu a partir da década de 1970 um grande número de pessoas, não apenas, de Juazeiro do Norte, mas também de outros estados do País para o ingresso em uma comunidade que tinha como principal objetivo naquele momento resgatar as leis de um *tempo sagrado*, o tempo do padre Cícero Romão. Tal como um historiador, Mestre José utilizou diversas “fontes” para tentar reaver esse passado: livros, cartas, depoimentos, enfim, um verdadeiro emaranhado de pistas que o levaram a criar uma comunidade em que fosse possível (re)viver esse “encantado”.

1.3: Mestre José e “as leis de meu padrinho Cícero”

Uma voz em sua mente, um desejo, um chamado interior: seja qual for o dispositivo espiritual que levou Mestre José a abandonar sua vida “profana” e se entregar a um novo caminho, as suas ideias começaram a provocar o mesmo desejo em outras pessoas. Uma das primeiras foi Dona Josefa, conhecida por Zefinha. A formação inicial do grupo foi composta especialmente pelos membros da família de Dona Josefa que residiam em Alagoas. O encontro desta senhora com Mestre José foi fundamental para a formação dos P.P.P:

Dona Josefa : Eu comecei a conhecer ele assim: Eu tinha uma banca no mercado do Pirajá, de verdura. Ai ele passava... Ai eu notava que ele era

diferente dos outros... Pelo comportamento dele, né? O traje que ele usava, o jeito que ele andava ai eu comecei conhecendo que ele era diferente da gente. Ai um dia, eu sou curiosa, perguntei: “Meu senhor, o que significa esse negócio de o senhor andar diferente dos outro?”. Ele achou graça (risos). Ele achou graça, ai foi e disse assim: “Uma pergunta muito interessante que muito me agradou. Por que é difícil nos tempo que a gente vive hoje...” e naquele tempo eu era muito nova, “... uma pessoa na sua idade curiar a vida de um pobre que nem eu. Isso ai a senhora pergunta bem. Você sabia minha filha que... a gente deixa o mundo para servir a Deus”. Ai eu disse: “Pois tá certo... E o senhor é casado?”. Ele disse: “Sou”. Ai eu disse: “E eu posso ir na sua casa, conhecer a sua casa?” “Pode... Agora com essa roupa ai você não entra não...”. Meu vestido era de manga curta aqui ó... “E essa chinela aqui também minha fia... Não entra não...” Ai eu disse: “Pois tá bom”. Ai não demorou muito tempo e ele foi simhora. Seguiu a vigem dele. No outro dia nós fomo novamente. Ai ele chegou e disse, eu tava com roupa de frio, ai ele disse: “Com essa roupa ai pela primeira vez você pode entrar na minha casa”. Ai disse: “pois tá bom”. Ai quando foi no domingo eu me preparei, eu e meu esposo, passamo lá o dia ai eu vi que tudo era diferente. Lá tinha religião, lá tinha ordem, lá tinha tudo o que a gente podia precisar pra um Cristão viver, tinha lá. Minha mãe dizia que só vinha aqui pro Juazeiro se tivesse uma pessoa que levasse as leis do meu padrinho Cícero. Eu dizia: “Mãe, mãe, tu num encontra nunca! Por que nós tamo em outro tempo... O tempo de meu padrinho foi um”. Ela dizia: “Pois Zefinha, eu só vou morar um dia no Juazeiro se for assim.” Ai eu fui e escrevi pra mãe. Nesse tempo não tinha telefone não. Faz muitos anos...

Roberto Viana: A senhora acha que hoje exista um romeiro, um grupo que siga tão direitinho as leis do padre Cícero como vocês?

Dona Josefa: Não! Quer dizer... Quase! Meu irmão, tem... Por que Deus nunca disse: “Acabousse tudo”. Ficou o “Quase”, né? (risos) Por no mundo as coisas não se acabam de uma vez não... Mas é difícil... Pra fazer o que o meu padrinho Cícero queria? É o que eu tava contando aqui a elas nesse instante. É difícil... As coisas tudo do jeito que Deus quer, como tá hoje...

Dona Josefa apresenta vários elementos importantes para refletirmos sobre a formação da comunidade: o primeiro refere-se ao espaço de sociabilização onde aconteceram os principais encontros de Mestre José com os seus primeiros discípulos: o Mercado Público do Pirajá. Este espaço foi (e ainda é) um dos maiores mercados públicos de Juazeiro do Norte e localiza-se relativamente próximo ao “reino do Espírito Santo”, o bairro Tiradentes. A relação entre esses sujeitos, o seu bairro e os espaços de sociabilização que nele existem reforçam a ideia de que “a cidade é, no sentido forte, ‘poetizada’ pelos sujeitos: este a re-fabricou para o seu uso próprio desmontando as correntes do aparelho urbano; ele impõe à ordem externa da cidade a sua lei de consumo de espaço” (MAYOL, 2003: 45). O segundo elemento determinante apresentado por Dona Josefa foi a principal regra da comunidade: *O desprezo do mundo para servir a Deus.*

Essa foi a primeira (e principal) regra apresentada por Mestre José a seus discípulos. Para o líder dos PPP o “desprezo do mundo” significava abandonar os principais confortos materiais que a vida “moderna” proporcionava e viver da mendicância e peregrinação: água encanada, energia elétrica, roupas da moda, televisão e rádio eram estritamente proibidos para os integrantes dessa irmandade. Nem a autoflagelação, nem a dança votiva: a penitência dos PPP consistia no abandono e privação dos bens materiais e na mendicância.

Para Dona Josefa, essa era a prova concreta da seriedade e entrega de Mestre José. Na interpretação dessa senhora, Mestre José seria o único capaz de transmitir com seriedade as leis que haviam se perdido há muito tempo. Tal como um pastor, Mestre José iria conduzir o seu rebanho através de um caminho que os levaria a um tempo sagrado, o tempo do padre Cícero.

Além dos confortos materiais, Mestre José identificou ainda outros sinais da influência do mal, do fim dos tempos e do próprio Satã que circulavam tranquilamente entre as pessoas: o uso de “sandálias de cravo” e relógios de pulso foi proibido aos PPP pois Mestre José creditou a eles uma força do mal disfarçada.

Na interpretação do líder as “sandálias de cravo” (sandálias japonesas) eram uma representação da crucificação de Jesus e quando você as usava estava “pisando” sobre as chagas de “nosso senhor”. Já o relógio de pulso ao ser muito usado, e em contato com o sol, deixava na pele uma marca em forma de círculo que ele interpretou como sendo a “marca da besta”.



Imagem 02: Comparação proposta por Mestre José entre as “sandálias de cravo” e a crucificação de Jesus.

É impossível mensurar a força que a pregação de Mestre José teve sobre a vida das pessoas que ingressavam pouco a pouco nessa comunidade. As propostas do emblemático líder não se limitavam ao plano religioso. Para Mestre José era importante que todos

trabalhassem para a sobrevivência da comunidade e para o sustento e de suas famílias em uma plantação comunitária chamada de “roça da Mãe de Deus” em que eram cultivados vários gêneros alimentícios.

Gradativamente, o número de pessoas que procurava os conselhos e as regras de Mestre José aumentava. Apesar de não ser possível afirmar com precisão quantos membros existiam no início da irmandade, os relatos contam que já chegaram a mais ou menos cem pessoas. Esse aumento exponencial de pessoas que procuraram seguir o modelo de vida apregoado por Mestre José pode ser explicado, na minha interpretação, por alguns *indícios* encontrados tanto nas pregações do Mestre quanto no momento histórico que a Igreja e o laicato estavam vivendo na década de 1970.

Naquele momento, a Igreja Católica experimentava um processo de reaproximação com as práticas laicas a partir das decisões tomadas no Concílio Vaticano II (1962 – 1965) e nas conferências de Medellín (1968) e Puebla (1979). Existe uma preocupação da Igreja nesse momento em reaproximar-se das práticas laicas, consideradas anteriormente como centros do desvio e do erro. Segundo Paz:

Uma das marcas do Vaticano II é o seu caráter ecumênico e multiculturalista, o que traz efeitos no que diz respeito à religiosidade popular. Marcado por um forte caráter reformador, e imbuído de uma racionalidade científica, ele se volta para a religião popular, ancorada na devoção, na piedade, numa vivência religiosa mais privatizada, pouco sacramental, expressa em grandes celebrações coletivas e festivas, passando a considerá-la não mais como desvio e erro, mas como fonte de ignorância e alienação, pois a ela se atribui a manutenção do status quo, do clientelismo e das relações de patronagem (PAZ, 2011, p.179).

Fica claro no excerto de Paz, o caráter paradoxal do Concílio Vaticano II: A Igreja deveria investir em políticas de reaproximação com o “popular” para corrigi-lo e enquadrá-lo em sua concepção de fé. A Igreja Católica pós Vaticano II é a igreja que acolhe, mas acolhe para transformar. No Cariri cearense, especialmente em Juazeiro do Norte, é sensível a mudança causada pelo Concílio na política episcopal local.

A Diocese do Crato, a qual Juazeiro do Norte está vinculada, estava sob os auspícios do bispo Dom Vicente de Araújo Matos durante o período de influência do Concílio Vaticano II. Uma das medidas mais significativas da reverberação das ideias do Concílio na Diocese é a produção de um documento intitulado “Levantamento Sócio-Religioso da Diocese do Crato: Caminhos para a ação no Plano Religioso (1963)”. Ainda segundo Paz:

O objetivo dessa catequese é “[...] levantar lentamente os fiéis ao conhecimento exato da mensagem cristã” (Levantamento, 1963, p.16). Seu ponto de partida é a devoção a Nossa Senhora das Dores que, na visão da Igreja, por se encontrar “[...] eivada de sentimento supersticiosos e de motivações de ordem temporal e biológica [...]” (Ibidem), exige um trabalho de purificação. Este trabalho catequético deveria evitar, contudo, uma preocupação “[...] apologética e moralizante, bem como o combate agressivo às superstições. O que importa é transmitir uma mensagem evangélica de que os fiéis carecem muito. E com isso as superstições desaparecerão” (PAZ, 2011, p. 188, 189).

A partir da análise desse documento é possível perceber como a Diocese do Crato, sob a influência do Vaticano II, enxergava as práticas laicas (romeiros, penitentes e beatos, especialmente). Eles estavam “afastados do conhecimento exato da mensagem cristã”, a crença em Nossa Senhora das Dores estava “eivada de um sentimento supersticioso”, devia-se, portanto, “purificar” esses excessos através da evangelização, fugindo dos combates apologéticos e agressivos, havendo um aumento da política eclesial nesse sentido.

A comunidade dos PPP estava surgindo exatamente nesse contexto. Eu ousou afirmar que essa “reabertura” da Igreja para o popular tendo em vista o maior controle das práticas é o ponto crucial da influência do Vaticano II em Juazeiro do Norte. Nesse sentido, é possível avaliar que em Juazeiro, apesar das interdições oficiais, sempre houve um espaço para as práticas laicas mesmo porque, muitos dos sacerdotes que lideravam importantes paróquias nutriam o mesmo sentimento motivador que estava nos romeiros, beatos e penitentes. As medidas que geraram tensão entre a Igreja e os grupos da tradição laica foram exatamente aquelas usadas no sentido de incentivo a transformação das práticas dos grupos e da aproximação da Igreja com a “modernidade”.

O Concílio Vaticano II abriu as portas da Igreja para o mundo moderno e isso ia de encontro com um importante postulado pregado por Mestre José: o abandono das “tentações” da modernidade. O significado da abertura da Igreja para a modernidade estava intimamente ligado a sua aproximação com ideologias progressistas (Teologia da Libertação), aproximação com os pobres (comunidades de base), com uma parcela cientificista e higienista do culto. É importante lembrar que as determinações do Vaticano II afetaram a igreja de diferentes formas e que muitas iniciativas individuais surgiram dentro da própria Igreja através de padres e freiras que iam de encontro as propostas deste Concílio.

O grupo dos PPP surgiu nessa conjuntura como uma comunidade que almejava um retorno para o momento, no qual a Igreja local seria ordenada através das leis do padre Cícero, um sacerdote que, apesar de uma formação extremamente romanizada, gerenciava

práticas que colocavam o indivíduo leigo em um papel fundamental dentro da comunidade religiosa.

É preciso destacar ainda que, apesar do grupo surgir nesse cenário histórico, os embates resultantes de uma tentativa de controle dos leigos por parte da Igreja não são inéditos. Para citar um caso, recorro a um exemplo mencionado pela historiadora Edianne Nobre ao estudar as *biografias espirituais* das “beatas de Ibiapina” no século XIX. Ao afirmar que os embates entre leigos e a Igreja remontam pelo menos ao medievo, essa pesquisadora revela o seguinte caso:

A partir do século XIII, o movimento beguinal, que floresceu nos Países Baixos e no norte da França e Alemanha, ganhou destaque justamente por ser um movimento urbano de mulheres que decidiram viver uma vida de piedade sem fazer votos solenes com a Igreja. Mas, à medida que o movimento foi crescendo, também foi chamando a atenção da Igreja que procurou incorporá-las às ordens religiosas já estabelecidas (NOBRE, 2011, p.19).

Os embates simbólicos entre o grupo de PPP e a Igreja Católica revelam a conexão da comunidade com uma disputa antiga experimentada por leigas e leigos centenas de anos antes da formação dessa irmandade, do nascimento do padre Ibiapina, do padre Cícero ou ainda dos *movimentos sociorreligiosos* do Nordeste brasileiro. Penso, entretanto, ser possível destacar as *táticas* usadas pelos PPP na construção de suas práticas a partir da década de 1970 estabelecendo tanto relações de proximidade quanto distanciamento com a política para os leigos da Igreja naquela conjuntura.

A seu modo, Mestre José tentou reconstruir um *tempo sagrado*. O trabalho do líder naquele momento não se distanciava muito do ofício do historiador: através da análise minuciosa de uma vasta documentação que incluía livros antigos, textos do padre Cícero, memórias de seu treinamento com Mamãe Anja, ele organizou a vida dessa comunidade, tentando *traduzir* o passado em um determinado momento presente.

As suas principais fontes incluíam dois textos que, juntos, ajudaram a formar a base doutrinária do grupo e para aproximá-los desse tempo desejado: o livro “A Missão Abreviada”, escrito em 1859 pelo padre português Manoel José Gonçalves Couto e o texto “A Machadinha de Noé” cuja a autoria é creditada ao padre Cícero Romão. Esses textos foram tão importantes que até hoje são considerados sagrados para os membros da comunidade. Mais importantes, inclusive, que a Bíblia.

1.4: Mestre José “historiador”: a *tradução do passado a partir do sagrado*

À medida que me aproximava mais do cotidiano dos PPP percebi a forte relação dessas pessoas com uma *cultura escrita*. A maioria dos ritos públicos que presenciei foram conduzidos através de um conjunto de livros que funcionavam como um manual, não apenas para as celebrações, mas também para a vida cotidiana. A maioria desses livros havia pertencido a Mestre José e foram adquiridos no seu esforço de tentar reconstruir o passado primoroso vivido “nos tempos do padre Cícero”⁴⁷.

Juntamente com o penitente Israel, elaboramos uma lista com os principais livros que foram/são usadas pelos penitentes em seus rituais. A maioria dessas obras são raras e estão guardadas por essas pessoas como um verdadeiro tesouro. Os seus temas variam desde a vida dos santos, orientações sobre os dias do ano, até manuais de como viver em uma vida de santidade. Segue a lista elaborada em conjunto com o penitente:

TÍTULO DO LIVRO	ANO DE PUBLICAÇÃO/EDIÇÃO	TEMA GERAL	AUTOR
Missão Abreviada	1º Ed. 1859	Breviário com meditações e instruções para o devoto	Manuel José Gonçalves Couto
O Novo Mês de Maria	(aproximadamente) 1835	Orações, hinos, exemplos e práticas para cada dia do mês de Maio.	Frei Serafim de Catarina
Manual Abreviado da Missa e confissão	1875	Orações, hinos, explicações dos mistérios da Missa, saltério do	J.I. Roquette.

⁴⁷ Após a morte de Mestre José os livros foram divididos entre os seus discípulos mais antigos: Manoel Aves de Jesus (Olício) e João José Aves de Jesus (Sr. Joca). A sua maneira, cada um desses discípulos tratou de forma singular a herança deixada pelo Mestre. As dissidências internas após a morte do Mestre José e a transformação do grupo serão abordados especialmente no Capítulo 2.

		nome de Jesus.	
Mês de Jesus Sacramentado	1872	Orações e práticas espirituais	Fr. Manoel da madre de Deus
Cartilha ou compêndio da doutrina Christã.	?	Catequese, devoções, apêndice com: tábuas das festas mudáveis, eclipses do sol e da lua, advertência do ano, regras do bem viver.	Pe. Santiago José Garcia Mazo
Mês das almas do purgatório	1918	Exercícios próprios para cada dia do mês de Novembro	Mons. Dr. José Basilio Pereira
Hygiene da Alma	1918	O poder que a alma tem pela hygiene moral de preservar o corpo	Barão de Feuchtersleben
O maior tesouro ou a Santa Missa cotidiana	1962	Fatos e exemplos sobre a Missa	Pe. Luis Chiavarino
Na Luz Perpétua	1935	Biografia dos Santos	João Baptista Lehmann
Cidade mística de Deus	?	Mistérios da vida de Maria	Santa Maria de Jesus de Ágrede

Essas leituras tiveram, na minha análise, um efeito tão importante quanto o mito de Mamãe Anja para a formação desse grupo. Arrisco dizer que muitas das concepções, inclusive da construção do mito fundador do grupo, encontram eco nesses livros. A maioria das obras

que me foram apresentados data de meados do século XIX e início do século XX. A análise da recepção desses manuais e do próprio percurso delas até os PPP são reveladoras para a compreensão da cultura e do processo histórico que cerca essa comunidade. Questionamentos semelhantes ao do historiador italiano Carlo Ginzburg ao analisar a vida do moleiro Friulano, Menocchio⁴⁸, apareceram em minha interpretação:

Os almanaques, canções, livros de piedade, vida de santos, tudo o que constituirá o vasto material da produção livreira, a nós surgem como estáticos, inertes, sempre iguais a si mesmos. Mas como eram lidos pelo público de então? Em que medida a cultura predominantemente oral daqueles leitores interferia na fruição do texto, modificando-o, remodelando-o, chegando mesmo a alterar a sua natureza? (GINZBURG, 2006, p.22).

Somam-se ainda a esta lista um bom número de obras que, por estarem muito desgastadas devido à ação do tempo, não possuem título ou ainda indícios de catalogação. Outra informação importante que precisa ser acrescentada a esse levantamento é que muitos dos livros descritos contêm carimbos e etiquetas de livrarias de Recife, capital de Pernambuco, estado natal de Mestre José. Esse indício colabora para o entendimento de que o líder teria tido contato com essa literatura espiritualista antes de vir ao Juazeiro, pois segundo os relatos dos PPP ele não voltou para o Pernambuco após a sua vinda para o Juazeiro. É provável, na minha interpretação que essa leitura tenha sido um dos elementos motivadores inclusive dessa viagem. Sem dúvidas, entre tantas obras, o livro mais importante para eles é a *Missão Abreviada*. Seleciono duas narrativas, uma do penitente João José Aves de Jesus e outra da seguidora Dona Virgínia para demonstrar o nível de importância da obra na vida dessas pessoas:

João José Aves de Jesus: Eu quero só dizer a você que o que disser hoje aqui se você fizer uma reunião com vinte e cinco países pode dizer o que eu estou dizendo aqui. Se precisar de minha presença na palavra eu vou pro mei deles que nem um gato desses sem fazer mal a ninguém (apontando para um gato que estava passando naquele momento). Só pra pegar os rato que aparecer pra dizer que essa Missão não é verdadeira. Por que nós num pega não é pra rasgar não como o gato pega o rato não. Nós pega é pra segurar a palavra da verdade. Aqui é a Missão! Nós pode ver daqui por diante pra vinte e cinco países que essa Missão ela grita na frente de todas as bíblias do mundo! Nem que o diabo não queira! [...] A Missão foi escrivida. Foi dita por Jesus e escrita pelos apóstolos. A Missão Abreviada. Por que ela pertence a religião do pai eterno para o pai Adão e do pai Adão para o pai Noé e do pai Noé pra Jesus. E de Jesus, dos princípios do testamento pra

⁴⁸ Ver: GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Tradução: Maria Betânia Amoroso.

começar com ele e terminar com ele agora, o Juízo Final. Nós tudo agora vamos trabalhar para o Juízo Final⁴⁹.

Dona Virgínia: A Bíblia é um livro que ensina muitas coisas. Tem muita parte da Missão nela. A Bíblia é nova. De mil e quinhentos pra cá. A bíblia é de mil e quinhentos pra cá. A Missão é antiga. É do começo do mundo. Foi de São Pedro que fez a Missão. A Missão de Jesus Cristo. Foi o primeiro livro do mundo⁵⁰.

As narrativas do penitente João José e de Dona Virgínia tem como ponto em comum a comparação da Missão Abreviada com o livro que é o maior símbolo da cristandade: A Bíblia. É possível perceber, especialmente na fala de João José, certo “rancor” com relação a este livro. Dona Virgínia acrescenta o debate informando que a “Bíblia é muito nova”, que o primeiro livro do mundo teria sido a “Missão”.

Acrescento ainda que, apesar das falas dos PPP estarem repletas de imagens e textos bíblicos, essas referências estão muito mais ligadas à aproximação dessas pessoas com os manuais de piedade do século XIX, especialmente a Missão Abreviada, do que com a leitura da Bíblia por eles.

Ao ser indagado sobre a relação do grupo com a Bíblia e a forma como ela aparece nos discursos dos penitentes mais antigos da irmandade, o penitente Israel me forneceu uma narrativa reveladora que, segundo ele, teria aprendido com os mais velhos da irmandade, especialmente com o penitente Manoel Aves de Jesus⁵¹, “o aluno mais exemplar de Mestre José”.⁵²

Israel Aves de Jesus: E ali quando Nosso Senhor entregou a Missão à São Pedro disse que ele fosse à Roma e edificasse a Santa Sé que aquele seria o trono dele na Terra. Nosso Senhor também encarregou São Pedro de escrever a Missão Abreviada. E na ocasião que São Pedro terminou a sua vida no apostolado, ele tinha terminado de escrever a primeira parte. Ai ele deixou para seu sucessor, conforme a tradução de meu padrinho Manoel e de Mestre José, que foi São Braz. Ai São Braz escreveu a segunda parte da Missão e foi e deixou para seu terceiro sucessor São Bento. Ai quando terminou-se a parte de São Bento que ele escreveu, veio Martinho Lutero que coube a ele a quarta parte da Missão pra ele escrever. Ele muito bem escreveu. Mas como ele queria que a humanidade não seguisse os caminhos de Deus, se desviasse dos caminhos de Deus, ele muito bem escreveu a Missão Abreviada, colocou em sua mão direita e disse: “Este livro que eu

⁴⁹ Entrevista concedida pelo penitente no dia 07 de julho de 2015 em sua casa, conhecida também como a “casa da Missão”.

⁵⁰ Entrevista realizada no dia 07 de julho de 2015 na calçada da casa de Dona Virgínia junto com outras seguidoras da irmandade.

⁵¹ O Capítulo 2 abordará com maior profundidade a atuação desse penitente dentro do grupo.

⁵² Agradeço particularmente a professora Dra. Edianne Nobre que me instigou a questionar os PPP sobre a sua relação com a Bíblia em outros contextos cristãos além do Católico.

terminei de escrever é o complemento que me cabia que eu acabei de terminar. Esse livro leva para a direita. Para o caminho da salvação. Porém eu vou escrever outro que quando eu termina-lo vai ser o livro geral que vai ser espalhado por todo o mundo. E esse é que vai crescer e se multiplicar para cumprir a palavra que Deus disse na criação. Mas não na fé. Mas nas coisas materiais e bens desse mundo”. Ai ele escreveu a Bíblia ajudado de Zuínglio e de Melâncton. Assim conforme ainda o que eles falavam. Eu não compreendo como foi que eles encontraram esses nomes! E João Calvino também! Eles diziam que João Calvino também tinha ajudado. Pra finalizar, quando ele terminou de escrever a Bíblia, ele colocou a Bíblia na mão esquerda e disse: “esse daqui vai ser o livro que todo mundo vai aceitar. Esse aqui é o que vai crescer e multiplicar. Mas não para o Céu. Mas sim para as coisas desse mundo”. E daí daqueles tempos pra cá os penitentes dizem que a Bíblia começou a se proliferar. Ai também eles querem afirmar que a Igreja aceitou o uso da Bíblia e ficou assim, conivente, aceitando aquilo que estava lá escrito.”⁵³

Considero essa narrativa do penitente Israel fundante para a compreensão da relação do grupo com a Bíblia e, por consequência, com a própria Igreja Católica. A história contada pelo jovem liga-se com vários elementos das narrativas de Dona Virgínia e do penitente João José. Quando Dona Virgínia afirmava que “a Missão foi escrita por são Pedro” ou quando o penitente João José colocou que a “Missão foi dita por Jesus e escrita pelos apóstolos” eles estavam, possivelmente, fazendo referência a essa narrativa que os PPP devem ter ouvido diversas vezes ser proferida pelo Mestre da irmandade.

O elemento mais instigante a ser revelado, contudo, diz respeito à escrita da “quarta parte da Missão” que teria sido encarregada, segundo a narrativa, ao novo Papa da Igreja, Martinho Lutero. Essa chave narrativa explica de forma mais clara a rejeição ao uso da Bíblia, pois, segundo a história apresentada, esse livro teria sido escrito por uma tentativa de Lutero, que traiu a Igreja, de “crescer e multiplicar” uma crença que não ia levar à salvação da alma, mas apenas o crescimento dos bens materiais.

É interessante perceber também que a partir da década de 1970, segundo dados apresentados pela antropóloga Renata Marinho Paz ⁵⁴, existe um aumento exponencial do número de Igrejas Evangélicas a fixarem-se no Brasil (ver gráfico abaixo). Interpreto que o aumento do número dos “homens da Bíblia”, como eram conhecidos os evangélicos, também contribuíram para a formação dessa narrativa que o penitente Israel apresentou. Observa-se ainda o fato dos antigos penitentes terem, segundo o penitente Israel, conhecimento de nomes

⁵³ Entrevista realizada no dia 08 e Março de 2017.

⁵⁴ Ver: PAZ, Renata Marinho; JERONIMO, Priscila Ribeiro. Para além do catolicismo: a presença evangélica em Juazeiro do Norte. **Anais dos Simpósios da ABHR**, Juíz de Fora, p.10-20, mar. 2011. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/view/288>>. Acesso em: 09 mar. 2017

como Zuínglio, Melâncton e João Calvino, três líderes da Reforma Protestante de diferentes lugares do mundo.

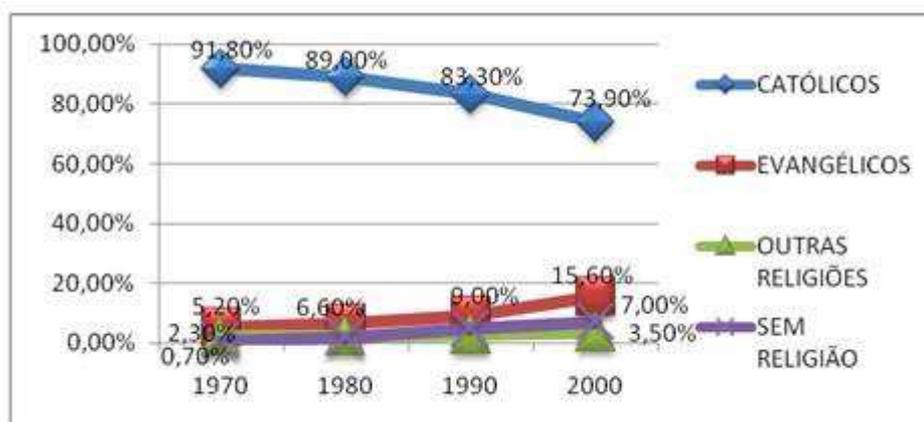


Imagem 03: Gráfico em que fica evidente o aumento do número de Igrejas evangélicas a partir de 1970 no Brasil.

Outra informação pertinente apresentada no relato do penitente Israel é a de que Martinho Lutero, na condição de Papa da Igreja, teria colocado em sua mão direita o livro que era o “caminho da salvação” enquanto na mão esquerda estava o livro que ia “crescer e multiplicar as coisas do mundo”. De acordo com o “Dicionário de Símbolos” escrito pelo filósofo Jean Chevalier e o antropólogo Alain Gheerbrant, essas duas palavras podem ser pensadas a partir de algumas questões:

A linha reta (fr. *ligne droite*) pode ser materializada pela flecha, o raio, a coluna, a chuva, a espada. Simboliza a comunicação da causa ao efeito, do incriado [*sic*] ao criado, como ação e passagem de influxo de um para o outro, mais do que como estrutura do mundo. Na Bíblia, *olhar a direita* (*Salmos*, 142,5) é olhar para o lado do defensor; é lá o seu lugar. Como será o dos Eleitos no Juízo Final, quando os Danados ficarão à esquerda. A esquerda é a direção do inferno; à direita, a do paraíso (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2012, p. 341).

Outro desdobramento analítico que a narrativa possibilita é pensar na relação do grupo com a Igreja Católica. Existem relatos de que o Mestre José, após a celebração da Missa fazia uma pregação forte em frente a Igreja cujo um dos principais focos era alertar aos padres e demais membros da celebração o caminho errado que eles estavam seguindo. Além disso o primeiro Mestre também profetizava o iminente “fim dos tempos”. Essa tradição foi, de certa forma, conservada pelo penitente João José que também profere esses sermões, que são feitos à revelia da vontade da maioria dos padres e que, segundo o penitente, causam certo

desconforto para aqueles que não desejam ouvir seu alerta. Ainda sobre a questão da relação do grupo com a Igreja e a Bíblia, o Sr. Francisco, pai do penitente Israel, se posicionou da seguinte forma:

Sr. Francisco: Então, sobre nós, essa irmandade de penitentes, os que *segue* e os que são *penitente*,⁵⁵ sobre a Santa Missão, que é o nosso livro oficial, que nós se rege por ele. Não desprezando a Bíblia. Nós não desprezamos a Bíblia. Nós não desprezamos a Igreja Católica Apostólica Romana, não. Ela é a nossa mãe que nem meu filho disse. E é a esposa de nosso senhor Jesus Cristo. Não desprezamos os livros santos também não. Não desprezamos os cardeais, os arcebispos, os bispos, não desprezamos os sacerdotes, não desprezamos os leigos. Quem somos nós? Não somos melhor que nenhum deles. Somos todos iguais, filhos de Deus. Agora, a diferença é: que eles se rege pela Bíblia e nós, vamos dizer, pela Santa Missão e, ora, se nós vamos pra missa, chega lá a liturgia é da Bíblia, sendo dessa forma nós estamos se regendo pela Santa Missão e pela Bíblia. Quando estamos em nossa casa lemos todos os dias uma instrução da Santa Missão, que é pra nós procurar emendar um pouquinho mais nossos erros, né? E quando vamos pra santa Missa já sabe, lá o sacerdote está celebrando e nós estamos ouvindo atentamente a santa missa. É verdade que, quando vamos, enquanto o sacerdote está celebrando a Missa, nós reza o Rosário, o Rosário da Mãe de Deus. Não existe dinheiro, grave essa frase, não existe dinheiro nem nada no mundo que possa pagar o rosário da Mãe de Deus.

O relato do Sr. Francisco deixa claro que o sentimento dessas pessoas não é de rompimento com a Igreja. Essa instituição é a “esposa de Nosso Senhor”, é a “mãe de todos nós”, segundo Sr. Francisco. O que existe, de fato, é um desejo de que a Missão Abreviada seja incluída e aceita como um livro sagrado pelos demais “filhos” dessa “grande mãe”. Essa explicação fornecida por Sr. Francisco apresenta ainda alguns dos costumes cotidianos dos PPP como o fato de, na hora da missa, eles rezarem o “rosário da mãe de Deus” que é outra devoção central para o grupo.

Na minha interpretação, essa prática apontada por Sr. Francisco está muito mais ligada a uma tentativa de viver de acordo com o *tempo sagrado* em que as missas eram celebradas em latim e a comunidade, sem entender muito bem aquele ritual, fazia a leitura dos livros de piedade e rezam o rosário do que uma espécie de *rebeldia* do grupo perante a celebração.

Isso não quer dizer, entretanto, que eu não enxergo elementos *táticos* de resistência do grupo perante as *estratégias* modernas da Igreja. A pregação pós-missa é um desses elementos. Contudo, considero ser interessante pensarmos no contexto de propagação da

⁵⁵ Existe uma diferença, na contemporaneidade, entre seguidores e penitentes. Sobre essas diferenças, ver Capítulo 2.

Missão Abreviada e a forma como ela era usada nas antigas comunidades para que possamos entender melhor os elementos que constituem esse *tempo sagrado* ao qual os PPP referem-se constantemente.

Esse livro foi escrito em Portugal pelo padre Manoel José Gonçalves Couto no contexto das *Missões Populares* católicas do século XIX neste País. É uma espécie de manual para (como está contido em sua capa) “despertar os descuidados, converter os pecadores e sustentar o fruto das missões⁵⁶: Este livro é destinado para fazer oração e instrução ao povo. Obra utilíssima para os parochos, para os capellães, para qualquer sacerdote que deseja salvar almas e, finalmente, para **qualquer pessoa** que faz oração pública.” (COUTO, 1871).

Um dos principais ensinamentos da Missão Abreviada estava estampado em sua capa: na ausência de um sacerdote um **leigo** poderia realizar a mediação entre o povo e o sagrado: “Em qualquer povoação deve existir um Missionário (deixe-me assim dizer); este deve ser um Sacerdote de bom exemplo, e na falta d’elle qualquer homem ou mulher que saiba lêr bem, e d’uma vida exemplar” (COUTO, 1871, p.7).⁵⁷ Essa instrução resolvia em partes o problema da falta de sacerdotes para acompanhar as comunidades mais afastadas que as *Missões Populares* em Portugal tentavam alcançar. As instruções do livro eram lidas em voz alta e depois era feita uma *oração mental*, ou seja, uma reflexão sobre o conteúdo lido:

A assembleia ficava depois em silêncio a reflectir durante quinze minutos. A leitura em voz alta supria, até certo ponto, a incultura da esmagadora maioria dessa população adulta analfabeta que se distribuía pelo país e mais densa era nas zonas rurais do interior. O proveito que haveria de um manual acessível com orações, meditações e cânticos (versos) está presente no sucesso da obra chamada “Bíblia das aldeias”, considerada “suporte da vivência católica do povo nortenho, até há pouco anos”, ou seja a Missão Abreviada, do Pe. Manuel José Gonçalves Couto (MARQUES, 1999, p. 232).⁵⁸

O sucesso do emprego dessa metodologia em Portugal motivou os missionários, especialmente Capuchinhos, a estenderem sua empreitada para além-mar. Dessa forma,

⁵⁶ A grafia original dos excertos da Missão Abreviada não foi modificada no intuito de ressaltar o momento em que foi redigida.

⁵⁷ É importante lembrar que muitos livros de prédicas do século XIX (e até mesmo anteriores) também incentivavam as ações dos leigos, entretanto, nenhuma dessas obras ganhou tanto destaque para o grupo como a Missão Abreviada. Mas elas também foram possivelmente lidas pelos integrantes dessa irmandade conforme eu apresentei na tabela do início do Capítulo.

⁵⁸ Ver : MARQUES, João Francisco de. *O rigorismo na Espiritualidade Popular Oitocentista: o contributo da Missão Abreviada*. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE PIEDADE POPULAR, 1998, Lisboa. **Actas do Colóquio Internacional de Piedade Popular: Sociabilidades, representações e espiritualidades**. Lisboa: Terramar, 1999. 620 p.

através das *Missões Populares*, a *Missão Abreviada* chega à América no século XIX. Segundo o historiador Lemuel Rodrigues da Silva⁵⁹:

Diferente das Missões Volantes e de Aldeamento, que foram marcantes nos primeiros séculos da colonização e atuaram com o propósito de catequizar as tribos indígenas do litoral e dos sertões, as Santas Missões, ou Missões Populares, do século XIX foram criadas no contexto histórico da romanização em que vivia a Igreja Católica e pretendiam, dentre os vários objetivos, transmitir a prática sacramental e fortalecer o vínculo entre os fiéis e a hierarquia eclesiástica (SILVA, 2011, p.41).

No “novo mundo” a Missão Abreviada foi usada e ressignificada por diversos grupos religiosos e movimentos populares em meados do século XIX e início do século XX. Para citar alguns exemplos: Canudos (Antônio Conselheiro, Bahia), Caldeirão da Santa cruz do Deserto (Beato José Lourenço, Crato, Ceará), Casas de Caridade (Padre Ibiapina, Crato, Ceará.), Pau de Colher (Beato Severino Tavares, Bahia, Pernambuco). A história desses movimentos está intimamente relacionada ao uso da Missão Abreviada. Ao seu modo, Mestre José resgatou e agregou as principais concepções desses líderes à irmandade que ele estava organizando.

Uma marca importante que perpassa esses movimentos e que está muito ligada ao modelo espiritual presente na Missão Abreviada é o “sermão forte”, ou seja, a pregação que tem como principal mote a ideia do *temor*, do *medo* causado pelos *castigos divinos*. Na obra existem detalhadas descrições do inferno e das duras penas que uma pessoa passaria caso caísse em seu “mar de fogo”. Um jornal alagoano (estado de onde vieram a maioria dos PPP) do século XIX, intitulado “A Palavra”, noticiava a seguinte reclamação em sua edição do dia 24 de setembro de 1876:

⁵⁹ Ver: SILVA, Lemuel Rodrigues da. O discurso religioso no processo migratório para o caldeirão do beato José Lourenço. 2009. 224 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

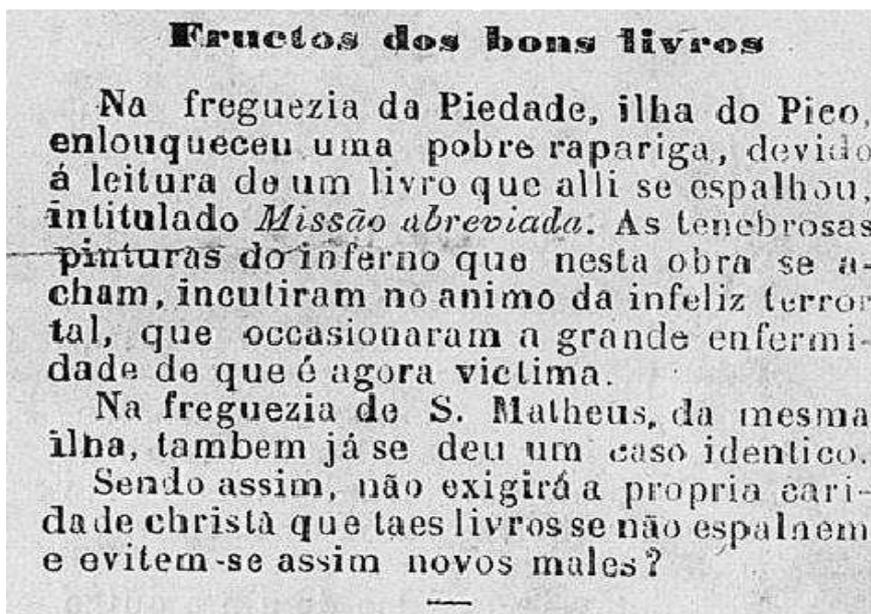


Imagem 04: Exceto do Jornal "A Palavra" de Maceió, AL. Edição de 24 de setembro de 1876.

À medida que os movimentos socioreligiosos que usavam a Missão Abreviada como guia fundante foram diluindo-se até chegar ao fim, a leitura dessa obra foi tornando-se cada vez mais rara e sinônimo de ignorância e fanatismo. A atuação dos leigos legitimada pela Missão Abreviada e ainda o modelo de pregação nela contido, já não faziam mais parte do projeto de evangelização moderno na Igreja especialmente após o Concílio Vaticano II. Em uma entrevista do dia 11 de junho de 2013, ainda na fase inicial dessa pesquisa, o penitente João José Aves de Jesus narrou o seu espanto em não ver a Missão Abreviada ser usada em rituais católicos na ocasião de sua vinda à Juazeiro do Norte:

João José: Eu já tinha um conhecimentozinho dela pela educação dos meus pais, do meu avô, da minha mãe, da minha avó, que é a primeira educação que nós tem. E eles foram de família muito Católica, missionária. Eu já tinha uns conhecimento de parte da Missão quando encontrei com ele⁶⁰ pra aprofundar mais dentro da missão verdadeira, do conhecimento Católico pra não ser tão fácil de ser iludido por tantas igreja que tem hoje que a pessoa com quarenta, cinquenta, sessenta anos confessando, comungando, ainda passa pra outra religião, isso não é Católico. [...] Quando eu cheguei aqui em 1956 em Juazeiro, eu era muito criança, tinha uns sete, oito anos, morava num sitiozinho, quando cheguei meu pai me levou pra uma missa no Socorro e na Matriz e nos Franciscano, lá com sete, oito anos e eu admirei a missa que foi celebrada. Meu pai mermo não deu sinal pra mim sobre a missa, fiquei lá assistindo, rezando. Ai quando acabou no caminho de casa perguntei pro meu pai: pai, por que os padre hoje celebraram a missa tão diferente? Não é assim não meu pai, a missa não é assim não. Meu pai dizia:

⁶⁰ O penitente está se referindo a José Aves de Jesus (Mestre José), o líder do grupo de Penitentes Peregrinos Públicos, que faleceu no dia 9 de fevereiro de 2000.

Meu filho é o tempo marcado, é o fim das Era. [...] ai eu: mas pai, tá muito diferente. Ai ele disse: E num é por causa disso que nós vai deixar de confessar, comungar, ir pra missa, casar e deixar de ser católico não. [...] É meu pai mas tá muito diferente.⁶¹

A busca do penitente João José pelo modelo de fé antigo que ele havia aprendido em sua comunidade, desde a infância, na zona rural⁶² só teve fim quando este senhor conheceu Mestre José e os seus ensinamentos. Naquele momento, a Missão Abreviada era tida como uma *reliquia* pelo grupo e o seu manuseio só era permitido pelo Mestre e poucos eleitos. Apesar de já ser integrante do grupo, o penitente João José ainda não podia fazer parte desse seletto grupo de pessoas que manuseavam a Missão Abreviada. Essa honraria só foi dada a ele, alguns anos depois.

A noção de *reliquia* é muito importante para entendermos como a Missão Abreviada era usada naquele momento. Segundo Ana Christina de Carvalho:

A mística que envolve a *Missão Abreviada* pode ser aproximada de uma verdadeira devoção, pois envolve além do culto ao livro enquanto representação do sagrado, atitudes e ritos de veneração. Esta inter-relação promove uma negociação com o sagrado que reverte o objeto em *reliquia*, enquanto parte do sagrado. No imaginário dos Penitentes Peregrinos, encarna o próprio Deus objetivado. O livro nos foi mostrado, não sem antes termos sido advertidos que não poderíamos pegar ou tocar “na Santa Missão Abreviada”, só os devotos podem manusear o livro (CARVALHO, 2011: 71,72).

Silenciosamente o penitente João José discordava do Mestre. Para ele a *Missão* não deveria apenas ser adorada, mas deveria também ser difundida. Todos deveriam ter acesso a sua “palavra sagrada”. As ideias do ainda jovem penitente não poderiam ser expressas, sob pena de expulsão da comunidade. Mestre José era o único intermediário entre eles a interpretação do texto escrito. Enquanto aguardava o momento certo de expor as suas ideias, o penitente João José aprendia com o Mestre a admirar outro texto, uma profecia, que segundo o líder, teria sido escrita pelo próprio padre Cícero Romão: “A Machadinha de Noé”.

MACHADINHA DE NOÉ

Aviso do Padre Cícero Romão Batista sobre os principais acontecimentos do fim do Mundo
(1931)

⁶¹ Entrevista realizada com o Penitente no dia 11 de Junho de 2013, em sua residência no bairro Tiradentes em Juazeiro do Norte, Ceará.

⁶² João José me informou que nasceu em um sítio próximo a cidade de Missão Velha, Ceará.

Meus caros amiguinhos, é chegado o último momento de dar-vos o meu aviso a todos os habitantes da face da terra, como os sinais prediletos por Nosso Senhor Jesus Cristo, antes da sua sagrada morte paixão, convertei-vos e arrependei-vos dos vossos grandes pecados. Disse: Nosso Senhor Jesus Cristo, quando vires, pestilências, fomes, guerras, revoluções, nação contra a mesma nação, reino contra reino, que são as novas formas de governo, repúblicas, ditaduras, belchevismo ou comunismo, como hoje está convertida a Rússia em um governo anti-cristão, forma de governo esta que brevemente se espalhará por toda face da Terra, terremotos, inundações, coisas espantosas, diversos fenômenos, estas coisas são princípios de dores, e sinais do fim do mundo, ou destruição dos homens sobre toda a face da Terra, tudo isso devido ao pecado e a corrupção, cada dia os homens vão se afastando de Deus e de sua santa religião, o que amam os homens de hoje? A vaidade, a orgia, as riquezas e a toda sorte de corrupção, disse, Jesus Cristo, que nos últimos tempos havia de multiplicar-se a iniquidade e o amor de muitos havida de esfriar; quer dizer que a santa religião cristã será abandonada, a Terra atualmente está cheia de falsas religiões de falsos profetas, de falsos cristos as doutrinas anti-cristãs estão sendo propagadas em toda parte tal como a tal espiritismo ou fetichismo moderno levantado em todos os países do mundo, tudo isso são os verdadeiros sinais do fim do mundo porém disse Jesus Cristo, que o evangelho do reino de Deus seria pregado em todo o mundo, que é a religião cristã, então chegai o fim, olhe! Que estou os avisando! Convertei-vos e arrependei-vos hoje mesmo, que é chegado o tempo do juízo final e do ajuste de contas, e quem não se arrepender mais tarde corará sem remédio, ai de vós pecadores, ai!

O título do texto faz alusão à história de Noé e ao instrumento que o teria ajudado a construir a “arca da salvação” que teria dado abrigo àqueles que o grande dilúvio divino não destruiu. Não existe consenso sobre a autoria do texto, entretanto, os PPP atribuem a sua redação ao padre Cícero. Na verdade, por ser o padre Cícero o grande patrono da irmandade, não é incomum encontrar nas narrativas dos PPP relatos que informam que o padre Cícero também teria escrito a Missão Abreviada.

Diferente da Missão Abreviada, a Machadinha de Noé proclamava uma única mensagem, profunda e direta: o fim dos tempos estava próximo. Na interpretação de Mestre José, não foi por acaso que esse texto parou em suas mãos: ele seria o responsável por proclamar a chegada do fim dos tempos àqueles que ainda estavam imersos no pecado. Uma frase não saía de sua cabeça: “mil anos passarão, mas que dois mil não”. O ano dois mil estava chegando e na interpretação de José, o fim do mundo também.

1.5: O fim de um mundo: rupturas internas e a morte do Mestre José.

“Nós tudo agora vamos trabalhar para o Juízo Final”. Essa frase pairava na mente e no coração dos PPP, pois o ano dois mil chegava com prenúncios do “fim das eras”. A

efetivação do apocalipse no ano dois mil foi um elemento compartilhado por várias pessoas e grupos naquele momento. Parte da concepção de que o mundo acabaria no final do milênio está ancorada nas ideias *milénaristas* e *messiânicas* que circulavam, pelo menos, desde o medievo, o imaginário dos cristãos.

Do longo debate historiográfico que envolve os conceitos de *milénarismo* e *messianismo* existem alguns pontos relevantes para a compreensão da crença dos PPP. Uma primeira leva de sociólogos e historiadores, especialmente na década de 60 e 70, aproximaram-se das explicações socioeconômicas para analisar os movimentos religiosos messiânico-milénaristas do Nordeste brasileiro. Dentre esses trabalhos podemos destacar o de Rui Facó (1965), Maria Isaura Pereira Queiroz (1965), Monteiro (1974), Ralph Della Cava (1977). Segundo a historiadora Cristina Pompa, uma marca importante dessa produção é um “olhar sobre a lógica do social que impede a percepção lógica do simbólico” (POMPA, 2004: 75).

As análises do simbólico, do cotidiano e das próprias falas dos sujeitos partícipes desse processo histórico têm gerado uma virada conceitual na compreensão desses movimentos. Tomo como base a concepção evocada por Pompa (2004) para a compreensão desses movimentos:

A visão escatológica projeta os valores positivos no plano temporal do futuro da salvação, ao mesmo tempo recuperando elementos de um passado vivido como a Idade de Ouro (a monarquia no caso de Canudos). O universo religioso torna-se assim o horizonte meta-histórico de um processo que prevê e organiza a destruição definitiva da ordem presente e a construção de uma nova ordem social projetada num novo tempo e num novo espaço: “Vi então um novo céu e uma nova terra – pois o primeiro céu e a primeira terra se foram, e o mar já não existe” (Apocalipse, 21:1). No plano simbólico, certamente, mas também na prática, pois para quem do futuro escatológico a utopia camponesa realiza aqui e agora as transformações das relações de poder: no cotidiano das “vilas santas” as relações sociais são transfiguradas pelas hierarquias celestiais, e seus líderes, que encarnam santos católicos ou personagens bíblicas, dirigem uma comunidade de irmãos (POMPA, 2004, p.77).

A interpretação de Pompa é muito pertinente para a compreensão dos dispositivos de crença dessa comunidade. A busca pela “Idade de Ouro”, tão almejada por esses penitentes, só teria fim quando o Messias, padre Cícero, retornasse no dia do Juízo final. Como ressaltou Pompa, a mudança pretendida por esses grupos não está apenas em um futuro que “resgataria” um passado primoroso, mas está também no aqui e agora, na vivência cotidiana, práticas e

ritos que são elaborados na tentativa de estar o mais preparado possível para este momento tão esperado.

Mestre José não esqueceu nenhum detalhe. Para esperar a vinda do Messias e a restauração do seu “tempo sagrado”, os PPP tinham que seguir um rígido modelo de regras, princípios morais e políticos para não cair nas armadilhas do mal: 1) Privação dos bens materiais e vida em mendicância; 2) Respeito à hierarquia do Mestre José: só ele poderia pregar em público; 3) Uso do rosário; 4) Não usar sandálias de cravo nem relógio de pulso; 5) Acreditar na volta Monarquia; 6) Seguir as orientações de Mestre José e sua interpretação dos textos sagrados; 7) Vestir azul e branco, as cores do firmamento e de Nossa Senhora.

Aqui a face paradoxal da vida em comunidade se apresenta mais uma vez. As rígidas regras de Mestre José fizeram com que, aos poucos, muitos integrantes da comunidade de penitentes fossem se afastando gradativamente até saírem da irmandade. É o caso, por exemplo, de Dona Josefa. A primeira seguidora dos PPP e que trouxe boa parte de sua família para compor o seu quadro de membros, começava a ceder um pouco ao “peso da cruz”:

Roberto: Ai tanto a senhora (falando para dona Josefa) quanto a senhora (falando para dona Marinete) eram casadas com penitentes, né? Ou são casada? Tem algum...

Dona Josefa: Ela é. Era. Mas seguiu pouco tempo. O dela seguiu pouco tempo. Não obedeceu a ordem. Deixou. O meu ainda hoje eu sou casada. Mas ele também, ele faz parte, assim... Só usar o rosário, a roupinha ainda faz uma parte, mas ai não aceitou por que não era pra trabalhar, era só pra andar na penitência, só pra cumprir penitência. A paciência dele não dava.

Roberto: Ha... a paciência não dava (risos). Agora vocês continuaram...

Dona Josefa: Ela continuou... E eu faço parte por que nós somos irmã, nós três. E eu conheço que não existe outra lei na face da terra a não ser essa. Nós sabemos que essa tem uma rapa do antigo! E a que tá havendo hoje é dos tempo moderno. É do moderno. Então nós não acompanha os tempo moderno.⁶³

Apesar de reconhecer que “não existe outra lei no mundo” para ser seguida, Dona Josefa já não conseguia mais segurar o “fardo” da privação completa dos bens materiais. Enquanto o Mestre José ainda estava vivo, surgiu outra forma de participar do grupo: os *seguidores*. Em uma tentativa de não abandonar completamente a irmandade, foi dada uma nova chance para quem ainda desejasse seguir essa “rapa do antigo”: os *seguidores* não teriam a obrigação de abandonar completamente a vida material, nem de fazer voto de castidade ou

⁶³ Entrevista realizada no dia 07 de julho de 2015.

ainda de sair em público pregando a *Missão*. O penitente transforma-se neste momento em uma espécie de sacerdote, um líder comunitário, que decide abandonar a sua vida profana para cuidar do “rebanho” que estava querendo se “desgarrar”.

Esse tipo de dissidência contribuiu para a reelaboração das práticas da comunidade e sua forma de se relacionar com o mundo moderno. Entretanto, existiu outra desavença, dessa vez mais profunda e mais difícil de ser reparada. O penitente João José Aves de Jesus, que há muito tempo já manifestava outros desejos com relação à irmandade, resolveu caminhar por uma estrada individual de pregação.

Os motivos que levaram o penitente a tomar essa atitude incluem a necessidade que ele tinha de também “fazer pregação pública”, bem como, discordâncias sobre a forma como o livro *Missão Abreviada* estava sendo discutido e apresentado à população. João José acreditava que a *Missão* deveria ser distribuída para toda a população que desejasse adquirir o livro, para isso começou a elaborar em sua residência um núcleo de estudos da *Missão Abreviada* que ele intitulou de “A casa da Missão”.

Mestre José contava agora com um seleto número de penitentes, alguns seguidores e a sua fé. Os problemas que a comunidade estava enfrentando eram passageiros, pois o que importava para o Mestre é que o fim dos tempos estava próximo. O ano dois mil havia chegado, e segundo alguns dos penitentes Mestre José andava mais introspectivo e reflexivo que o de costume, “parece que ele estava adivinhando alguma coisa”.

Roberto Viana: Tinha antigamente, eu já li umas coisas sobre os penitentes, e os penitentes diziam quando o mundo ia acabar... a senhora concorda com isso?

Dona Josefa: Criatura... Nós nunca dissemos quando o mundo ia acabar. Eu nunca ouvi o mestre dizer. Agora tinha aquelas palavra que dizia “até mil e tanto que dois mil não chegará”. Todo mundo dizia nera? Todo mundo dizia essas palavra então nós se levemo nessas palavra.

Roberto Viana: E no ano dois mil foi o ano que ele partiu...

Dona Josefa: Nosso senhor chamou ele... Quer dizer que ele falava do fim dele, mas nem ele mesmo sabia. Deus é quem sabia, né? Então foi aprovado o que ele dizia que essa passagem e nós também via... Que nossos avô dizia, que meu padrinho Cícero dizia... Quando a gente visse o que nós tamo vendo hoje, os acontecimento. Quando nós visse tudo o que nós tamo vendo, a gente se lembrasse do final dos tempo. Mas a gente sabe, que você pode acreditar, que não é de brincadeira não: Nós tamo no começo de era e no final dos tempo!

Roberto Viana: No começo da era e no final do tempo...

Dona Josefa: Né verdade? Por que o senhor preste atenção... Não existe quatro tempo. Só existe três tempo: o tempo do pai, do filho e do espírito santo. E esse já findou. Nós tamo no tempo do espírito santo.

Roberto Viana: É, né? Ai tá já acabando...

Dona Josefa: Num tá acabando, num tá acabando... Nós é que tamo se acabando. Agora que, pra dizer assim, findou esse século e vai chegar outro que nem nós vimu esse se findá... Nós não vimo esse findá? Pois nós não vamo ver esse outro não... Ninguém vê. Por que não existe quarto tempo. Não existe a quarta pessoa da santíssima trindade. Só é três: o tempo do pai, o tempo do filho e o tempo do espírito santo. Já passou o tempo do pai, já passou o tempo do filho, no ano dois mil, e agora nós tamo no tempo do espírito santo. No século da destruição. Agora ninguém sabe se vai até trinta e três, trinta e quarto, trinta e cinco... Se vai até o ano cinquenta... Nós num sabe. Agora nós sabemo, você tá sabendo, pode prestar atenção. Na sua juventude, vá prestando atenção... Que o que tá acontecendo na face da terra é uma coisa que num tá certo, pra ir ao além de muito tempo. Num pode. Num pode.

As narrativas de Dona Josefa sobre os três tempos: O tempo do Pai, do Filho e do Espírito Santo, encontram eco em tradições muito mais antigas do que àquelas apresentadas por Mestre José. A historiadora Jaqueline Hermann ao analisar os aspectos *sebastianistas* na sedição colonial do Rodeador (1817 – 1820)⁶⁴ relembra que a espera por um tempo de “mil anos de felicidade” (milénarismo) desenvolveu-se em Portugal através de várias doutrinas, entre elas a *doutrina das três idades* do monge calabrês Gioacchino de Fiore:

[...] segundo a qual à Idade do Pai, era do Antigo Testamento, se seguiria a Idade do Filho, tempo do Novo Testamento, e, finalmente, chegaria a Idade do Espírito Santo, tempo de uma nova ordem espiritual, momento de concretização do reino de Cristo sobre uma terra regenerada (HERMANN, 2001, p. 136).

A relação do relato de Dona Josefa com a *doutrina dos três tempos* de Gioacchino de Fiore revela a crença na espera pelo tempo prometido, o tempo em que o *fim do mundo* (ou dos tempos) não significa a destruição física das coisas, mas a destruição de uma antiga ordem e o estabelecimento de uma nova forma de organização social. A espera pelo “mil anos de felicidade” ainda arde no coração dessa senhora e também palpitava o coração do primeiro Mestre.

Contudo, naquele momento, um tipo de mundo chegava ao fim. A frágil comunidade de PPP estava agora sem seu líder. A tradição inaugurada pelo Mestre começava a ser

⁶⁴ Ver: HERMANN, Jaqueline. Sebastianismo e sedição: os rebeldes do Rodeador na "Cidade do Paraíso Terrestre", Pernambuco - (1817 - 1820). **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 6, p.131-142, jan. 2001.

disputada através de uma batalha simbólica entre os seus principais discípulos e seguidores. Ganha destaque nesse momento a figura de dois penitentes: Manoel Aves de Jesus (Olício) e João José Aves de Jesus. Cada um a seu modo, tentava continuar o trabalho do Mestre e as disputas e diferenças começavam a ganhar contornos bem nítidos a partir da liderança desses dois senhores.

As tentações da modernidade nunca foram tão fortes e a “serpente do mal” rastejava com sutileza para perto da irmandade. Com a *Missão* na mão, tal como um escudo, esses dois penitentes lideraram uma árdua batalha para que a comunidade não fosse sepultada junto com seu Mestre.

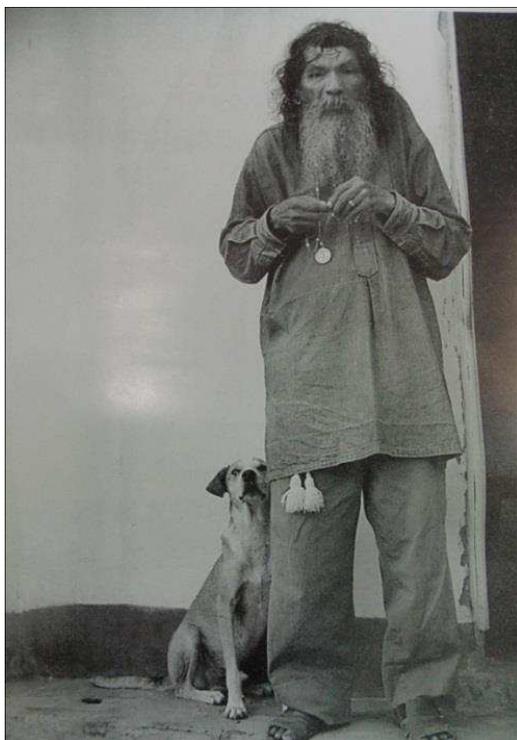


Imagem 05: Mestre José Aves de Jesus. Imagem gentilmente cedida por Nívea Uchôa, fotógrafa que capturou esse momento.

CAPÍTULO 2: “DESPERTAR OS DESCUIDADOS, CONVERTER OS PECADORES”.

O tempo, esse todo-poderoso decorador de ruínas... (Michelet)

O mundo idealizado por Mestre José começava a ganhar novos contornos após a sua morte. Já no fim da vida, o primeiro líder dos PPP viu as regras do grupo que ele criou serem transformadas, penitentes saírem de seu comando, o impulso da modernidade batendo com força. Se o grupo quisesse sobreviver, teria que, aos poucos, ceder em muitos aspectos. A partir do ano dois mil destacaram-se as mudanças trazidas por dois penitentes que exerceram uma espécie de “dupla liderança” dentro da comunidade: João José Aves de Jesus (conhecido também por Sr. Joca) e Manoel Aves de Jesus (conhecido por Olício).

Segundo os relatos dos PPP, Mestre José não deixou nenhum sucessor em vida, portanto, a liderança do grupo ficou vacante e, na minha interpretação, o que ocorreu a partir desse momento foi uma *liderança compartilhada*. Tanto João José quanto Manoel Aves de Jesus exerceram, a seu modo, uma influência significativa para esse novo momento do grupo. Apesar disso, os PPP não acreditam que exista uma liderança na comunidade, mesmo que esses penitentes tenham desempenhado a função de *Mestres* em várias situações:

Roberto Viana: Como ficou a liderança do grupo após a morte do Mestre José?

Israel Aves de Jesus: Quando Deus o chamou, que ele faleceu, aí nenhum deles, assim, se achou com a mesma autoridade de ir e falar a palavra divina que nem Mestre José Aves de Jesus dizia e pregava. Por que é assim... Já da parte de Seu João [João José Aves de Jesus] é diferente por que ele trabalha de uma maneira particular, mesmo que ele não tenha recebido de Mestre José Aves de Jesus aquela autoridade de dizer: “você haverá de ficar pregando, continuando a pregação”, mas de fato ele faz visando e focalizando o serviço de Deus. E se essa é a maneira de pensar dele, então...

65

A despeito de terem ideias bastante distintas sobre as regras da comunidade, os dois penitentes de maior influência dentro do grupo começaram a elaborar *táticas* para a manutenção das práticas da irmandade a partir do ano dois mil. Neste momento, existe uma

⁶⁵ Entrevista realizada no dia 08 de julho de 2015 na casa do penitente Israel. Na ocasião estava presente também o seu pai Sr. Francisco e sua mãe Dona Maria.

acirrada disputa de interpretações sobre o modelo da tradição inaugurado por Mestre José a partir do olhar de João José e de Manoel Aves de Jesus.

Roberto Viana: Senhor Francisco, o senhor frequentou esse primeiro grupo, enquanto Mestre José estava vivo, ou já era outro grupo?

Senhor Francisco: Quando Mestre José era vivo, nós nem conhecemos ele. Quando Mestre José faleceu, no início do ano 2000, início do ano dois mil... é que nós viemos conhecer o nosso diretor espiritual, posso dizer: “nosso diretor espiritual”, o compadre Manoel, o melhor aluno que ele tinha, nós conhecemos ele eu acho que, posso dizer que foi em 2005 pra cá. Eu vou dizer 2005 pra cá mas eu não posso dizer a data certa. Não tem a data certa não⁶⁶.

2.1: “O melhor aluno de Mestre José”

Manoel Aves de Jesus, conhecido também por Olício⁶⁷, iniciou-se na irmandade por intermédio de sua irmã Dona Josefa. Foi essa mulher que, a partir do encontro com Mestre José, convenceu um grupo de devotos do estado de Alagoas (entre eles o Mestre Olício) a fixarem residência em Juazeiro do Norte: os primeiros Penitentes Peregrinos Públicos. É importante ressaltar que essa informação não aparece nas pesquisas anteriores devido à dificuldade, e muitas vezes proibição, das mulheres falarem em entrevistas sobre o grupo. Demonstrei no primeiro capítulo que toda a organização inicial da irmandade foi idealizada por duas mulheres (Mamã Anja e Dona Josefa) e executadas por um homem (Mestre José), essa observação é importante para que seja possível marcar as diferenças e modificações que as narrativas femininas operam sobre a história do grupo.

Roberto Viana: Vocês conheceram o Mestre José?

Dona Josefa: Conhecemos. Oxente, nós viemos praqui, quando nós chegamos aqui quem primeiro conheceu ele fui eu. Meu povo ficava lá em Alagoas e eu vim, aí comecei a conhecer ele e já enviei carta pros outros vim, e graças a Deus formou o grupo. Mas Deus foi chamando de um a um, e ficou só os novos.⁶⁸

Nessas cartas enviadas por Dona Josefa estava à esperança da retomada de um tempo perfeito, um tempo em que as “leis do padre Cícero”⁶⁹ fossem seguidas rigidamente. Os

⁶⁶ Entrevista 08 de julho de 2015, idem.

⁶⁷ Usarei, a partir desse momento, a denominação Mestre Olício para me referir a esse penitente em respeito às narrativas dos penitentes que sempre o apresentaram dessa forma para mim.

⁶⁸ Entrevista realizada em 07 de julho de 2015.

⁶⁹ Segundo os PPP eram as leis que se encontravam nos “antigos livros” e profecias do padre Cícero (como é o caso da Machadinha de Noé).

familiares de Dona Josefa que vieram de Alagoas não se tornaram apenas romeiros, como já era costumeiro na cidade, tornaram-se partícipes de uma irmandade religiosa que tinha como patrono espiritual um *ente sobrenatural* que unia as imagens de padre Cícero, Nossa Senhora e dos anjos: Mamãe Anja do Horto. Entre as pessoas que compuseram esse “primeiro rebanho” estava um homem chamado Manoel, batizado carinhosamente por sua irmã de Olício. Talvez ele ainda não tivesse se dado conta, mas aquela viagem transformaria profundamente a sua vida.

Nas conversas que tive com Dona Josefa, Dona Marinete, Dona Virgínia e também com o penitente Israel e sua família, poucos elementos da vida de Mestre Olício apareceram. O que é mais perceptível nessas falas é o desejo de contar sobre essa nova organização do grupo após a morte de seu primeiro líder e de como o inevitável fim da irmandade se aproximava. Nesse sentido, as ações de Mestre Olício aparecem diluídas nessas informações sobre as tentativas de organização de uma comunidade “órfã” em que vários pais e mães tentam tomar a sua “guarda”.

A partir desse momento, a já frágil composição da comunidade vai ficando cada vez mais reduzida e fragmentada. A partir da análise dessas narrativas duas formas de lidar com a tradição inaugurada por Mestre José se apresentam: Mestre Olício tentou, ao máximo, conservar os elementos “originais” da irmandade e dos ensinamentos do seu primeiro líder, e o penitente João José elaborou um audacioso plano de reestruturação das leis da irmandade e da forma como eles se relacionavam com o livro Missão Abreviada.

Para ser mais exato, o plano de João José foi pensado pelo penitente ainda quando o primeiro mestre estava vivo, segundo ele próprio costuma contar, isso lhe custou o afastamento da irmandade poucos meses antes do Mestre falecer. Ele foi o primeiro a separar-se do grupo original para viver a tradição explicitamente de outra forma.

Enquanto, na minha análise, o penitente João José articulava todos os elementos necessários para a concretização de seu inovador plano, Mestre Olício tentava resgatar o que podia dos ensinamentos do seu amigo e líder espiritual, Mestre José. A dissertação de mestrado do sociólogo Júlio César Campos Ferreira⁷⁰ contempla exatamente o momento histórico em que esses dois líderes começam a ressignificar, cada um a seu modo, os

⁷⁰ Ver: FERREIRA, Julio Cesar Campos. **Entre o rosário e a Missão: análise sociológica do movimento milenarista Aves de Jesus**. 2003. 170 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia, Ciências Sociais, UFPB (Universidade Federal da Paraíba), João Pessoa, 2003.

ensinamentos do Mestre José. Entretanto, o interesse do sociólogo reside nas interpretações do Mestre Olício, que ele chama de *beato Ulisses*⁷¹, sobre os fundamentos do grupo.

Uma das maiores preocupações de Júlio César é a de demonstrar a *dominação carismática* que esse novo líder exerceu sobre a comunidade, assim como o anterior. Utilizando-se das teorias de Marx Weber sobre *carisma* e *dominação*, esse estudioso interpretou que existia uma obediência inabalável a esse novo líder, o que proporcionava uma preservação dos ensinamentos do Mestre José e uma unidade nessa nova configuração:

Através do seu esforço pessoal o beato Ulisses conduz esta irmandade com uma considerável legitimidade, preservando a sua identidade e mantendo o grupo coeso e disciplinado. A fonte dessa sua *doutrinação carismática* provém de suas qualidades pessoais tais como: disciplina, piedade, obediência aos ensinamentos do mestre José, capacidade de comunicação com o público e profundo conhecimento de rezas e das escrituras bíblicas. Associa-se também a isto, um conjunto comportamental caracterizado pela calma, o bom desempenho e uma dedicação incansável na oração matutina, noturna e na condução dos rituais internos e externos. Isso, por si só, já o legitima, bem como justifica a eficácia de seu poder de liderança dentro do grupo. (FERREIRA, 2003, p.109)

Nesse sentido, penso de uma forma distinta da apresentada pelo sociólogo e aproximo-me das questões levantadas pela antropóloga Roberta Campos. Para essa pesquisadora, o elo que ligava os “Aves de Jesus” a seus líderes vai “muito além da dominação” (CAMPOS, 2011, p.73). Ela desloca o conceito de carisma do lugar da dominação para o domínio da confiança e da verdade. Ratifico aqui a ideia da antropóloga de que:

[...] não só Mestre José é possuidor de *carisma*: todos eles, Josés e Marias Aves de Jesus, vivem da mendicância, de forma que todos os Aves de Jesus dependem do carisma para o reconhecimento de seu modo de vida e com isso a eles serem ofertadas esmolas. Aqui, evidentemente estamos diante da institucionalização do *communitas* turneriano (CAMPOS, 2011, p.76).

Além do compartilhamento do sentido de carisma dentro do grupo, tal como Roberta Campos pensou, analiso ser importante acrescentar que a tradição inaugurada por Mestre José foi vivida de diferentes formas por cada um dos devotos remanescentes do primeiro grupo.

Apesar de em alguns rituais concentrarem-se a mesma cerimônia ritualística, é possível observar dissidências e novas *artes de fazer* nas práticas e rituais dos PPP a partir do

⁷¹ Na pesquisa de campo que empreendi e nas narrativas que escutei junto aos PPP não encontrei nenhuma referência a essa forma como o Mestre Olício era identificado por Júlio Cesar.

ano 2000. No entanto, essa obediência ao líder não pode ser encarada como uma sentença homogeneizadora das práticas.

Foi possível verificar sutis diferenças nos rituais e práticas cotidianas do grupo, tanto na liderança de Mestre José, como posteriormente. Uma das questões que ganha uma ênfase maior nesse momento é a distinção entre **seguidores** e **penitentes**. Essas duas categorias me foram apresentadas pelo penitente Israel em uma de nossas primeiras conversas:

Roberto Viana: Hoje, por exemplo, você na sua casa aderiu. Mas os outros, seus irmãos, não aderiram a essa sua prática. Ou aderiram também?

Israel Aves de Jesus: Ele podem ser classificados como seguidores.

Roberto Viana: Seguidores?

Israel Aves de Jesus: Penitentes e seguidores tem uma pequena diferença. Assim, um grau de superioridade, entende? Penitente, por assim dizer, é semelhante a uma vida consagrada, da Igreja. Agora assim, de uma forma leiga. Porque, aquele que quer se tornar penitente, não é necessário que ele faça um voto perpétuo de pobreza, castidade e obediência, não. Ali é necessário só que ele tenha uma confirmação consigo e uma perseverança íntima em seu interior de aceitar de boa mente e de boa vontade aquela forma, aquela maneira diferente de viver e ainda mais por cima ser obediente e relacionado com as regras que ouvir, né? Pra aceitar e acatar e colocar elas em prática na sua vida. É nesse sentido aí. E já o seguidor é diferente. Aquele que é seguidor não é igual a um penitente por esse motivo, por que a vida penitente tem alguns preceitos e ditames que se impõe àquele que segue. Porém o seguidor é mais pouco e também é diferente por que, por assim dizer, tem umas obrigações menores. A vida de um seguidor pra de um penitente é quase assim como a vida de uma pessoa comum, normal, não tem quase diferença.

Nas narrativas que colhi junto aos penitentes, observei que muitas das pessoas se encaixam nesse novo modelo de participação que o penitente Israel me apresentou: *os seguidores*. Analiso que essa forma de participação no grupo começa a ganhar destaque após a morte de Mestre José, entretanto, arrisco dizer que, mesmo quando o Mestre estava vivo, existiam diferentes formas de participar do grupo. A antropóloga Roberta Campos já havia percebido essas formas diversas de participar da irmandade na ocasião da sua pesquisa de campo:

No início do grupo, algumas crianças nasceram na penitência. Esse fato desagradou muito a Mestre José, que logo determinou a proibição estrita da vida sexual para aqueles que “quissem vestir as vestes da penitência”. Aqui se revela que há graus e modos variados de adesão à comunidade religiosa Aves de Jesus. Aqueles que não cumprem com todas as determinações religiosas da vida em penitência, como abstinência sexual e a

prática da mendicância, não podem vestir as indumentárias rituais em azul e branco. Esses membros, quando em rituais, normalmente usam roupas na cor azul como as que usam no dia-a-dia (CAMPOS, 2011, p.47).

A observação de Campos sobre as diversas formas de participar da comunidade corresponde perfeitamente com a descrição do penitente Israel sobre os *seguidores*. Contudo, um novo elemento aparece na descrição do jovem: o penitente transforma-se em uma espécie de guia espiritual, um “sacerdote” ao modelo de Antônio Conselheiro, que ficava encarregando de cuidar desse “rebanho de seguidores”, tarefa antes atribuída apenas ao Mestre. Isso se deve, em certa medida, ao decréscimo de pessoas a “vestirem as vestes da penitência”, e ao fato de não existir mais uma força centralizadora a ditar as regras a serem cumpridas.

Ao analisar a vida de Antônio Conselheiro, o historiador Eduardo Hoornaert se referiu a ele como um *negociador do sagrado*. Considero essa denominação muito próxima do modelo de liderança que vai se construindo a partir desse novo momento da história dos PPP. Hoornaert afirmou que um *negociador do sagrado* insere-se na “fronteira entre diversas maneiras de viver o sagrado” (HOORNAERT, 2001, p. 39). No caso de Antônio Conselheiro o historiador aponta algumas “áreas de negociação” trabalhadas por esse líder no século XIX. Aproprio-me de duas dessas áreas apontadas por Hoornaert para pensar também a formação dos novos “líderes” da penitência nesse novo contexto:

1. num nível mais profundo e duradouro, entre o que chamo de “ludicidade ancestral” e “sisudez cristã” [...]. 2. Uma segunda fronteira foi traçada pelos administradores oficiais do sagrado no sertão baiano, tanto a administração central da Igreja Católica como os vigários da região e os missionários capuchinhos. O Conselheiro teve que negociar com eles para poder viver seu sonho (HOORNAERT, *idem*, p. 40).

Transpondo a interpretação desse historiador sobre Conselheiro para o caso dos PPP afirmo que também aqui é possível observar esses elementos de negociação entre uma “ludicidade ancestral” apreendida especialmente das tradições orais que *circulavam* por esse grupo com a “sisudez cristã” contida nos antigos manuais de prédicas do século XIX (muitos deles também lidos por Conselheiro).

A relação que o historiador estabelece entre Conselheiro e a Igreja é também muito próxima daquilo que interpreto como sendo o motor impulsionador das ações dos PPP depois da morte do Mestre José. Mais que um simples enfretamento, existe uma necessidade de *negociar*, ou seja, de incluir nas práticas da Igreja os elementos que o grupo considera sagrado.

A vida de um penitente é repleta de restrições que incluem a abstinência sexual, a mendicância como única forma de sobrevivência e a não utilização de dinheiro. Esse controle da vida social não foi bem aceito por todos e muitas pessoas abandonaram o grupo. Entretanto, soma-se a esse grupo de dissidentes, uma quantidade de pessoas que insistiu em permanecer na irmandade vivenciando-a de outro modo.

Pela minha análise, a partir das narrativas e observações de campo, pude inferir que no período que vai de 2000 até 2009, os únicos que se apresentaram como penitentes foram: Manoel Aves de Jesus (Olício), José Aves de Jesus (Joca), Sr. José Pedreiro⁷², Manoel Aves de Jesus (Sr. Manú)⁷³, Israel Aves de Jesus⁷⁴. Desses homens, apenas três tiveram a disposição física e mental para assumir a luta diária que era atribuída a um penitente: Olício, Joca e Israel. Os demais membros do grupo são todos *seguidores* e não *penitentes*.

Inicia-se, nesse momento, uma disputa pela memória do grupo primeiramente entre Mestre Olício e o penitente João José e, posteriormente, pelo penitente Israel e sua família. Os três penitentes são herdeiros do mesmo modelo religioso, entretanto, eles elaboraram práticas diversas que, por vezes, dialogavam, mas também destoavam entre si. Cada um dos seguidores foi sendo atraído por um ou outro modelo que lhes era apresentado.

Como foi dito anteriormente, a principal meta do Mestre Olício foi a de dar continuidade, “da forma mais fiel possível”, aos ensinamentos de Mestre José. Nesse sentido, o penitente se esforçou na manutenção de alguns rituais-chave para o grupo: a *renovação do sagrado coração de Jesus*, o *hasteamento das bandeiras marianas*, *culto à Missão Abreviada* e a *devoção ao rosário da “mãe de Deus”*. Sobre essa nova fase do grupo, de disputas pela memória, o penitente Israel me ofereceu uma narrativa que considero preciosa para pensarmos essa nova configuração da comunidade a partir da influência de Mestre Olício:

Israel Aves de Jesus: Assim, logo de início, ele era uma pessoa muito carismática. Muito. Tanto que, eu que acompanhei ele durante algum tempo, eu ficava admirado com a relação que ele tinha com as pessoas de fora do grupo. Tinham muitos que se relacionavam com ele, assim, como uma família. Como alguém da família, como um pai que dava conselho a um filho pra incentivá-lo no bom caminho, e, enfim, eu sei que nesse ponto, ele era extremamente amado por muitas pessoas. E já no ponto que você pergunta, a respeito do grupo, a relação dele no grupo, assim, era moderada. Era moderada neste sentido, porque no pensamento de muitos daqueles que

⁷² Não tive um maior contato com esse penitente por conta que ele encontra-se em um estado muito debilitado de saúde e, infelizmente, não consegue falar. Mas em todas as narrativas que tive acesso seu nome sempre foi citado como o de um importante membro do grupo.

⁷³ Esse penitente é o esposo de Dona Virgínia. Infelizmente, devido ao seu estado avançado de Alzheimer, ele participou pouco dessa pesquisa vindo a falecer em outubro de 2015, durante o período da pesquisa de campo.

⁷⁴ Que inicia no grupo em 2005.

participavam na época do primeiro fundador, Mestre José, eles também já imaginavam, pela inteligência que meu padrinho Manoel mostrava sobre as leituras, orações, cânticos, também a posição que ele ocupava sempre ao lado de Mestre José, os outros já imaginavam ele como futuro sucessor do chefe, do superior. Porém, assim, como Mestre José já tinha conhecimento a respeito da índole de cada um dos seus seguidores, ele percebeu que não seria fácil de alguém continuar, até o meu próprio padrinho Manoel que era um dos mais velhos, pra ser um sucessor no lugar dele. Não ia ser fácil ele conseguir todos naquela mesma unidade que Mestre José tinha conseguido e fundado. Porém, por assim dizer, com o decorrer do tempo, meu padrinho Manoel tentou fazer a conciliação da mesma forma como era com Mestre José. Ainda houve ocasiões que eles foram em formação de grupo pra Matriz, como era com Mestre José vivo, e meu padrinho Manoel como um superior até. Mas só que eles, por assim dizer, não quiseram se conformar, ou até puderam imaginar que da mesma forma que meu padrinho Manoel era aluno de Mestre José, eles também eram... Não queriam considerar ele superior a eles aí, por assim dizer, houve a cisão entre os seguidores e ficou dividido. Mas ao mesmo tempo coligado, já pelo motivo da tradição ⁷⁵.

Essa narrativa é esclarecedora sob muitos aspectos. O primeiro destaque que faço, diz respeito a forma como os seguidores encararam a morte de seu primeiro líder. O rompimento do controle exercido pelo fundador fez com que cada um de “seus alunos” pudesse expor a sua interpretação da tradição. O possível novo Mestre teria de enfrentar uma série de novas interpretações para aquilo que pensava conhecer tão bem. Sem uma liderança com poder de *coesão*, restou a vivência cotidiana da tradição que foi sendo sentida e reelaborada por cada um dos sujeitos em seus cotidianos.

Existem, entretanto, alguns elementos de conexão entre essas diversas formas de viver os ensinamentos de Mestre José. Esses elementos são os *rituais públicos*. Se um visitante se deparar com *seguidores* e *penitentes* dessa irmandade em um de seus rituais públicos ele não conseguirá diferenciar as nuances interpretativas e as disputas internas na comunidade. Para quem observa ao longe, são todos Penitentes Peregrinos Públicos. Só um mergulho mais profundo na vivência da tradição, é que pode nos revelar o pulsar das diferentes cores que compõe a zona mais profunda desse mar espiritual.

2.1.1: A renovação do Sagrado Coração de Jesus

É quase impossível passar por Juazeiro do Norte sem ser surpreendido por uma “salva de fogos de artifício”. Os devotos do padre Cícero encontram várias razões para

⁷⁵ Entrevista realizada no dia 31 de janeiro de 2017 em minha residência. À medida que me aproximava mais do penitente Israel e sua família foi muito comum receber a visita deles em minha casa o que facilitou bastante o entendimento de muitas questões sobre a irmandade.

estourar foguetes no céu da cidade: pagamento de uma promessa, chegada à cidade, saída da cidade e, principalmente, a celebração de uma *renovação do Sagrado Coração de Jesus*.

Um visitante “pouco integrado ao mundo das devoções” do Juazeiro pode ficar surpreso ao passar por uma residência e encontrar um grande número de pessoas entoando *benditos*, de frente as imagens do coração de Jesus e do coração de Maria, do padre Cícero e de uma grande quantidade de santos dispostos em molduras simples, porém elegantes, em todo o entorno da sala, chamada de *sala do santo*. Se o visitante for curioso e esperar o desenrolar desse ritual, verá uma verdadeira festa acontecer diante dos seus olhos: comida farta, mais fogos de artifício, risos e fé. Essa festa que caminha entre o sagrado e o profano é muito comum na cidade e os devotos e estudiosos remontam à tradição ao “tempo do padre Cícero”. Segundo o antropólogo José Nilton de Figueiredo⁷⁶:

As renovações foram introduzidas no Cariri pelo Padre Cícero Romão Batista, em 1888. Nesse ano o Padre Cícero criou o Apostolado da Oração e orienta as famílias a entronizarem nas suas casas a imagem do Sagrado Coração de Jesus e anualmente renovarem o acontecimento, juntamente com todas as pessoas da comunidade. Cada família a partir de então passa a calendarizar mais um dia de rememoração, de lembrança e de invocação ao santo da Igreja e aos santos de sua devoção (FIGUEIREDO, 1998, p.122,123).

Analiso, entretanto, que é importante pensarmos o contexto da criação desse ritual para enxergarmos a complexidade envolvida nessa ação do padre Cícero. O século XIX é o momento da execução de um rígido controle da Igreja Católica sobre as práticas que ela considerava como sendo centro de fanatismo e de “devoção inapropriada”. Não tardou muito para a *romanização* atingir a devoção aos santos populares. Segundo a historiadora Maria Aparecida Gaeta:

No final do século XIX , entretanto, as devoções que possuíam uma larga expressão popular, como a de São Benedito e a do Divino Espírito Santo, a de Nossa Senhora do Rosário, a de Santa Efigênia, a de Santo Elesbão e a dos Reis Magos começaram a ser desqualificadas pelos agentes ultramontanos. Discretamente as imagens eram retiradas dos altares centrais e alojadas em capelinhas. O mesmo se deu com as devoções brancas, de fortes raízes populares - como o culto ao Bom Jesus Sofredor, expresso nas diferentes figurações do Bom Jesus da Cana Verde, da Lapa, dos Perdões, do Senhor dos Passos, do Bom Fim, do Senhor Morto - entre outras devoções. Era aos santuários que os devotos acorriam em romarias para cumprir promessas, deixar seus ex-votos e fazer pedidos. As diversas irmandades leigas ligadas às devoções incumbiam-se de promover o culto por meio de

⁷⁶ Ver: FIGUEIREDO, José Nilton de. *A (com)sagração da vida: formação das comunidades de pequenos agricultores da Chapada do Araripe*. Recife: UFPE, 1998, p. 122-123. Dissertação (Mestrado em Antropologia).

festas e de procissões populares. As imagens do milagroso Bom Jesus iam sendo substituídas pela divulgação de outra, ligada ao culto do Sagrado Coração de Jesus, promovida especialmente pelos padres jesuítas através de associações, agora ultramontanas, como o Apostolado da Oração. Como expressão dessa nova devoção, começaram a surgir as suas primeiras igrejas, aflorando a luta subjacente entre as devoções romanizadas trazidas da Europa e as antigas formas típicas de um catolicismo luso-brasileiro. Uma nova afirmação da Igreja como instituição hierárquica promotora do culto eucarístico, por intermédio dessa devoção, confrontava-se com o caráter laico da Igreja concebida como cristandade, e agora em crise (GAETA, 1997: 12).

Como foi possível perceber no excerto de Gaeta (1997), o culto ao Bom Jesus em suas diversas formas foi substituído pelo o do Sagrado Coração. O que o padre Cícero fez foi exatamente colocar nesse culto romanizado do Sagrado Coração elementos que transportavam o devoto diretamente para uma forma leiga de praticar essa devoção.

A *Renovação do Sagrado Coração de Jesus* foi a solução encontrada pelo sacerdote para “mesclar” essas duas devoções e consiste no seguinte: após a realização do casamento na Igreja, o casal deve *entronizar*, isto é, introduzir, as imagens do Coração de Jesus e do Coração de Maria em suas casas e, todos os anos, *renovar* os votos que o casal fez a essa espiritualidade. Essa celebração acontece, evidentemente, na casa de cada casal e pode ser realizada por um sacerdote ou por qualquer pessoa leiga que tenha certo domínio no campo dessa liturgia. Acontece, mais uma vez, o deslocamento da autoridade eclesiástica para as mãos dos leigos.

O próprio ritual da *renovação* é repleto de elementos e referências a essa tradição leiga ao culto ao Bom Jesus sofredor. Apesar de existirem manuais de “como celebrar uma renovação”, não existe uma forma “ritualisticamente correta” para a consagração desse rito. Atualmente existem *renovações* que contam com uma estrutura organizacional muito luxuosa, contratação de músicos especializados, banquetes e o envolvimento de um grande número de pessoas.

Os PPP repudiam essa nova configuração das *renovações* e reclamam que os devotos já não se preocupam mais em viver a tradição tal como ela foi apresentada pelo padre Cícero: “da forma mais simples possível”. As *renovações* dos PPP são, segundo eles, celebrações que carregam uma “rapinha do antigo”, ou seja, são realizadas também no intuito da aproximação dessas pessoas ao tempo mítico perfeito.

É curioso como, apesar de contextos diversos, os ritos de *renovação* e *entronização* estão presentes em diversas culturas e temporalidades. O historiador Mircea Eliade observa que o significado desses ritos está muito associado a uma ideia de “perfeição dos primórdios,

expressão de uma experiência religiosa mais íntima e mais profunda, nutrida pela recordação imaginária de um ‘paraíso perdido’, de uma beatitude que precedeu a atual condição humana” (ELIADE, 2000, 50).

Durante a pesquisa de campo tive a oportunidade de assistir a uma das renovações celebradas ao “modelo dos PPP”. A celebração ocorreu na casa de uma antiga seguidora da irmandade, Dona Lia, e foi celebrada pelo penitente Israel. Como eu já havia presenciado o ritual em várias outras ocasiões, inclusive em minha residência, fui surpreendido por vários elementos que eu jamais havia visto em uma renovação: rezas em latim, longos momentos ajoelhados diante do *oratório* da casa, nenhuma referência ou leitura da Bíblia e nenhum manual “moderno” sendo seguido.

Entre essas questões, existiu uma que me inquietou sobremaneira: a formação de uma pequena procissão que foi feita da casa do primeiro mestre da penitência até a casa onde foi celebrada a *renovação*. Quando o grupo chegou próximo à entrada da casa onde aconteceria o evento, eles formaram uma fila que se movimentava em curvas intercaladas, lembrando a forma de um “S”. Ao entrar na casa, o “S” ia desfazendo-se ao som de benditos até que todos estivessem acomodados na residência. Ao indagar o penitente Israel sobre esse movimento, ele me respondeu o seguinte:

Israel Aves de Jesus: Essa é uma cerimônia que se faz até a entrada e vem pela rua, cantando benditos, né? Aquela procissão só é feita somente nas ocasiões de renovação, consagração ao coração de Jesus à nossa família, também na época do finado mestre era feita na época do mês de maio, no hasteamento das bandeiras marianas, que saía em procissão da casa dele, naquela fila, e quando chegava na casa de cada um sempre se fazia aquele encaminhamento em forma de “S”, né?

Roberto Viana: Você conhece se tem algum significado religioso essa formação?

Israel Aves de Jesus: Bom, a respeito de, conforme as tradições que eu recebi de meu padrinho Manoel, ele me falava assim que era essencial aquela procissão em “S” antes das celebrações que nós fazíamos como já foi citado aí, né? Mas só que ele não me dizia propriamente qual era o significado real daquela demonstração e formação de grupo que nós fazíamos.⁷⁷

Não encontrei referências desse ritual em nenhuma outra liturgia católica oficial, ou até mesmo leiga, fora da irmandade. Mesmo sem conhecer o significado dos antigos sobre

⁷⁷ Entrevista realizada no dia 12 de junho de 2016 na casa do penitente Israel.

esse movimento, o penitente Israel ousou em informar sua interpretação sobre a simbologia do ritual:

Israel Aves de Jesus: E assim, eu acredito que de outra forma, poderia se supor que, era uma demonstração e um exemplo de todos serem iguais, por que o mundo mesmo, ele é comparado a uma fila. Uma fila em que todos caminham, uns atrás dos outros. Cada um com uma sacola imaginária: uma na frente e outra atrás. Na frente de cada um estão as virtudes, atrás de cada um têm os seus defeitos. Sempre os que estão atrás observando os defeitos dos que estão na frente. E os que estão na frente, observando as virtudes que têm em si⁷⁸.

Em uma conversa que infelizmente não foi gravada, o penitente João José me informou algo parecido com o que o penitente Israel apresentou aqui. Entretanto, ele me mostrou uma foto em que, aparentemente, essa fila estava sendo formada e me explicou que existia também uma questão hierárquica de posicionamento na fila. O mestre ia na frente e os demais penitentes o acompanhavam na ordem de entrada no grupo. É algo que contradiz um pouco a noção de igualdade evocada pelo mais jovem.

A bela interpretação que o novo penitente ofereceu é um claro exemplo de como a tradição pode ser reelaborada diversas vezes pelos sujeitos que a praticam. O plano do Mestre Olício de manter uma comunidade coesa aos princípios “originais” do Mestre José digladiava-se com a ação imperdoável do tempo e a imaginação inventiva de cada devoto. Contudo, mesmo com pequenas (mas significativas) mudanças, o ritual da *renovação* aos moldes dos PPP “sobreviveu” até esse momento. Talvez essa informação fizesse o antigo Mestre ou “seu melhor aluno” sorrirem com alívio.

⁷⁸ Entrevista 12 de julho 2016, idem.



Imagem 06: celebração da renovação do Sagrado Coração de Jesus pelos PPP.

2.1.2: O Hasteamento das Bandeiras Marianas em Maio

Em maio, “até a brisa é mais serena e abençoada”. Com essa frase, Dona Josefa me guiava até a frente da antiga casa onde o seu irmão, Mestre Olício, viveu. O motivo da minha visita naquele dia foi acompanhar um ritual que os penitentes intitulavam de *hasteamento das bandeiras marianas*. Foi durante a celebração desse ritual que eu tive a grata surpresa de visitar várias casas de *seguidores* da penitência que eu não conhecia até então. Naquele dia, eu pude sentir com mais clareza a dimensão que as pregações dos “antigos mestres” tiveram sobre a vida daquelas pessoas.

O ritual acontece no primeiro e no último dia de maio: no primeiro dia erguem-se as bandeiras brancas na ponta de um grande mastro em frente a cada casa dos *seguidores* e *penitentes* da irmandade e no último dia do mês, em um novo ritual, retiram-se as bandeiras e guardam-nas para o próximo ano. Em cada bandeira é possível observar a seguinte sigla: SMM que significa, segundo os penitentes, “Santo Mês de Maria”.

Mestre José, logo no início do grupo, instituiu a criação de dois tipos de bandeiras que os penitentes deveriam usar em seus rituais: as *bandeiras individuais* e as *bandeiras do Mês de Maria*. As bandeiras individuais são uma espécie de “estandarte pessoal”, uma identificação que cada penitente tem dentro da irmandade. Nessa bandeira é possível observar as seguintes siglas e componentes: JAJ (José Aves de Jesus), IRSS (Irmandade do Santíssimo

Sacramento), um número indicando a hierarquia do penitente na formação original e a sigla PPP (Penitentes Peregrinos Públicos).

A *bandeira individual* é a materialização simbólica do “apagamento” desse indivíduo perante o mundo profano e a sua admissão no mundo espiritual/encantado. É um dos maiores símbolos da irmandade e é guardada por cada penitente como uma relíquia pessoal. Quando um penitente deixava a irmandade, a sua bandeira ficava guardada na casa de Mestre José. Durante a liderança do Mestre Olício a casa de Mestre José foi chamada de “Tribunal da Justiça”, em uma clara alusão à função espiritual do primeiro líder (tanto em vida como no ‘mundo espiritual’).



Imagem 07: Bandeira individual do penitente

Tanto na *Renovação* quanto no *Hasteamento das Bandeiras* existe a presença da bandeira individual. Vale ressaltar que, atualmente, muitos dos *seguidores* da penitência têm uma *bandeira individual*. Na minha análise, isso se deve, ao fato dessa categoria não existir tão explicitamente durante a liderança do Mestre José que confeccionava essas bandeiras para todos aqueles que adentrassem no caminho da penitência sem distinção entre *seguidores* ou *penitentes*.

Segundo o penitente Israel, o ritual de hastear as bandeiras para santos e santas é muito anterior à penitência e remete a um costume que se origina nas comunidades rurais que a maioria dos integrantes faziam parte antes de entrar no grupo, inclusive Mestre José:

Israel Aves de Jesus: O que acontece é que Mestre José, nas épocas que ele era criança, ele sempre via lá em Pernambuco, eu não sei se hoje ainda tem, mas lá por onde ele morava que era Caruaru, nos sítios ao redor da cidade, tinha-se o costume de hastear a bandeira em homenagem a Nossa Senhora e, aí, assim, aquelas famílias dos sítios que eram devotas de Nossa Senhora naquele mês rezavam o terço todos os dias e ficam naquele mutirão de rezar cada um nas suas casas. Convidava-se aquelas pessoas para irem e rezar o

terço, aquelas que gostavam, né? As pessoas determinadas que “tiravam o mês de maio”, como se dizia antigamente. Eles iam rezar, e, no decorrer daquele mês eles colocavam um abacaxi verde em cima do mastro da bandeira. Porque a tradição do povo dos sítios, daquelas regiões mais afastadas, né, tem a crença que até brisa serena do mês de Maio é abençoada pela Virgem Maria, né?⁷⁹

A narrativa do penitente apresenta o caráter místico que acompanha o mês de maio dentro da tradição religiosa que esse grupo ressignifica. É como se, durante o mês de maio, houvesse a abertura de uma fenda, uma passagem para a contemplação e as bênçãos do mundo encantado. Acontece que, como bem narrou o penitente, esse ritual faz parte da continuidade de uma tradição que foi vivida antes da “irrupção sagrada” de Mamãe Anja na vida de Mestre José. Esse indício apresentado aqui é importante na medida em que oferece uma oportunidade de enxergarmos a tradição como essa “teia de ressignificações” em que costumes de diversas temporalidades são “costurados” por esses habilidosos artesãos e artesãs do sagrado.

O historiador Océlio Teixeira, ao estudar a festa do “Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha”,⁸⁰ analisa que a formação da prática de hasteamento das bandeiras pode ser compreendida a partir de várias influências, mas que, no caso do Cariri cearense, destacam-se características do ritual conhecido como “‘o mastro de maio’, uma tradição camponesa que, segundo Câmara Cascudo, fazia parte dos cultos agrários existentes na Europa Moderna” (TEIXEIRA, 2000: 26).

Além do “mastro de maio”, o autor destaca a influência do padre Ibiapina na institucionalização desse costume no Cariri cearense. Citando a socióloga Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros, ele acrescenta:

O culto a Nossa Senhora se propagou entre os sertanejos que passaram a acrescentar, como o próprio pregador [referindo-se a Ibiapina], o nome Maria a seus prenomes. O mês de maio se enfeitava em todo o sertão, onde cada família erguia um mastro muito alto com bandeira branca, em homenagem à Virgem, enquanto se rezavam terços, ladainhas e o ofício de Nossa Senhora durante todo o mês. (BARROS *apud* TEIXEIRA, 2000, p.25).

⁷⁹ Entrevista do dia 12 de junho de 2016, *idem*.

⁸⁰ A Festa do Pau da Bandeira em Barbalha, Ceará, ocorre, segundo o historiador, desde 1928 e é composta por dois momentos chave: a cerimônia religiosa em homenagem ao santo padroeiro e a festa “profana” caracterizada por uma *carnevalização* do festejo. Um dos momentos principais é o hasteamento da bandeira do santo. Para mais informações, ver: SOUZA, Océlio Teixeira de. **A festa do pau da bandeira de Santo Antônio de Barbalha (CE): Entre o controle e a autonomia (1928 - 1998)**. 2000. 1 v. Dissertação de Mestrado em História, Ufrj, Rio de, 2000.

Nesse ponto, a tradição assemelha-se bastante a forma praticada pelos PPP, entretanto, gostaria de destacar, agora a partir dos estudos da historiadora Mary Del Priore sobre festas no Brasil colonial, a aproximação desse ritual com práticas do Brasil colonial e sua raiz *pagã*:

Junto ao hasteamento da bandeira com a efígie do patrono, plantava-se uma árvore a qual penduravam-se frutos, flores e enfeites, ao som de cantos. Aos seus pés lançavam-se ovos, para proteger os animais de penas, de pestes. Os frutos da terra, sobretudo o milho, a ela amarrados, deviam estar o mais expostos possível, representando a passagem da vegetação que morre para aquela que desabrocha. Em outras partes, o mastro recebia as mesmas honras votivas. Depois da festa era queimado e, guardado os tições acreditava-se que era possível controlar com ele as forças das tempestades. Aliás, acreditava-se que o mastro ou a árvore tinham poderes para neutralizar raios e trovões (PRIORE, 1994, p.34).

Mais uma vez o “mundo encantado” dos PPP encontra caminhos de convergência com “outros encantados”. Na narrativa do penitente Israel aparece um elemento de ligação com o rito descrito por Mary Del Priore: o penitente afirma que “os mais antigos” colocavam um abacaxi verde na ponta do mastro que ergue a bandeira de Nossa Senhora, esse abacaxi seria depois partilhado por todos.

Tanto a *renovação* quanto o *hasteamento das bandeiras* são rituais que revelam uma importante questão no que concerne à crença dos PPP: são indícios da forma como essas pessoas relacionam-se com o passado e com o rito oficial. Além da tentativa da recuperação de um “passado de ouro”, esses rituais apontam para a relação do grupo com um conjunto de práticas cotidianas que faziam parte da vida nos locais onde eles viviam antes de ingressarem no grupo. Os elementos dessa vida cotidiana ganham nova simbologia e significado dentro da comunidade ao mesmo tempo que são usados como elementos justificadores do objetivo primordial da irmandade.

O penitente João José Aves de Jesus seguia também, a seu modo, cada um dos rituais apresentados até aqui. Entretanto, existia algo que palpitava o coração desse homem e que já não cabia mais apenas na penumbra dos seus pensamentos. Era chegado o momento de colocar em execução o seu plano para o grupo, mesmo que isso custasse a antipatia de vários membros e uma caminhada solitária. Mesmo antes da morte do Mestre Olício, em 2009, esse penitente já começou a executar uma ideia que, mesmo a contragosto de alguns, modificaria profundamente a vida de *seguidores*, *penitentes* e de uma grande parte dos devotos do padre Cícero em Juazeiro do Norte.



Imagem 08: Cerimônia de retirada das bandeiras marianas

2.2: João José: a *reliquia* transformada em Missão

João José Aves de Jesus foi o primeiro penitente dessa irmandade com quem tive contato. Por três anos, durante o fim da graduação e início do mestrado, eu fiz visitas periódicas à casa desse senhor⁸¹. Na fachada de sua residência era possível ler em letras garrafais: *A casa da Missão é aqui. Faça seu pedido. Haja em cada família padres e missionários. De cidade a capital. Ide e ensinai a todas as criaturas. Machadinho de Noé. Penitente João José 'Alves' de Jesus.* Além desse aviso/convite existia um símbolo logo

⁸¹ As narrativas de João José, como será possível perceber, são repletas de metáforas e quase todas as perguntas que fiz foram respondidas com complexas narrativas cheias de referências e enigmas, o que dificultou o levantamento de dados mais técnicos como, por exemplo, o local onde viviam os demais remanescentes do grupo. Eu só consegui essa informação aos poucos, garimpando dados com vizinhos e demais pessoas do bairro.

acima da frase: várias letras cercavam um livro dentro de uma forma triangular. E lá estava eu, de pé, em frente à tão enigmática entrada.

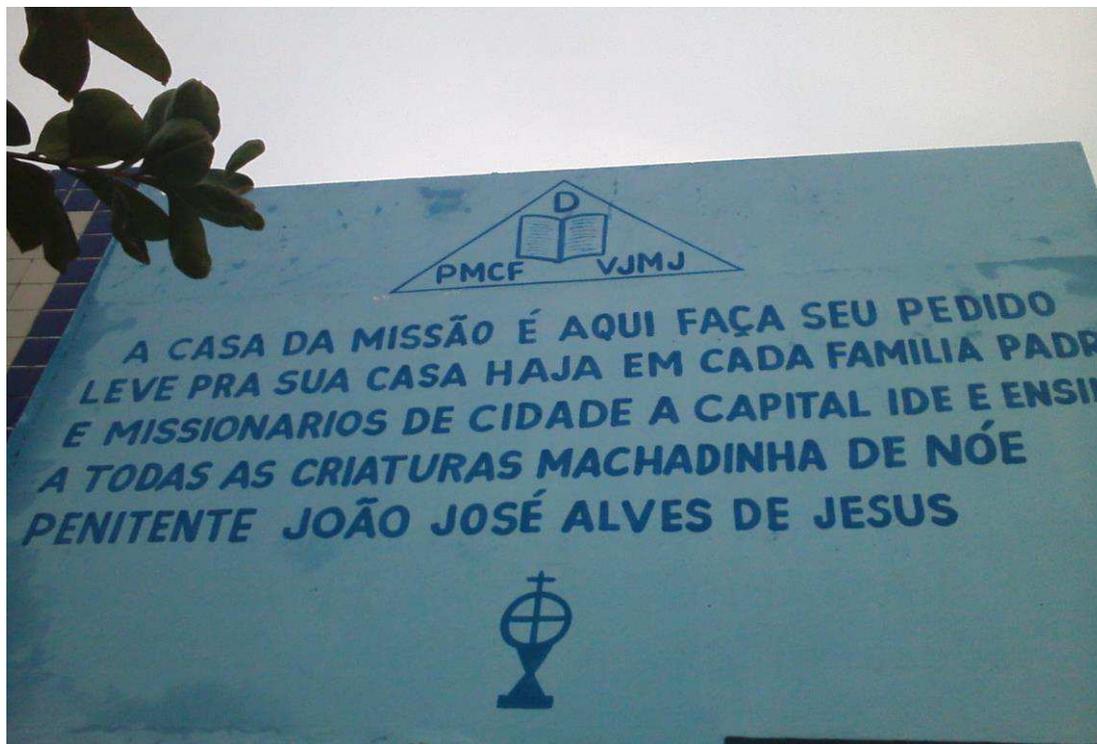


Imagem 09: Fachada da “Casa da Missão”.

Minha mente de assíduo leitor de literatura fantástica que já havia desbravado tantos mundos extraordinários, estava diante da cena mais próxima daquilo que só foi possível encontrar nos livros até agora. A cada visita na casa do Sr. João José parecia que eu entrava em um novo lugar, estranhamente semelhante, mas completamente diferente, do que visitara anteriormente.

As surpresas não se concentravam apenas na fachada da casa. Ao entrar na *sala do santo*⁸² me deparei com antigas imagens sacras, um candeeiro suspenso por um fio quase imperceptível amarrado no telhado, bancos de madeira que lembravam assentos de uma igreja, uma escrivaninha, imagens antigas da penitência e, para minha surpresa, as imagens de D. Pedro I e D. Pedro II⁸³. Antes me sentar em um desses bancos, João José me recebia sempre com a saudação: “Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo” e, a partir daquele momento, iniciávamos uma longa conversa sobre sua vida, a penitência e, especialmente, o

⁸² Cômodo muito comum nas casas dos devotos em Juazeiro do Norte. É uma sala em que geralmente existe um oratório e imagens de vários santos. É nesse local onde são celebradas as *renovações* e as orações diárias. É uma espécie de *lugar sagrado* que instaura uma sacralidade dentro da residência.

⁸³ Debaterei adiante a relação do grupo com a Monarquia, especialmente com esses dois monarcas.

livro “A Missão Abreviada”. Segundo o penitente, a sua casa era o último refúgio onde se podia encontrar esse livro, seja em vida, ou em “espírito”:

Roberto Viana: E o senhor aqui todos os dias recebe pessoas que queiram saber da Missão? Vem muita gente saber da Missão? Como é?

João José Aves de Jesus: Se não vem em corpo, vem em espírito. Aqui o que não vier em corpo vem em espírito. Aqui o que não vier em corpo vem em espírito.

Roberto Viana: Depois que morre vem para cá?

João José Aves de Jesus: Depois que morre vem.

Roberto Viana: É? Procurar a Missão?

João José Aves de Jesus: Procurar a Missão. Ela é uma fonte de água viva.

Roberto Viana: E é aqui “A casa da Missão”? Tem outro lugar no mundo?

João José Aves de Jesus: Não. É aqui ó. (mostrando uma foto dele segurando a Missão Abreviada)⁸⁴.

A “Casa da Missão” materializa, de certa forma, o desejo do penitente pela “fundação de outro mundo”: um espaço capaz de abrigar as transformações que ele estava planejando para o grupo e, sobretudo, um espaço onde a “Missão Abreviada” fosse usada como um elemento central e fundador das regras morais a serem seguidas.

A “fonte de água viva” do penitente, o livro com os ensinamentos mais preciosos da irmandade, não poderia ficar guardado e esquecido. A principal questão que inquietava o penitente era com relação ao antigo culto à Missão Abreviada. Como vimos anteriormente, esse livro era considerado uma *reliquia* dentro do grupo e apenas alguns eleitos poderiam manusear a obra e interpretar suas escrituras. Esta regra inquietava João José sobremaneira. O incomodava o fato de todas as pessoas não terem acesso aquele livro que “era o mais importante escrito de todos os tempos”.

Portanto, o plano do penitente era o seguinte: **renovar, reimprimir e distribuir** a Missão Abreviada para qualquer pessoa que quisesse adquirir o livro. Esse plano não mudaria apenas a relação das pessoas da própria comunidade com o livro, mas mudaria o próprio sentido da penitência dentro do grupo.

A vontade de João José torna evidente um dos postulados levantados pelo sociólogo Zygmunt Bauman em seus estudos sobre a vida em *comunidade* no “mundo atual”: o dilema

⁸⁴ Entrevista do dia 19 de março de 2014.

entre *liberdade* e *segurança*. A segurança que se refere o sociólogo não é apenas aquela que cuida da preservação do bem-estar físico, mas a segurança em sentir-se entre iguais, de sentir-se parte de um lugar onde o seu modo de viver não seria criticado, mas desejado. A liberdade que pulsava dentro de João José teria custos.

Para executar tal plano João José deveria romper com uma das principais regras da irmandade: não negociar, não pegar em dinheiro, que não fosse de esmola. Ele teria que estabelecer uma relação com gráficas, com o comércio e com o dinheiro para que seu empreendimento renovador tivesse sucesso. Essa prática era inadmissível para Mestre José e também causava um severo conflito interno para o penitente. Mas sua vontade de mudança era maior:

João José Aves de Jesus: Você tá pensando que esse livrinho da “Missão” que você já tem ele, você tá pensando que aquele livrinho ali foi pra qualquer pessoa pegar ele e dizer: “ai esse livro está velho e eu vou renovar ele que eu vendo ele e ganho mais alguma coisa de bem da terra”? Assim a Missão nunca pode ser renovada, mas quando for pelos interesse espiritual, uma escolha de Deus, Nossa Senhora e meu padrinho Cícero, só obra de interesse aqui da terra de nada, e não de salvar a minha alma? Eu não tenho interesse nesse real aqui não meu filho. Meu interesse aqui é que Deus salve a minha alma, que pelo amor de Deus não deixe eu me perder. E eu ainda digo: meu pai se eu merecer essa salvação, meu pai, com esse pequeno merecimento que eu tiver de alcançar minha salvação meu pai, pois meu pai pegue esse merecimento pouquinho que eu tenho, reparta meu pai para meus irmãos, aqueles que eu nem conheço, nem sei se existem na face da terra, mas vós é quem sabe, é quem entrega, é quem conserva, é quem nasce, é quem cria, quem sustenta, então meu pai, vós é quem sabe, quantos tem, quantos merecem e quantos precisam. Meu pai, se eu merecer a salvação dê a meus irmãos meu pai. Dê a meus irmãos!

A “salvação” que o penitente suplica a Deus para dividir entre seus irmãos só poderia ser alcançada se todos tivessem acesso ao livro que contém as regras para obter os “prêmios eternos”. É possível observar ainda nessa fala que a utilização do dinheiro foi de certa forma ressignificado pelo penitente. Segundo sua explicação ele não utilizava o dinheiro para o proveito próprio, mas sim para “sustentar a missão”, mas esse argumento não foi forte o suficiente para convencer os demais membros do grupo. Ele foi, pouco a pouco, afastando-se da irmandade e organizando um “rebanho próprio”:

Roberto Viana: Como a senhora acha que tá o grupo hoje?

Dona Virgínia: Não, o grupo acabou. Acabou. Os homi já morreru tudo. Só tem Manuel e compadre zé pedreiro lá perto da SUCAM. Aqueles prédio da SUCAM.

Roberto Viana: É nessa mesma rua descendo?

Dona Virgínia: É nessa outra rua seguindo pra frente.

Roberto Viana: Certo... Seguindo pra frente.

Dona Virgínia: Só tem ele doente que não pode nem andar.

Roberto Viana: Só tem Sr. Manoel e ele? E tem Sr. Joca? (Me referindo ao penitente João José)

Dona Virgínia: Joca foi da penitência, mas depois ele foi negociar. Ele vende “Missão”, ele produz “Missão”, vende rosário, vende quadro de santo, então os penitentes legítimo não negocia. Não compra, não vende, não pega em dinheiro, não recebe dinheiro.

Roberto Viana: E ele faz isso...

Dona Virgínia: Faz tudo.

Roberto Viana: A senhora acha isso certo, errado?

Dona Virginia: Tá certo, por que foi o que ele seguiu né? Se ele seguiu ele vai ganhar por que ele faz muita caridade. Só em ele botar um rosário no seu pescoço pra você ser reconhecido na outra vida como um romeiro da mãe de Deus já é muita coisa ⁸⁵.

Como é possível observar, para Dona Virgínia, o grupo já não existe mais. Apesar de ainda existirem pessoas que se consideram penitentes e que tentam reorganizar a irmandade a partir de novos ou antigos paradigmas, para essa senhora o que existe hoje dos PPP é uma vaga lembrança nas narrativas que ela conta nostalgicamente ou nos senhores idosos que já não conseguem mais lidar com o pesado trabalho exigido para quem “veste as vestes da penitência”. A partir dessa narrativa, é possível destacar que muitos dos devotos que ainda conservam traços do “modelo antigo” de Mestre José, como Dona Virgínia, não aderiram a uma ou outra forma de liderança. O que restou foi a permanência da tradição em seus corpos, voz e sentimento, algo que é ressignificado todos os dias no “silêncio” do cotidiano.

Além disso, a fala de Dona Virgínia serve como indício para pensarmos o caráter paradoxal da repercussão que as modificações elaboradas por João José causaram. Ao mesmo tempo em que a seguidora considera o trabalho missionário de João José valioso e imprescindível, ela argumenta que “negociar” não faz parte da postura de um penitente, portanto, ela conserva uma admiração pelo penitente, mas não o considera como um Mestre.

⁸⁵ Entrevista 07 de julho de 2015.

Foi necessário, portanto, que João José organizasse o seu “próprio rebanho” tarefa essa que vai ter como estandarte a reimpressão, renovação e redistribuição do livro que, segundo a própria Dona Virgínia, é o “primeiro livro do mundo”.

2.2.1: A “Missão” renovada.

Quem observa o empenho quase que individual desse homem na restauração, reimpressão e redistribuição de uma obra do século XIX, não imagina o sucesso e repercussão que essa leitura causou quando foi publicada. Como já foi dito anteriormente, essa obra inspirou muitos dos movimentos sociorreligiosos que ocorreram especialmente no Nordeste brasileiro e que modificaram a dinâmica social das regiões onde eclodiram. Movimentos esses que, diga-se de passagem, guardam uma relação muito próxima com a cosmovisão dos PPP⁸⁶.

Segundo o teólogo português Alberto Osório de Castro, a Missão Abreviada teve ao todo 16 edições que vão de 1859 (1º) até 1904 (16º), totalizando uma média de 140.000 exemplares⁸⁷ publicados. A partir de um breve levantamento na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional⁸⁸, encontrei referências de livrarias, sobretudo no século XIX, que tinham em suas prateleiras exemplares da Missão Abreviada, além de alguns relatos sobre a leitura desse livro. Os registros foram encontrados em jornais de Alagoas, Ceará, Maranhão, Minas Gerais, Paraíba e Pernambuco⁸⁹. Em um exemplar do jornal, “A Gazeta do Norte”, de Fortaleza, Ceará, edição de 8 de março de 1881, foi publicado um levantamento da livraria “Joaquim José de Oliveira” informando os livros mais vendidos no ano anterior, 1880. A Missão Abreviada foi o segundo livro mais vendido com o total de 101 saídas.

⁸⁶ Sobre a relação dos *movimentos sociorreligiosos* do século XIX com a Missão Abreviada, ver: SILVA, Lemuel Rodrigues da. **O discurso religioso no processo migratório para o caldeirão do beato José Lourenço**. 2009. 224 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009. (Ver especialmente o tópico 1.3 do Capítulo 1: “Canudos e Caldeirão: Missões Abreviadas). Ver também: POMPA, Cristina. Memórias do fim do mundo: o movimento pau de colher. **Revista Usp**, São Paulo, v. 5, n. 82, p.69-87, jun. 2009.

⁸⁷ Ver: CASTRO, Alberto Osório de. **A "Missão Abreviada" do padre Manuel Couto**: Um abeiramento contextualizado. Chaves, Portugal: Grupo Cultural Aquae Flaviae, 2002.

⁸⁸ Consultar: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

⁸⁹ No decorrer da dissertação, tendo em vista a necessidade de transcrição de algum exceto desses periódicos, farei a devida referência.

A estatística de venda que nos forneceu a casa de Joaquim José de Oliveira e Comp.^a, gradua o gosto cearense pela leitura.
Ano de 1880.

Romanços de Escherich	54
" de P. du Terrail	30
" de P. de Kock	30
" de J. Verne	25
" de Zola	10
Flos sanctorum	150
Livros de prece forense	8
Folhinhas de Laemmert	29
Almanach Luso-Brazileiro	35
Horas Marianas	89

Escudo admiravel	91
Historia de Carlos Magno	30
Bossuet	1
Balmés	1
Missão abreviada	101
Historia da Princesa Magalona, da The- reza Philosopha etc.	33
Spenser (por encommenda)	1
Livros em branco, papel, compendios, etc. completam a venda da casa.	

Imagem 10: Excetos do Jornal "A Gazeta do Norte" de Fortaleza, Ceará. Edição 08 de março de 1881

Se esse livro foi vendido em tão numerosa quantidade, em uma livraria da capital, é de se esperar que ela tenha conquistado muitos leitores ao longo do século XIX. Outro dado interessante, ainda sobre o levantamento do jornal, é que alguns dos livros religiosos apresentados são também usados pelos penitentes como é o caso de "As horas Marianas" e do "Escudo Admirável". A biblioteca do penitente é repleta dessa literatura espiritualista católica do século XIX, especialmente os tratados e manuais que têm como base a devoção aos santos populares e doutrina a partir dos *castigos* divinos.

Ao poucos, certamente sob uma grande influência do processo *romanizador* da Igreja nesse período, a leitura dessa obra associada a uma prática devocional laica foi sendo interpretada como sinônimo de fanatismo e de apego a uma espiritualidade que já não era mais bem vista pela "nova" Igreja. Até mesmo dentro da academia, na primeira metade do século XX, era possível perceber o discurso que associava essas práticas ao fanatismo e superstição. Em um texto de 1948⁹⁰, o historiador e memorialista Joaquim Alves já apontava para o "misticismo das populações sertanejas" e a influência das religiões indígena, africanas e das missões católicas do século XIX na construção de um catolicismo próprio das

⁹⁰ ALVES, Joaquim. **Juazeiro, cidade Mística**. Revista do Instituto do Ceará, Fortaleza, v. 61, n. 52, p.73-101, jan. 1948. Anual. Disponível em: <<http://www.institutoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1948/1948-JuazeiroCidadeMistica.pdf>>. Acesso em: 09 ago. 2016.

comunidades do sertão, especialmente, em Juazeiro do Norte. Ao descrever os principais centros de devoção “do nosso povo”, Joaquim Alves refere-se da seguinte forma à Juazeiro:

A explicação para o último caso, colocando em igualdade de crença a cidade sagrada de Juazeiro do Ceará, encontra-se nas condições do nível mental das nossas populações rurais, que não estão em condições de assimilar, integralmente, os ensinamentos cristãos. Daí as anomalias religiosas registradas na história das crenças populares. Factor [sic] preponderante para as anomalias registradas, foram, sem dúvida, as atividades missionárias da primeira metade do século XIX, em que o ardor catequético se reflectiu [sic] nas populações rurais de um modo estranho, criando uma mentalidade mística entre a gente simples, desacostumada às exposições fortes, como as que, então, se faziam sobre as cousas eternas. As *Missões Abreviadas*, livro piedoso que constituiu o breviário do sertanejo por muitas décadas, contavam factos extraordinários de castigos em vida, de penas, de sofrimento dos que transgrediam a lei divina (ALVES, 1948, p.81).

É interessante perceber, mais uma vez, como a tradição vivida pelos penitentes faz parte da reverberação de um projeto catequizador que se desdobra em suas apropriações pelos leigos e concentra-se, especialmente, nas zonas rurais e nas comunidades mais afastadas dos grandes centros urbanos. A cada passo que damos investigando o cotidiano dessas comunidades, fica mais evidente as influências que ajudaram Mestre José e os PPP a viver essa forma de fé. O próprio penitente João José já tinha contato com a Missão Abreviada antes de conhecer o Mestre:

João José Aves de Jesus: Eu já tinha um conhecimentozinho dela pela educação dos meus pais, do meu avô, da minha mãe, da minha avó, que é a primeira educação que nós tem. E eles foram de família muito Católica, missionária. Eu já tinha uns conhecimento de parte da Missão quando encontrei com ele.⁹¹

Estava nas mentes e nas mãos do penitente João José à renovação dessa obra que, segundo Osório (2002), teve sua última edição em 1904 e já estava praticamente esgotada. Segundo alguns relatos dos penitentes, que infelizmente não foram gravados, antes de João José entrar para a penitência ele trabalhou como marceneiro e fazia moldes para carimbos, ocasião, na qual conheceu o proprietário da “Gráfica líder”, Cícero Leite, em Juazeiro do Norte. Esse empresário foi a pessoa que o ajudou a concretizar o seu plano renovador.

Sr. Cícero Leite: Nós fizemo um primeiro, um teste e tudo, parece que foi até menor. Depois foi que nós fizemo um normal, de tamanho grande, mas já foi em outro sistema, *offset*.

⁹¹ Entrevista do dia 11 de junho de 2013.

Roberto Viana: O que é *offset*?

Sr. Cícero Leite: *Offset* é coisa rápida. É máquina que tem chapa. Só que nós não trabalhamos com *offset* hoje. Nós trabalhamos hoje com máquina rápida, que produz mais e é menos funcionários.

Roberto Viana: E como era antes?

Sr. Cícero Leite: Antes era um monte de gente. Era muita gente. Primeiro tinha as letrinhas, você montava de uma por uma. Ai montava a página, da página botava na máquina e imprimia. Inclusive lá na literatura de cordel⁹² tem uma gráfica dessas que foi daqui viu?⁹³

A partir da narrativa do Sr. Cícero Leite, é possível entender a complexidade que envolveu o processo de produção a Missão Abreviada. Inicialmente, ela era composta em uma *linotipo*, uma grande máquina em que é preciso montar letra por letra para a composição de uma página e sua impressão. Segundo alguns penitentes, as primeiras edições da Missão Abreviada produzidas pelo penitente eram divididas em quatro partes para facilitar a sua produção.

Com a evolução do processo de fabricação para *offset*, a dinâmica de produção tornou-se mais rápida e foi possível para o penitente obter um maior número de exemplares. Entretanto, a “força” capitalista começava a ameaçar o plano do penitente. Segundo o Sr. Cícero Leite, a impressão da obra foi ficando cada vez mais inviável tendo em vista que o retorno financeiro por parte de João José não acontecia de forma regular. Isso fez com que o número de publicações fosse reduzido até chegar a sua quase total escassez. Em 2017, ano em que parei de registrar as narrativas dos PPP o penitente João José me informou, em um misto de tristeza e conformismo que “quem tivesse sua Missão que se sustentasse com ela”.

⁹² O senhor está se referindo à Lira Nordestina, uma editora de cordéis situada na cidade de Juazeiro do Norte que foi tombada como Bem Nacional pelo IPHAN em 2010.

⁹³ Entrevista realizada nas dependências da Gráfica Líder com o seu proprietário Cícero Leite no dia 01 de fevereiro de 2017.

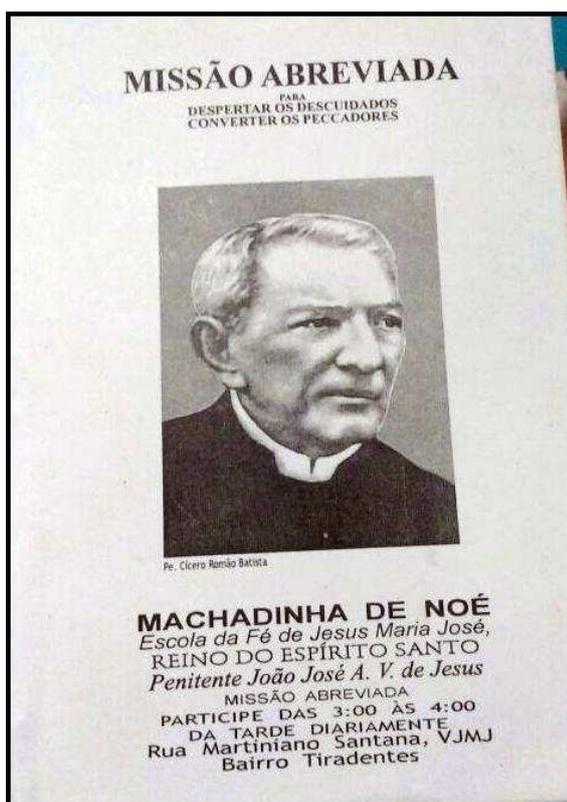


Imagem 11: Nova capa da “Missão Abreviada” elaborada por Joao José

A ação reformadora de João José não se restringiu apenas à reimpressão do livro. O penitente reelaborou signos e ritos que acompanharam o seu projeto. Um exemplo marcante dessas transformações está na compreensão de que a Missão Abreviada estava intimamente ligada ao padre Cícero. O penitente chegava a afirmar que o livro havia sido escrito pelo sacerdote e que tinha sido através desse padre/santo/Deus que a Missão Abreviada havia surgido no Juazeiro.

Como é possível observar na figura acima, a nova capa da Missão Abreviada elaborada por João José tem como figura principal a imagem do padre Cícero que, além de ser o guia espiritual da comunidade, era também o autor dessa relíquia para o grupo, na interpretação de João José. Na cosmovisão do penitente tudo o que o padre Cícero sofreu, a suspensão das suas ordens sacerdotais e a perseguição religiosa que lhe foi infligida, estavam intimamente ligadas ao fato do sacerdote ter colocado a Missão Abreviada como livro superior à Bíblia:

Roberto Viana: Por que Juazeiro? Por que a “Casa da Missão” é aqui em Juazeiro? O senhor me falou assim: “Se a pessoa não vier em corpo, vem em espírito depois” pra “Casa da Missão”. É só daqui que tá saindo a “Missão”, né? E por que é que é no Juazeiro? Tem alguma coisa especial?

(Durante esse “bombardeiro” de perguntas o penitente respondia entre as interrogações: “É sim”, “Isso mesmo”, repetidas vezes)

João José Aves de Jesus: Você pergunta muito bem. Porque meu padrinho Cícero disse: “Quem me suspende de ordem hoje, meus amiguinhos, mais adiante vai trabalhar pela minha volta.” Entendeu? Por que suspenderam meu padrinho Cícero naquele tempo, você sabe me dizer isso?

Roberto Viana: Foi porque ele falou que o milagre da hóstia era verdade?

João José Aves de Jesus: Não. Suspenderam ele de ordem, por que eles encontraram toda a verdade de Jesus Cristo foi nele. Ai não quiseram dar o valor que ele tem e merece. E a Bíblia já vinha se aproximando para entrar dentro da Igreja pra botar a Missão pra fora! E eles queria que meu padrinho Cícero também assinasse, pra tirar a Missão de toda a Igreja e ficar só a Bíblia deles! E meu padrinho Cícero não aceitou isso ai! Ele segurou a Missão na mão à custa de penas e mortes.⁹⁴

O penitente construiu uma nova versão da história do padre Cícero, na qual o sacerdote é apresentado como o grande defensor da Missão Abreviada no momento em que, segundo ele, a Bíblia começou substituir a “Missão” dentro dos cultos. A crença do penitente transformou-se em discurso e elabora uma nova concepção de verdade para ele e para as pessoas que enxergam nele um guia espiritual. O que interessa aqui é a forma como a História é reconstruída para criar um espaço de significados que sintonizam as suas ações com as ações do ser espiritual que rege a vida desses devotos.

Tal como o padre Cícero de sua narrativa, João José teve que romper com as regras e imposições que lhe foram dadas para criar algo novo e que estivesse em harmonia com a tradição que ele aprofundou a partir do convívio com Mestre José, mas que já era vivida por ele em sua comunidade natal.

É interessante perceber ainda como o penitente João José reelaborou a própria tradição do grupo que afirmava a escrita da Missão Abreviada através dos “quatro papas da Igreja”⁹⁵. Esse penitente rompeu de várias formas com os “primeiros ensinamentos” com o objetivo de reorganizar a estrutura da crença para uma nova temporalidade, com novas exigências e imposições necessárias para sua manutenção na contemporaneidade.

Para que esse novo ordenamento da crença lograsse êxito, o penitente investiu também na confecção de vários materiais gráficos que incluíam o convite para conhecer a Missão Abreviada em seu mais novo lar, “A casa da Missão”, a produção cartões de visita, cartazes, manuais para celebrar renovação, livrinhos de rezas e novenas, porta-retratos,

⁹⁴ Entrevista do dia 19 de março de 2014.

⁹⁵ Ver o debate feito no Capítulo 1.

relógios de parede, enfim, uma complexa rede de divulgação que apontava o caminho para a “fonte de água viva”, o “primeiro livro do mundo”.

A trajetória mística do penitente João José é marcada por uma escolha fundante. Ele ressignifica uma regra chave da irmandade, “não pegar em dinheiro, nem comercializar”, para que a tradição do grupo fosse inserida no contexto da modernidade característica do *tempo presente* vivido por ele. Essa sua atitude, de certa forma, popularizou e tornou acessível a doutrina do grupo a um espectro maior de pessoas, mas conferiu a ele a marca da rejeição pelos antigos seguidores da penitência: “ele deixou de ser penitente e agora foi comercializar”, como afirma Dona Virgínia.

O esfacelamento da *comunidade* em pequenos núcleos com práticas muito mais individuais que coletivas estava começando a se tornar realidade. O penitente João José deu o primeiro passo. A exemplo desse senhor, outros seguidores e penitentes começaram a reelaborar antigas regras da irmandade para que as “ruínas” resultantes desse esfacelamento dessem lugar a novas práticas e ritos que, mesmo ganhando uma nova forma e acabamento, ainda guardassem fragmentos agora ordenados de uma forma que fosse mais atraente para os olhos imperiosos da modernidade.

CAPÍTULO 3: “UMA RAPA DO MODERNO” NO ANTIGO OU UMA “RAPA DO ANTIGO” NO MODERNO?

É uma coisa rude e penosa que uma alma não se entenda e não encontre ninguém que a entenda (João da Cruz).

No dia 02 de Novembro de 2016, exatamente quatro anos após ter visto pela primeira vez o penitente João José Aves de Jesus, voltei ao local do nosso primeiro encontro: o Cemitério do Socorro em Juazeiro do Norte. Enquanto me dirigia para o lugar onde provavelmente encontraria os PPP, um canto triste começou a ficar cada vez mais audível naquele dia de finados: eram os benditos entoados com delicadeza pelo penitente Israel e sua família em frente a um desgastado, porém imponente, cruzeiro. Não demorou muito e o penitente João José se aproximou daquela família carregando a sua bandeira pessoal acompanhando o bendito com os tons graves de sua voz.

Por alguns minutos eu esqueci a grande divergência de ideias que existia entre cada uma daquelas pessoas. Por alguns instantes eu pensei estar diante de uma *comunidade*, de um grupo coeso, sem margem para as diferenças. A ideia de encontrar uma “unidade” entre os PPP foi, durante algum tempo, algo desejado por mim. Mas, a cada visita que fazia a casa daquelas pessoas, eu observava a tamanha diferença que existia nos modos de interpretar os costumes e a tradição inaugurada por Mestre José. Arrisco afirmar, inclusive, que, mesmo sob a liderança do primeiro Mestre, conforme demonstrado em capítulos anteriores, essa “unidade” era complexa e vivida de diferentes formas.

Ao longo da pesquisa de campo fui percebendo que um dos elementos cruciais para a compreensão dessas múltiplas formas de viver a *crença* entre os PPP estava na relação que cada uma dessas pessoas estabelecia com o “mundo moderno”. Não se trata apenas de pensar nas aproximações e distanciamentos que essas mulheres e homens estabeleceram com os elementos *profanos* do mundo (tecnologia, dinheiro, trabalho, por exemplo). É preciso também refletir sobre a relação paradoxal que existe entre essas pessoas e os demais membros da *comunidade cristã*, em especial a Igreja Católica.

A trajetória mística dessas pessoas está envolta em uma constante tensão que centra-se na tentativa de resgatar o *tempo sagrado* do padre Cícero em um mundo onde as

estratégias da modernidade, no sentido empregado por Michel de Certeau⁹⁶, atuam com uma força quase inabalável. Darei destaque, portanto, às *táticas* elaboradas por essas mulheres e homens na construção de práticas que tentam conservar elementos dos “tempos antigos” mesmo que, para isso, eles tenham que, paradoxalmente, absorver e transformar elementos da modernidade.

A construção da *crença* vivida pelos PPP na contemporaneidade não pode ser compreendida dissociada das formas como os elementos da modernidade são ressignificados dentro do grupo. Desde as ações do penitente João José que decidiu pela reelaboração da prática do comércio dentro do grupo; passando pela tentativa institucionalizadora encabeçada pelo penitente Israel e sua família; até as novas formas de contar e interpretar as histórias da “antiga irmandade” pelas mulheres; são visíveis resultados de uma acirrada peleja com o moderno no cotidiano de cada uma dessas pessoas.

O antropólogo Talal Asad⁹⁷ considera que para entendermos a construção de uma *crença* na modernidade, precisamos levar em conta que ela é também produto histórico de processos discursivos. Ao criticar o também antropólogo Clifford Geertz sobre uma insistente primazia dos significados em detrimento dos processos pelos quais os significados são construídos, Asad argumenta:

Aquilo em que um cristão acredita hoje sobre Deus, vida após a morte e o universo, não é aquilo em que ele acreditava há um milênio – tampouco é igual a maneira como ele responde à ignorância, dor e injustiça hoje e naquele tempo. A valorização medieval da dor como modo de participação no sofrimento de Cristo contrasta radicalmente com a percepção católica moderna da dor como um mal a ser combatido e superado, assim como Cristo, aquele que cura, o fez. A diferença está claramente conectada à secularização pós-iluminista da sociedade Ocidental e à linguagem moral que esta sociedade agora autoriza (ASAD, 2010, p.273).

As considerações de Asad são importantes para a compreensão dessa nova fase em que os remanescentes do antigo grupo liderado por Mestre José agora “jogam” com os elementos do mundo contemporâneo que os cerca.

Especialmente a partir do ano de 2009, momento da morte do Mestre Olício, foi possível identificar com mais clareza as diferenças que compunham o cotidiano dos PPP. O

⁹⁶ Segundo Certeau, a *estratégia* é o “cálculo das relações de forças que torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ‘ambiente’. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e portanto capaz de servir de base a uma de suas relações com uma exterioridade distinta. A nacionalidade política, econômica ou científica foi construída segundo esse modelo estratégico (CERTEAU, 2012, p.45).

⁹⁷ Ver: ASAD, Talal. A construção da religião como uma categoria antropológica. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 19, p.263-283, dez. 2010. Tradução: Bruno Reinhardt e Eduardo Dulio.

Mestre Olício conseguiu agregar, em sua visão, os *seguidores* e *penitentes* sob o que ele analisava ser a mais fiel interpretação dos ensinamentos de Mestre José. Entretanto, como demonstrei no capítulo anterior, ainda em vida, esse penitente vislumbrou o inevitável: a ruptura definitiva entre o que ele conhecia como sendo os PPP. Como relatou Dona Josefa em uma de nossas conversas: “agora vai ser cada um com seu rosarinho dentro de suas casas”.

A despeito da “previsão” de Dona Josefa e seu irmão, Mestre Olício, o que ocorreu a partir de 2009 foi a fragmentação da formação original e a formação de três núcleos distintos entre si, mas que eventualmente compartilhavam momentos ritualísticos e concepções sagradas: 1) “A casa da Missão” do penitente João José; 2) “As mulheres”: Dona Josefa, Dona Virgínia, Dona Lia e Dona Marinete e 3) Penitente Israel e sua família: Sr. Francisco, Dona Maria, Isabel e Isaac.

A partir da pesquisa de campo pude inferir que são essas pessoas, na atualidade, as principais responsáveis pela propagação e ressignificação das tradições e costumes ensinados por Mestre José. A *história do tempo presente* do grupo começa a ganhar forma nas narrativas desses sujeitos:

A história do tempo presente está na intersecção do presente e da longa duração. Esta coloca o problema de se saber como o presente é construído no tempo. Ela se diferencia, portanto, da história imediata porque impõe um dever de mediação. [...] Defenderei, de minha parte, a ideia de uma verdadeira singularidade da noção de história do tempo presente que reside na contemporaneidade do não contemporâneo, na espessura temporal do “espaço de experiência” e no presente do passado incorporado (DOSSE, 2012, p.6).

A noção de *história do tempo presente* de François Dosse está diretamente relacionada a tentativa de enxergar no presente a “espessura temporal” do *espaço de experiência*, ou seja, de enxergar na contemporaneidade os traços, vestígios e marcas das experiências vividas pelos sujeitos históricos. O historiador Reinhart Koselleck formulou as categorias *espaço de experiência* e *horizonte de expectativa* em sua obra: “Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos”⁹⁸. Nessa obra ele definiu esse conceito como sendo

[...] o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento. (KOSELLECK, 2006, p.309)

⁹⁸ Ver: KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-RJ, 2006.

As análises desse capítulo centram-se na tentativa de entender as ressignificações que cada um dos remanescentes do grupo de PPP elaborou na manutenção de sua *crença*, na contemporaneidade, tendo como base o *espaço de experiência* vivido por cada um desses sujeitos. Penso que os dois primeiros capítulos serviram como uma espécie de telescópio que tornou possível visualizar de perto alguns aspectos mais gerais do universo dessas pessoas enquanto grupo. Nesse capítulo, precisarei fazer um ajuste em nosso “telescópio histórico” para dar foco às ações individuais dessas pessoas nesse momento de fragmentação da formação inicial. Um olhar mais cuidadoso sobre a vida dos narradores aqui apresentados pode revelar questões valiosíssimas para pensar não apenas a história desse grupo, mas para refletirmos sobre diversas questões que cercam o *ser religioso* na contemporaneidade.

3.1 - Um novo mestre? Entra em cena o prodígio

Por três anos, como já mencionei anteriormente, as minhas visitas ao grupo focaram-se apenas na casa do penitente João José. No dia 07 de Julho de 2015 recebi uma “pista” que mudaria novamente os rumos da pesquisa. Ao sair da casa do penitente João José, abordei uma vizinha que parecia simpática a minha presença e perguntei a ela se a mesma conhecia alguma pessoa com o “estilo de vida” parecido com o de “seu João”. Para minha surpresa essa senhora respondeu positivamente e me informou sobre um grupo de mulheres que sentavam-se geralmente às três horas da tarde na calçada de uma casa “azul com branco e meio recuada da rua”. Ao passar em frente a casa indicada, encontrei três simpáticas senhoras que de pronto se disponibilizaram a falar sobre o “antigo grupo de penitentes”.

Depois de uma hora e meia de conversa com essas senhoras, fui surpreendido por uma última informação:

Dona Josefa: Depois que nosso senhor chamou o Mestre ficou um irmão meu encarregado.

Roberto: Como era o nome dele?

Dona Josefa: Era Manoel, que morreu também. Ai ficou... Ficou a gente... Aqui... Só aqui mesmo... Rezando o rosário... Mas tem uma rapazinho que reza as renovação. Tem um que tira as renovação e reza! Ele é muito entendido e sabe conversar bem! Mas eu não sou capaz de levar você na casa dele... Por que é um povo assim meio estranho. Ele num recebe todo mundo não. Era bom você conversar com ele. Você fica tão satisfeito que nunca mais você quer deixar de conversar com ele.

Roberto: Eita, e é? E como é o nome dele?

Dona Josefa: Israel.

Dona Josefa estava certa. Foi difícil encontrar a casa do “rapazinho” que ela havia mencionado. Foi igualmente difícil ter uma primeira conversa com o jovem penitente. Mas, como ela também previu, eu “fiquei tão satisfeito que não quis mais deixar de conversar com ele”. O meu primeiro contato com o penitente Israel aconteceu no ano de 2015, no mês de junho. Mas a primeira entrevista só pôde ser gravada quase um mês depois, no dia 08 de julho de 2015.

Na primeira vez que bati à porta da casa do penitente Israel, quem me atendeu foi um senhor alto, de barba branca, que aparentava ter por volta de 50 anos. Olhou por entre as frestas da janela e perguntou o que me trazia ali. Após explicar as intenções dessa pesquisa ele me respondeu que até poderia conversar comigo sobre o antigo grupo de penitentes mas o horário que eu escolhi para fazer esse trabalho era “muito esquisito”. Eram quatro horas da tarde. Naquele horário, segundo o senhor que me recebeu, a sua família estava se reunindo para fazer as orações diárias, ler a “santa missão”, jantar e dormir.

Perguntei então se podia ao menos conhecer o “rapazinho” que haviam me falado. Ele ficou um pouco contrariado, mas chamou o seu filho para vir em direção à porta. Quando o rapaz se aproximou fui tomado por uma surpresa: ele trajava longas roupas azuis, com cruces e símbolos desenhados de branco, usava uma longa barba e trazia na mão um volumoso livro de capa preta que deduzi ser “A Missão Abreviada”. A surpresa se deu pelo fato de eu pensar que não existiam mais pessoas tão jovens a ingressarem no “caminho da penitência”. Ele me disse: “Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo. Meu nome é Israel Aves de Jesus”.

A história da entrada do jovem penitente nessa irmandade e a conversão da sua família em assíduos *seguidores* da *Missão* revelaram a possibilidade de enxergar de perto a aceitação de um grupo de pessoas que levava uma “vida profana” para o “encantamento” desse mundo religioso dos PPP. Além disso, essa família desempenhou um papel fundamental na manutenção das práticas da penitência na contemporaneidade. Segundo Sr. Francisco, a conversão dele e de sua família se deu a partir do encontro com o Mestre Olício, que ele chama de “compadre Manoel”:

Senhor Francisco: Por que antes de nós vim frequentar as casa dos penitentes e conhecer o livro da Santa Missão, eu me encontrei com compadre Manoel, nosso diretor, eu me encontrei com ele andando na Castelo Branco, que ele trabalhava na penitência, quando eu me encontrei com ele nós subimo a Castelo Branco conversando e eu empurrando o

carrinho de mão dele, nós assim, conversando, nós dois. E ele me falou algumas palavra que eu não tinha ouvido ainda. Me interessou. Despertou em mim... Despertou curiosidade. Como se diz, né? Quando a pessoa não tem tanto conhecimento, a primeira coisa que desperta é curiosidade, depois vem o interesse. Ai eu peguei, conversei mais ele, ouvi algumas palavra e fui pra casa, quando cheguei lá conversei com a minha esposa, meus filhos, algumas palavras, eu disse: “é diferente, as palavra que ele pronunciou pra mim é diferente”.

Sr. Francisco se revelou, durante a pesquisa, um verdadeiro *filósofo*, no sentido empregado por Certeau (2012) quando coloca essa categoria em contraposição ao *perito*. Sr. Francisco, apesar de não possuir letramento oficial, demonstrou ser um questionador voraz da realidade na qual estava inserido. Segundo seus relatos, ele sempre se incomodou com o que chamou de “sistema”: as regras, limitações e burocratizações do mundo moderno. Observem que, na sua narrativa, assim como o filósofo, ele afirma que aquilo que despertou primeiramente em seu interior foi uma *curiosidade*, “depois veio o interesse”.

A pregação de Mestre Olício apresentou a Sr. Francisco uma nova possibilidade de enxergar o “sistema” que estava a sua volta. É como se o penitente tivesse lhe apresentado as ferramentas para construir algo novo, uma espécie de barricada nesse mundo, onde tudo parecia tão insólito, ou, para usar o termo de Bauman, líquido:

Senhor Francisco: Ai nós voltemo outros dia, visitemo ele... Ai ele nos aconselhou. Ele disse: “Olhe, tem um penitente chamado Seu João, Seu Joca. O nome é João, mas o apelido é Joca. Ele renovou a Santa Missão. Que ele tem um livro antigo na casa dele, que ele herdou dos familiares dele, ele renovou, e ele tá distribuindo esse livro da Santa Missão para as pessoa que quiserem adquirir a Santa Missão. É um livro muito importante”. Eu com minha esposa e meus filhos só tinha conhecimento da Bíblia. Nós só tinha conhecimento da Bíblia, nós não tinha da santa Missão. Ai nos peguemo, seu Joca foi lá, nos adquiririmo a Santa Missão, ai esse rapaz [referindo-se ao penitente Israel], ele começou a ler a Santa Missão, e nós lia a Santa Missão todo dia, vinha pra casa dele nos domingos e dias santos e ele lia a Santa Missão pra nós e nos ensinava como um bom professor ensina aos seus alunos. Explicava. O que ele dizia a respeito da Missão ele falava e eu procurava as prova, eu procurava as prova, e encontrava a explicação correta na própria Missão. O que ele falava eu encontrava na própria Missão. E ele dava o próprio exemplo, né? Da vida dele... Ele dava o exemplo da vida dele. O exemplo é muito importante! Você falar é apenas uma parte, você dá o exemplo é melhor que falar. O exemplo é maior que sua fala.

Essa narrativa de Sr. Francisco ajuda a elucidar uma questão que venho tentando deixar claro desde o capítulo anterior: a contribuição de cada um dos remanescentes do primeiro grupo na manutenção dessas práticas na contemporaneidade. De um lado, Mestre Olício cooptou a família para, aos poucos, ensinar-lhes o “caminho da penitência”, de outro lado o projeto missionário do Mestre Olício só poderia ser efetivado se os seus novos

seguidores conhecessem o principal livro da irmandade, e isso só foi possível graças ao projeto renovador do penitente João José.

Entre os questionamentos do seu pai e o exemplo edificante de Mestre Olício, o futuro penitente Israel observava tudo com muito entusiasmo. Então, aos 13 anos ele resolve “morrer para o mundo” e seguir os caminhos da penitência, transformando-se no mais novo “Ave de Jesus”. Em uma de nossas conversas perguntei ao penitente se ele havia passado pelo ritual do “Batismo da Cruz”, antiga cerimônia na qual queimavam-se os documentos de identidade oficial para o iniciado “renascer” em uma “nova vida”. O ritual corresponde também ao abandono do indivíduo a todo e qualquer “modo de vida profano” incluindo-se aqui o trabalho formal e até mesmo a escola:

Israel Aves de Jesus: Com certeza. E também até de fato, eu posso lhe explicar, ao senhor que, assim, como eu já lhe disse naquele primeiro momento, foi como uma peça encaixada em um quebra cabeça, meu filho. Eu não tinha ainda nenhum documento de identidade no tempo que eu entrei que fui aceito na penitência com 13 anos de idade. Eu assim não tinha documento de identidade, CPF, título de eleitor, nada disso eu tinha. Ai então nesse caso foi pra mim muito fácil. Pra se renunciar a essas coisas pra mim não foi preciso, né? Mas, de fato, com essa minha renúncia já estava renunciando ao futuro que poderia ter.

Roberto Viana: Você já frequentou a escola?

Israel Aves de Jesus: Sim, senhor. Eu tenho o ensino fundamental incompleto. Antes de eu viver essa vida de penitente eu estudei ainda nas entidades públicas. Estudei até o nono ano, a oitava série, incompleto. Mas abandonei por que não era compatível com o modelo de vida que eu desejava seguir.

Roberto Viana: Então você aprendeu tudo basicamente sozinho? Lendo a Missão...

Israel Aves de Jesus: Com a Missão, como também com o meu padrinho Manoel me ensinando, com o meu pai também, com o decorrer de cada dia, com os veteranos da penitência da mesma forma, e, acima de tudo, com o professor dos professores que é o espírito santo.⁹⁹

Israel Aves de Jesus estava deixando um “tentador” mundo para trás: televisão, internet, celular, roupas da moda, estudo e trabalho formais, jogos eletrônicos, enfim, um número quase ilimitado de possibilidades que o mundo contemporâneo “profano” o apresentava. Ele agora deveria vestir azul e branco, pedir uma “esmola pelo amor de Deus” e se dedicar apenas ao caminho religioso que seu tutor, Mestre Olício, havia lhe ensinado.

⁹⁹ Entrevista de 08 de Julho de 2015.

Uma mudança profunda também operou no seio da família do jovem penitente. Apesar de não escolherem viver essa *crença* como *penitentes*, o seu pai, sua mãe e seus irmãos aceitaram “o chamado” para se tornarem *seguidores* da Missão. Como já foi explicado anteriormente, um *seguidor* da Missão diferenciava-se de um *penitente* por algumas questões específicas: o seguidor poderia ter um trabalho formal, não precisaria pedir esmolas, poderia se casar e não teria as obrigações ritualísticas do penitente. Apesar dessas “facilidades”, uma seguidora ou seguidor também deveria obedecer a um rigoroso sistema de regras e privações materiais. Sr. Francisco, por exemplo, continuou com sua banca no Mercado Público do Pirajá onde vendia ervas medicinais. Entretanto, teve que abandonar alguns hábitos: ele era um exímio corredor profissional chegando até a ganhar algumas competições locais; era também admirador do rock’n’roll dos anos 80, especialmente da banda Queen. Esses hábitos eram inaceitáveis dentro do seu novo modelo de vida.

A vida de sua esposa, Dona Maria, também passou por mudanças profundas: ela abandonou o seu hobby preferido (que o marido e os filhos também participavam) de acompanhar as novelas televisivas e ouvir os programas da rádio de sua preferência. Teve também que aderir a uma nova forma de vestuário: pano na cabeça, blusas de manga longa, saia cobrindo os joelhos. Continuou exercendo a sua profissão de costureira, mas abandonou a rotina comercial que era imposta “pelo sistema”: uma seguidora da Missão não pode trabalhar nos dias santos nem “explorar” as outras pessoas.

A vida dos irmãos mais novos do penitente Israel também passou por intensas transformações: tanto Isabel, sua irmã mais nova, quanto Isaac, seu irmão, abandonaram a escola e começaram a seguir um rígido controle de horários para que a rotina da casa dos “seguidores da Missão” fosse cumprida. Os jovens também foram proibidos de usar qualquer tecnologia e de ler materiais que, por ventura, desviassem o foco de seu novo modelo de vida.

A rotina da casa seguiu, portanto, uma nova estrutura: pela manhã cada um dos membros da família realizava as suas atividades “profanas” (exceto o penitente Israel que se encaminhava para sua “jornada da penitência”). Sr. Francisco e Isaac organizavam o trabalho na banca de ervas medicinais, Dona Maria e Isabel cuidavam dos afazeres do lar e das encomendas da profissão de costureira. Mas a própria “atividade profana” estava agora redirecionada pelas novas regras da penitência. Eles não deveriam trabalhar nos dias santos, e deveriam rezar o terço nas *horas do ângelus* (06:00, 12:00 e 18:00). Às 18:00 todos já deveriam estar em casa para as orações noturnas e para a realização de um dos rituais que mais me chamou a atenção dentro da ritualística absorvida pela família: **a leitura coletiva de livros religiosos.**

Após rezarem o rosário e cantarem os benditos para os santos de devoção da casa, o penitente Israel escolhia um dos “antigos livros” herdados dos primeiros Mestres, em geral *A Missão Abreviada*, para que fosse feita uma leitura em voz alta e, ao fim da apreciação do trecho obra, era feita uma espécie de “análise coletiva” do seu conteúdo na qual cada um dos ouvintes poderia interpretar os textos.

Dessa maneira, mesmo que Sr. Francisco ou Dona Maria não soubessem decifrar aquele conjunto de símbolos em um papel, a voz do seu filho traduzia e informava o conteúdo daqueles livros que estavam longe de ser meramente uma leitura, tornavam-se o próprio contorno da vida dessas pessoas.

A emissão dos textos pela voz do penitente ganhava um significado diverso em cada uma dos receptores que ouviam atentamente a sua recitação. Nesse sentido, as reflexões de Certeau sobre as *táticas de leitura* podem ser úteis para analisarmos a importância dessa “prática leitora” feita pela família no sentido de entendermos como os *consumidores* não são meros captadores das ideias dos textos, mas sim, criadores talentosos de “novos textos”:

Com efeito, ler é peregrinar por um sistema imposto (o do texto, análogo a ordem construída de uma cidade ou de um supermercado). Análises recentes mostram que “toda leitura modifica o seu objeto”, que (já dizia Borges) “uma literatura difere da outra menos pelo texto que pela maneira como é lida”, e que enfim um sistema de signos verbais ou icônicos é uma reserva de formas que esperam do leitor o seu sentido. Se, portanto, “o livro é um efeito (uma construção) do leitor”, deve-se considerar a operação desse último como uma espécie de *lectio*, produção própria do “leitor” (CERTEAU, 2012, p.240,241).

Considero que a prática desenvolvida pela família do penitente Israel foi fundamental para a constituição de uma “nova forma” de viver as antigas regras da penitência. O livro começou a ganhar certa autoridade em relação aos testemunhos orais. Com isso não quero afirmar que a família “abandonou” as antigas regras que estavam escritas apenas no delicado papel da memória. Mas, o livro, enquanto instrumento simbólico e de poder, começa a exercer, com maior ênfase, uma autoridade de legitimação das práticas que estavam no campo da oralidade.

Após a morte do Mestre Olício, no ano de 2009, o penitente Israel começou a assumir uma série de tarefas que antes eram realizadas apenas pelos antigos mestres: celebrar renovações, assumir a ritualística do hasteamento das bandeiras marianas em maio e conduzir as orações em grupo, por exemplo. Como Dona Josefa narrou em sua entrevista transcrita no início do capítulo, esse penitente revelou-se um profundo conhecedor dos antigos livros herdados desde Mestre José e de tantos outros que o jovem garimpava na sua busca pela

melhor compreensão da crença que o movia. Ele também era dono de uma oratória invejável, com uma fala enriquecida pelo vocabulário religioso apreendido dos livros que lia e das histórias que os veteranos haviam lhe contado.

Roberto Viana: O que é que você lê além da Missão Abreviada e da Bíblia?

Israel Aves de Jesus: Meu filho, os livros que eu leio são, assim, diversos, sabe? Enciclopédias, livros de filosofia, teologia e algumas coisas que ajudam no aumento do conhecimento de qualquer pessoa, né?

É perceptível, portanto, a importância que o livro tem na construção da prática do penitente Israel. Entre as leituras “que os antigos” faziam dos textos e a nova prática de leitura que o penitente Israel estava começando a experimentar, existia uma complexa luta simbólica.

Nas narrativas “dos veteranos” aparece, por exemplo, a informação de que a *Missão Abreviada* foi “literalmente” o “primeiro livro do mundo”, ou que ainda, foi escrita pelo padre Cícero, como é possível observar na nova capa do livro elaborada pelo penitente João José¹⁰⁰. A partir de uma prática leitora direcionada pela lógica *disciplinar* da escola ou do próprio “conhecimento científico”, o jovem penitente começa a perceber o desafio que está em suas mãos: será que cabe a ele informar “aos mais antigos” que outros livros existiram antes da Missão Abreviada? Ou ainda que ela foi escrita pelo padre Manoel José Gonçalves Couto e não pelo padre Cícero? Nesse sentido, o penitente Israel assume posturas que nos possibilitam, como sugere Certeau, “analisar a própria operação de ler, suas modalidades e sua tipologia” (CERTEAU, 2012, p.241).

Retomo aqui também o pensamento do antropólogo Talal Asad quando este analisa a influência *quase* determinante que a ciência tem na formação das práticas, sejam religiosas ou não, na contemporaneidade:

Mas meu argumento aqui é que o sabor opcional exprimido pelo termo *perspectiva* é certamente enganador quando aplicado igualmente à ciência e a religião na sociedade moderna: a religião é, de fato, hoje, opcional de um modo que a ciência não é. Práticas científicas, técnicas, conhecimentos, permeiam e criam as fibras da vida social de um modo que a religião não mais pode igualar. Nesse sentido, a religião hoje é uma perspectiva (ou uma atitude como Geertz a chama às vezes), mas a ciência não o é. E nesse mesmo sentido, a ciência não é encontrada em qualquer sociedade, passada e presente (ASAD, 2010, p.275).

¹⁰⁰ Ver figura tal do capítulo Anterior

Nesse excerto, o antropólogo indica a impossibilidade de pensarmos as práticas religiosas contemporâneas dissociadas da ideia de ciência que temos hoje. O penitente Israel assume, então, a “missão” de *intermediar* essas diferentes interpretações do sagrado e de seu conhecimento científico para as pessoas do antigo grupo. Nas narrativas apresentadas por ele, até aqui, foi possível perceber que ele se preocupou, pelo menos, na presença do entrevistador, em apresentar alguns elementos da tradição de forma que fique claro que aquela maneira de pensar pertence ao “imaginário” dos mais antigos e não à sua cosmovisão. Apesar disso, existem diversos momentos em que o penitente se vale da tradição que lhe foi apresentada para justificar aspectos do modelo religioso que ele pratica.

Ao conversamos sobre o livro *Missão Abreviada* e sobre a relevância dessa obra para a vida do grupo, o penitente me ofereceu uma narrativa que contém exatamente esses elementos da “encruzilhada”: livro, leitura e oralidade na constituição de sua prática:

Israel Aves de Jesus: O povo daqui de Juazeiro tinha um costume, uma história breve que eu vou contar ao senhor. O povo daqui de Juazeiro tinha o costume de visitar quase todos os dias a casa de meu padrinho Cícero para pedir conselho, instruções. Ai um dia, um cidadão que eu conheço ele, quer dizer, eu não conheço propriamente ele que foi na casa de meu padrinho, mas o seu neto. Esse homem foi na livraria e comprou um livro da Santa Missão e levou para a casa de meu padrinho Cícero. Ele foi lá para perguntar se esse livro era bem conveniente de ser lido ou não. Ai quando ele chegou lá que pediu a benção ao meu padrinho Cícero e tudo, ele disse: “Meu padrinho, vim pedir ao senhor, pra o senhor me dizer e me aconselhar se esse livro da Missão Abreviada que eu ouço falar muito e o povo diz que é um livro muito bom. Eu queria saber se o senhor, meu padrinho, confirma esse livro pra gente ler”. Meu padrinho Cícero foi e disse: “Me dê o livro”. Ai ele foi e deu e meu padrinho Cícero abriu o livro beijou uma página, beijou outra, fechou novamente e disse: “Leve, meu amiguinho, a Missão Abreviada pra sua casa, por que você levando a Missão Abreviada pra sua casa, você vai levando o Deus verdadeiro”.¹⁰¹

Os elementos da tradição oral foram usados aqui pelo penitente também como legitimadores de um aspecto da sua crença. É interessante, contudo, percebermos que o elemento legitimado pela tradição é exatamente um livro. O penitente recorta uma história da tradição que elucida algo que ele já aprendeu com as leituras que fez: o livro não foi escrito pelo padre Cícero, entretanto, é o santo padre que sanciona o poder divino que a Missão Abreviada tem.

Desde os tempos de Mestre José, até as formas de participação mais contemporâneas, que as pessoas dessa irmandade estabelecem uma visível relação paradoxal com a cultura

¹⁰¹ Entrevista do dia 08 de Julho de 2015.

escrita. Entretanto, o penitente Israel inaugura mais uma ruptura nessas formas de interpretação. A novidade trazida pelo penitente está no nível de consciência científica/acadêmica que ele emprega na interpretação das escrituras lidas por ele.

Uma leitura que, segundo ele, é “mais aprofundada”, fez com que ele percebesse alguns equívocos interpretativos que os antigos faziam de determinados textos e essa nova interpretação começa a reger a vida espiritual dele que inicia um projeto de expansão e, de certa forma, reeducação dos antigos membros da irmandade para essa nova forma de enxergar as “leis”.

3.1.1 – *Israel Aves de Jesus e as “novas” leis de “meu padrinho Cícero”:*

No primeiro capítulo dessa dissertação realizei um debate sobre as formas como o primeiro líder da penitência, Mestre José, tal como um “historiador”, *traduziu* o passado para os seus fieis através da interpretação dos textos que ele adquiriu/herdou no seu percurso místico. Apesar das ideias que pulsavam ansiosas para sair pela voz dos fieis, no primeiro momento, a irmandade conseguiu obter certa “unidade”, pelo menos ritualística, na relação entre seus membros e o Mestre.

Com a morte de Mestre José e o posterior “fatiamento” do grupo em pequenos núcleos de práticas muito mais individuais que coletivas, os fieis olhavam curiosos para o desenvolvimento do “prodígio”, o penitente mais novo da irmandade. Será que todo aquele conhecimento que demonstrava ter, e que encantava sobremaneira os mais antigos, era forte o suficiente para exercer uma liderança dentro da comunidade?

Para tentar responder a essa pergunta é preciso que algumas questões fiquem claras. A primeira delas, diz respeito ao trabalho com o tempo presente, no qual, algumas questões ainda estão sendo maturadas e desenvolvidas, o que não nos impede de exercer uma análise crítica sobre as informações que já possuímos. Em segundo lugar, esse foi/é um tema muito delicado tanto para o penitente quanto para os *seguidores* que o cercam. Apesar disso, foi possível, em algumas narrativas, perceber os elementos de agregação e distanciamento para com os *seguidores* e as novas propostas do penitente Israel.

Durante a pesquisa eu percebi que um dos fortes elementos agregadores entre penitentes e seguidores era a *Renovação do Sagrado Coração de Jesus*. Nesse ritual, na maioria das vezes celebrado pelo penitente Israel, constatei a presença de uma quantidade maior de pessoas que assumiam um estilo de vida semelhante ao dos *seguidores* da

penitência. Foi inclusive a partir da minha participação nessas celebrações que conheci outros muitos olhares sobre essa irmandade. Ao questionar o penitente Israel sobre essa função agregadora da *renovação*, ele me respondeu o seguinte:

Roberto Viana: Você acha que a renovação é uma dessas formas de unir as pessoas do grupo?

Israel Aves de Jesus: Claro. Com certeza. A renovação, da época que Mestre José faleceu até agora, ela está sendo o vínculo principal de união. Porém, meu filho, com o decorrer dos dias e dos tempos, assim, pelo motivo que, acredito, colisão de ideias, está muito combalida a situação. Mas mesmo assim ainda continua.¹⁰²

Na ocasião dessa entrevista eu ainda não conseguia compreender claramente o que o penitente queria dizer com essa “colisão de ideias” que tornava a situação das renovações tão “combalida”. Só mais tarde, no final do ano 2016 e início do ano de 2017 é que esses entraves “ideológicos” começaram a fazer mais sentido para mim.

Comecei a perceber, ao longo de várias conversas, (formalizadas através do gravador ou não) que o penitente tinha iniciado a execução de uma série de novas ideias resultantes de sua interpretação dos antigos textos e dos ensinamentos do seu tutor, Mestre Olício.

Para o penitente Israel, ser *celebrante* de uma renovação, ou de qualquer outro ritual, ia muito além da simples tarefa ritualística cumprida naquele momento. Segundo o penitente, existia uma série de regras que os “donos da casa” deveriam obedecer, caso quisessem que ele fosse o *celebrante* em algum evento religioso da antiga irmandade.

Roberto Viana: Tem algum outro ritual dos penitentes, dos antigos, por exemplo, a renovação é um deles, que ainda hoje permanece? Que vai todo mundo?

Israel Aves de Jesus: Havia. Havia... E de alguns dias pra cá modificou-se um pouco. Porque sendo um celebrante novo, ele contém nas suas mãos, aquela organização do momento. Tanto da parte religiosa quanto da parte de união e também de chamar o agrupamento e de, no decorrer daquele mês, procurar algum dia propício para alguma reunião, algum encontro. Há alguns anos atrás existia o *terço dos falecidos* que meu padrinho Manoel celebrava na intenção de Mestre José, Dona Regina e de alguns da família dele e de outros também da penitência. Só que não era de todos propriamente que faleceram. Ai então o que aconteceu foi que, quando Deus o chamou que ficou, assim, não por merecer, mas ficou para mim o encargo de governar as cerimônias, as orações e tudo, eu já modifiquei. Já coloquei de uma forma diferente: ao invés de fazer como um terço mensal, no dia que aquela pessoa faleceu, ao invés de celebrar um terço somente na casa daquele falecido, e sem obrigação de até os outros que não faziam parte do grupo comparecer,

¹⁰² Entrevista do dia 29 de fevereiro de 2016.

eu fiz de uma forma diferente: rezasse o *rosário das almas* na intenção de todos que faleceram mas também com a exigência do comparecimento de todos. Tanto dos que são penitentes, como também dos seguidores.

Roberto Viana: Isso acontece ainda hoje?

Israel Aves de Jesus: Lamentavelmente, meu filho, é como eu lhe disse, a situação está difícil.¹⁰³

Compreendo, a partir dessa e de outras narrativas do penitente, que, de alguma forma, o objetivo principal desse jovem é de *institucionalizar* as práticas do grupo em um conjunto de regras e cerimônias que possam ser aproximadas tanto de uma *racionalização* maior dos ritos envolvidos quanto na criação de um cronograma ou lógica organizacional a ser vivido rigorosamente por todas e todos que assim desejarem participar dos rituais celebrados por ele.

Apesar de toda a admiração existente pelo penitente, as antigas seguidoras e seguidores não aceitaram com entusiasmo as regras que Israel Aves de Jesus estava tentando colocar em prática. O principal núcleo que se contrapôs as ideias do penitente foi o grupo formado por Dona Josefa, Dona Marinete, Dona Lia e Dona Virgínia. O argumento dessas senhoras centrava-se na frágil condição de saúde que afirmavam ter e que as novas exigências do penitente Israel eram impossíveis de ser praticadas por elas devido a sua idade e estado de saúde.

A partir das entrevistas que realizei com o penitente Israel e com os demais membros de sua família, consegui elencar algumas das novas práticas que eles desejavam implementar, mas que encontraram resistência na vivência prática dos demais seguidores: 1) Ir, ao menos uma vez na semana, a uma missa na Igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores ou na Capela do Socorro; 2) Participar das reuniões convocadas pelo penitente para tratar dos assuntos da irmandade; 3) Fazer jejum nos dias santos, 4) Convidar formalmente o penitente caso desejassem que ele celebrasse uma renovação; 5) Participar das peregrinações penitenciais que consistiam em andar a pé vários quilômetros, inclusive para cidades vizinhas; 6) Reunir-se para debater sobre os livros sagrados da irmandade.

As regras aqui citadas são apenas alguns exemplos que consegui coletar. Entretanto, ainda antes de finalizar essa pesquisa, o penitente Israel me informou que tentou amenizar alguns elementos dessas normas na tentativa da maior participação dos antigos membros na irmandade. Mas eles pareciam irredutíveis. Além dos argumentos apresentados sobre a debilidade física, Dona Josefa argumentou o seguinte:

¹⁰³ Entrevista 29 de fevereiro, idem.

Dona Josefa: Então, depois que Deus chamou ele (referindo-se a seu irmão, Mestre Olício), já tinha aquele povo de Sr. Francisco, né? (referindo-se a família do penitente Israel) Israel chegou criança ainda aqui. Mas, meu filho, me perdoe, pelo amor de Deus, eu não sei se é fraqueza minha, pode eles estar certo e eu estar errada. Mas quem alcançou compadre Zé que nem eu alcancei (Mestre José), quem alcançou compadre Manoel (Mestre Olício), e quem tá agora alcançando eles, eu noto muita diferença. Muita diferença. O menino tem vocação espiritual e tem tudo. Israel. Mas ele é levado pelo pai. E o pai, você pode prestar atenção que ele é rígido. E eles querem por a gente numas leis muito, muito, muito mais rígida do que era quando nós entramos. Pra começar, todos tinha saúde, todos tinha tudo novo! E agora, que nem eu disse pra ele, ele queria que a gente subisse com ele pro horto, pra visitar nossa senhora da penha no Crato... Quando foi um dia eu fui obrigada a dizer aqui, “Sr. Francisco, vamo fazer um negócio? O senhor tá com um grupo de gente tudo com uma natureza só, tudo com uma coisa só. O senhor se arrume com sua família e vá pro horto duas ou três vez por semana, vá pra Caririaçu que nem nós ia, vá pra Barbalha, vá pra Missão Velha, por que vocês tem condição”. Roberto, presta atenção! Até os cinquenta anos, a pessoa é uma pessoa, depois de cinquenta anos ele volta a criança de novo. Nós não tem mais os brilho nos nossos olhos que nem nós tinha, nós não tem mais a dentadura que nem nós tinha, nós não aceita dente suposto, pra ter a boca bonita sabendo que não foi Deus que consentiu. Olhe, quando a pessoa fica velho vai perdendo o apetite da comida, perde o jeito de andar no mundo sem vista. Me tire desse óculos pra ver pra onde eu vou. Ai nós já não pode comer uns taco de carne assada no mei das estrada que nem nós comia. Não pode mais enfrentar o mundo. Então eles chama nós pra que? Pra subir a ladeira do Horto? Nós sobe já pra morrer! Ai eu disse: “Olhe, o senhor vá começando, que nós já estamos findando”. Não é verdade? Agora o que nós não pode findar é isso aqui (pegando no seu rosário). Nós tem que continuar com ele até a hora da morte!¹⁰⁴

Nessa emocionada fala de Dona Josefa aparece outro elemento central para o entendimento da fragmentação contemporânea da irmandade: uma *mudança geracional*. Segundo o sociólogo Karl Mannheim (2006), “a geração não é um grupo concreto no sentido de uma comunidade, isto é, um grupo que não pode existir sem os seus membros terem um conhecimento concreto uns dos outros, e que cessa de existir como uma unidade mental e espiritual assim que é abolida a proximidade física” (MANNHEIM, 2006, p.69).

Existe, portanto, algo além do próprio sentido de *comunidade* que se esfacela. Existe uma mudança que afeta os costumes, os modos de viver e sentir o mundo. A dor da idade, ainda que seja importante, não é, em minha análise, o componente definidor dessa resistência dos antigos seguidores às novas regras do penitente Israel. Penso que existe também uma nítida discordância de interpretações sobre a “forma mais correta” de seguir com a penitência.

¹⁰⁴ Entrevista concedida no dia 29 de Fevereiro de 2016.

Dona Josefa tenta legitimizar a sua fala a partir do seu *espaço de experiência*. Ela informa que viveu os tempos de “compadre Zé e compadre Manoel” e que as regras eram “muito diferentes” daquelas sugeridas a partir do novo penitente. Considero, portanto, que a disputa pela memória do grupo está no cerne dessa questão. Ao assumir o controle das regras e, conseqüentemente, da interpretação da memória, o choque entre as *gerações* fica cada vez mais evidente.

Mesmo que exista uma regulação severa sobre a entrada dos elementos *modernos* no grupo, essas características são absorvidas e reelaboradas tanto pelo penitente Israel como pelas seguidoras. As diferentes interpretações sobre essa reelaboração das regras é que tornam o debate tão acirrado.

Ao descer e subir as ruas movimentadas de Juazeiro do Norte o penitente Israel esbarra com autôfalantes que anunciam os produtos da moda, com computadores que podem pesquisar com rapidez os livros que ele tanto deseja ler e conhecer, com pessoas que, ao conversar com ele, plantam a semente da dúvida dentro de uma mente já tão inquieta pelas “feridas” que o conhecimento da filosofia lhe causou.

Toda essa vivência cotidiana de um penitente de 22 anos é transportada para a sua prática religiosa. Mesmo que a dura disciplina das regras da penitência barrem várias dessas “tentações”, existem algumas que são absorvidas, ao que parece, quase que imperceptivelmente pela mente sagaz desse penitente. O próprio contato dele com membros da Igreja dita “oficial” faz com que as suas práticas sejam repensadas e modificadas. O resultado desse emaranhado de influências é uma prática que une o rigor das leituras místicas herdadas pelos antigos mestres, mas também o desejo de mudança que o *seu tempo* impõe com gritos lancinantes e que paradoxalmente parecem soar tão silenciosamente nas práticas do grupo.

Roberto Viana: Israel, caso você fosse um Mestre da penitência, que por enquanto você me disse que não quer (risos), o que você mudaria?

Israel Aves de Jesus: Primeiro, o regulamento de receber dinheiro em doativo e caridade. Não assim por acúmulo de bem e riqueza. Não! Mas para auxiliar no cotidiano, de cada dia, que poderia precisar e, por falta de dinheiro, não se pode ir em busca, não se pode procurar a ter. Segundo, por exemplo, poder se cortar, se pudesse. A sua fisionomia. Porque os penitentes têm um regulamento de deixar o cabelo comprido, de deixar o cabelo crescer e a barba por desprezo e negação de si próprio. Ai então eu imagino o seguinte: que aqueles que quisessem ficar de barba e com o cabelo comprido por penitência, por desprezo a si próprio e mortificação, ficasse. Aqueles que não quisessem também não tinha problema, pois era da vontade deles. E o terceiro sobre o casamento, a respeito da castidade. Aqueles que fossem

capacitados e vocacionados a viver na castidade era aceito. Mas aqueles que não fossem e por acaso não quisesse, e até mesmo os casos que têm desejo de entrar mas muitas vezes sentem até receio de imaginar que não vai poder suportar viver dessa maneira não entram. Ai então moderar mais, modificar mais um pouco essa regra e dar uma maior compreensão sobre o que ela confere a alma de cada um.¹⁰⁵

As regras do penitente Israel concentram-se em duas frentes (aparentemente paradoxais): de um lado a rigidez ritualística e penitencial influenciada pela leitura dos livros de piedade que ele herdou e de outro o desejo pela flexibilização de muitos aspectos da crença anterior que inviabilizavam a maior entrada de membros ao grupo. Nenhuma dessas duas frentes agradava os mais antigos. São mudanças profundas que operariam uma transformação significativa em uma crença, um modo de vivenciar a experiência religiosa, que foi construída lentamente e já estava enraizada na mente e nos corpos dos mais antigos.

Embora muitos dos desejos do penitente Israel tenham se materializado em novas práticas, várias mudanças ainda aguardam o momento mais adequado para a sua execução. Enquanto isso, existe uma questão mais urgente que preocupa Israel e sua família: a manutenção do que já existe e está firmado, daquilo que, mesmo com a força da modernidade e suas transformações, ainda se realiza na contemporaneidade.

Além dos já citados exemplos ritualísticos como as *renovações* e o *hasteamento das bandeiras marianas*, a família do penitente Israel tomou para si a função de conservar várias das antigas relíquias do grupo que, caso não houvesse a intervenção dessas pessoas, teriam sido perdidas.

A maioria das *reliquias* estava na casa onde Mestre José morou. Esta casa, logo após a sua morte, funcionou como um *espaço sagrado* para os PPP sendo chamado algumas vezes de “tribunal da Justiça”. Entretanto, uma disputa judicial¹⁰⁶ que envolveu os filhos/herdeiros do primeiro líder fez com que a casa passasse para a mão de pessoas que não estavam mais ligadas aos antigos costumes da penitência.

Antes que as *reliquias* do grupo (as primeiras bandeiras, os livros antigos, a cama do mestre José, o “retrato de Mamãe Anja”, os santos da parede e os pequenos oratórios) fossem destruídos, a família do penitente Israel pediu para que esses objetos ficassem em sua casa. Não havendo impedimento por parte dos herdeiros, as *reliquias* do grupo foram transpostas para a casa do penitente Israel e lá formam hoje uma espécie de pequeno *templo/museu* aonde,

¹⁰⁵ Entrevista realizada no dia 08 de Março de 2017.

¹⁰⁶ Não tive acesso ao processo Judicial, entretanto, pude conferir que a casa do antigo Mestre havia sido reformada e os objetos haviam sido retirados da mesma. As informações sobre essa questão me foram concedidas em entrevistas não formais, portanto, guardo-me em transcrever aqui apenas o resultado, para o grupo, desse processo: a destruição da antiga casa de Mestre José.

mesmo com ideias díspares, muitos dos seguidores vão à busca dessa aproximação com os antigos símbolos sagrados.

As relíquias do grupo ficaram dispostas na *sala do santo* da casa do penitente Israel. Para uma pessoa do “mundo profano” adentrar àquele espaço, se faz necessário que ela também entre um pouco dentro do universo sagrado que aquela família vive. Na primeira vez que entrei na *sala do santo* da casa do penitente Israel fui imediatamente advertido: “Seu celular está desligado?”. Após desligar o aparelho celular tive que ir “aos pés do santo”, ou seja, me ajoelhar diante das imagens do *coração de Jesus* e do *coração de Maria* e fazer o sinal da cruz completo (que eu desconhecia). Após esse ritual é que poderíamos nos dirigir para a parte do fora da casa para iniciar uma entrevista.

Com o passar do tempo eu fui tendo cada vez mais acesso aos antigos materiais que a família resgatou da casa de Mestre José. Foram nessas ocasiões que pude analisar com maior profundidade a relação do grupo, desde Mestre José, com uma cultura escrita e com um conjunto de símbolos que me remetiam para várias temporalidades.

As ações do penitente Israel e de sua família de certa forma *institucionalizaram*, ou seja, elaboraram uma organização mais formal, típica das instituições do tempo em que estão inseridos, para com as práticas, lugares e ritos da antiga irmandade. Considero que as atividades desempenhadas por essa família foram essenciais para a manutenção das antigas crenças do grupo, moldadas através dos olhares e vivências de cada um, no *tempo presente*

Paralela a essas transformações encabeçadas por Sr. Francisco, Dona Maria, Isabel, Isaac e o penitente Israel está também a ação “quase solitária” do penitente João José Aves de Jesus, meu primeiro “elo de ligação” com o “encantado dessa irmandade”.



Imagem 12: Da esquerda para a direita: Isabel, Dona Maria, penitente Israel, Sr. Francisco e Isaac.

3.2 – João José e a sua caminhada “quase” solitária

À medida que a pesquisa de campo direcionava-se mais à casa do penitente Israel e também ao “grupo das Mulheres”, as minhas visitas ao penitente João José e a sua “Casa da Missão” tornaram-se mais raras. Certo dia estava em minha casa, quando ouvi uma voz firme que vinha da rua: “louvado seja nosso senhor Jesus Cristo!”. Era o penitente João José. Trajando as suas roupas características, trazia pendurado ao braço um grande “balaio” onde guardava imagens de santos, exemplares da Missão Abreviada e vários folhetos que ele havia produzido.

“O rapaz se esqueceu da Missão”? Perguntava ele com o olhar severo. Desconcertado, tentei lhe explicar que a pesquisa estava se encaminhando para o fim e que eu estava também visitando a casa de outros penitentes. Espantou-me o fato de ele saber onde eu morava. Eu não recordava de ter dado meu endereço àquele senhor. Foi então que lembrei: ao adquirir um exemplar da Missão Abreviada, o penitente anotava com detalhes o endereço do

comprador. A venda daquele livro para o penitente não representava apenas uma transação comercial. Representava uma missão espiritual.

Alguns meses depois voltei a visitar o penitente João José e o encontrei concentrado na análise de vários cadernos dispostos em cima de uma mesa. Eram os “cadernos da Missão”. Uma espécie de planejamento elaborado pelo penitente que o orientava nas visitas e peregrinações diárias que ele deveria fazer. Entre esses locais, um não podia ser deixado de lado: “A Igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores”. Esse templo tornou-se além de um espaço de peregrinação e devoção, um espaço de *pregação* para o penitente.

Na trajetória do penitente João José, a *pregação* ganhou uma força central. Para ele não basta assistir a missa e rezar o rosário, como fazia a família do penitente Israel. Para João José era preciso, além disso, informar as pessoas da Igreja que elas estavam seguindo um “caminho equivocado”, que elas deveriam “voltar para a Missão”. Em uma entrevista de 2014, o penitente já me afirmava:

Roberto Viana: O senhor acha que hoje a igreja católica está seguindo a missão como era para seguir? Aquele livro que o senhor me entregou?

João José Aves de Jesus: Tá não senhor! Eu tô mandando pra dentro dela agora, viu? Deus tá chamando como Noé pregou cem anos, você já leu isso aqui já? E eu tô aqui é pra aprender com vocês também. Eu vim aqui pra isso também. Eu não sou daqueles de dizer: eu já sei e não preciso mais de ninguém na minha frente. Eu digo assim: eu sei por que Jesus me ensinou e eu não lia, não sabia, não sei de nada. Mas se Deus me ensina, como ensina a todos. Por que eu quero aprender com meu pai do céu e ele tá me ensinando e eu tô aprendendo mas eu quero aprender muito mais com meus irmãos maior e mais confiante. Nunca diga que é um doutor formado e que não precisa de mais sabedoria.¹⁰⁷

O sentido da *pregação* de João José estava intrinsecamente ligado ao desejo de uma renovação dentro da Igreja Católica e da partilha do seu saber com a *comunidade cristã*. Analiso, inclusive, que esse desejo é muito mais evidente em suas narrativas do que nos relatos dos demais PPP. João José faz uma *pregação* que os demais membros do grupo não ousam realizar: após o término da Missa, mesmo sem autorização do pároco, João José inicia um forte sermão de conteúdo profético e apocalíptico.

Existem narrativas dos PPP que contam, inclusive, que além do desejo de renovar a Missão Abreviada, um dos motivos que fez o penitente João José se afastar da primeira formação do grupo quando o Mestre José ainda estava vivo foi a sua insistência em “pregar

¹⁰⁷ Entrevista do dia 19 de Março de 2014.

em público”. O ato de fazer “pregação pública” só era realizado pelo antigo Mestre, fora da Igreja e em momentos especiais. João José discordava disso.

O fato de “fazer pregação pública” afasta esse penitente do núcleo da família de Israel Aves de Jesus e o fato dele “fazer comércio” deslegitima a sua identidade de penitente perante “As Mulheres”, como afirma Dona Virgínia:

Dona Virgínia: Joca foi da penitência, mas depois ele foi negociar. Ele vende “Missão”, ele produz “Missão”, vende rosário, vende quadro de santo, então os penitentes legítimo não negocia. Não compra, não vende, não pega em dinheiro, não recebe dinheiro.

Roberto Viana: E ele faz isso...

Dona Virgínia: Faz tudo.

Roberto Viana: A senhora acha isso certo ou errado?

Dona Virginia: Tá certo, por que foi o que ele seguiu né? Se ele seguiu ele vai ganhar por que ele faz muita caridade. Só em ele botar um rosário no seu pescoço pra você ser reconhecido na outra vida como um romeiro da mãe de Deus já é muita coisa¹⁰⁸

Destaco novamente essa fala de Dona Virgínia para reforçar que, apesar das divergências que levaram a fragmentação do grupo, ainda existem elos de ligação entre essas pessoas. Mesmo que Dona Virgínia não considere o modelo de vida de João José como sendo de um penitente, ela reconhece a sua importância enquanto agente propagador do “modelo antigo” de fé que ela também professa. A *crença* perpassa quase invisível pelas diferenças.

Sem o apoio nem de um núcleo, nem de outro, o penitente João José desenvolve uma atividade “quase” solitária. Segundo esse senhor, ainda que as pessoas não o procurem com frequência, ele reconhece que existem “muitos que pensam como ele”, e chegou a afirmar o seguinte:

Roberto Viana: E hoje aqui no Juazeiro, o senhor sabe dizer quantos penitentes tem nesse grupo aqui do Juazeiro?

João José Aves de Jesus: Hoje, pra eu contar esses penitentes do Juazeiro hoje, pode ter certeza disso, se fosse o papa de Roma viesse a Juazeiro fazer essa pergunta dos penitentes para eu dar o conhecimento aqui do Juazeiro, eu ia dizer sabe o que? Eu ia dizer assim: “Pontífice, vamos seguir a missão do padre Cícero que vem lá de Jesus” e ai, dizendo assim eu já estou presente nas iniciais dos Penitentes Públicos de profissão de fé.¹⁰⁹

¹⁰⁸ Entrevista realizada no dia 07 de Julho de 2015.

¹⁰⁹ Entrevista realizada no dia 19 de Março de 2014.

O penitente considera, portanto, que mais importante que a formação de um grupo institucionalizado, é a forma identitária que ele assume enquanto penitente: a *penitência pública*. Em outro momento dessa mesma entrevista João José afirma:

João José Aves de Jesus: E eu vou dizer que essa Missão não vale na minha mão e na sua? Vale! Vale na minha mão e na sua, vale para todos os padres, para todos os bispos, para todos os missionários, e para todos os Papas de Roma! Para todos os beatos, para todos os penitentes! E para todos os agricultores da roça, também para todos os doutores engenheiros que seja cultivador, fazendeiro, industrial, comerciante, empresário, o que for. A Missão serve pra todos. Serve pra tenente, major, coronel, delegado, juiz de direito, prefeito, e governo estadual, e senador e deputado, para todos os presidentes dos 25 país. A Missão serve é pra tudo. E o que pensar que Missão não vai servir, Deus vai fazer assim (fazendo um gesto com a mão como se fosse afastar algo de perto dele). Deus vai fazer assim. E como fizeram com ele na cruz ele vai fazer com nós agora. Mas ele não vai fazer com nós não é na covardia como nós fizemos com ele não. Ele vai fazer com nós é como um bom pai de misericórdia com essas pessoas que vivem sofrendo. Tanto sofrimento que fizeram com Jesus... mas agora sem sofrimento, sem dor, sem sacrifício. Entendeu meu filho? Agora vai depender de cada um de nós. Trabalhar pra se salvar por que se se interessar eu, você e nós todos pela salvação não pense que Bíblia sem doutrina, sem leis, sem religião, sem mandamento da lei de Deus e da Igreja, sem sacramento da lei divina, não pense que Bíblia vai salvar ninguém não. O que vai salvar nós é a Missão.¹¹⁰

O penitente ratifica, portanto, o sentido da penitência pública: o da *conversão*. O grande desejo desse senhor é o de converter o maior número de pessoas para os caminhos que a Missão Abreviada ensinou. Em sua interpretação, por mais que ele esteja solitário diante do grupo que colaborou para a sua formação, ele está cercado dos atentos ouvintes das suas pregações e, mais forte ainda, da *crença* que o move.

Michel de Certeau, ao analisar “uma figura histórica da mística cristã”, ou seja, as trajetórias, desdobramentos e personagens místicos entre os séculos XVI e XVII em seu livro *A fábula Mística*,¹¹¹ discorre sobre duas questões que considero importantes para pensar a atividade da *pregação pública* tão valiosa para o penitente João José: as *maneiras de falar* e o “*conversar*”¹¹².

Ao tratar das *maneiras de falar*, Certeau analisa as transformações no “modo de falar das coisas espirituais” (CERTEAU, 2015, p. 179) entre os místicos do século XVI e XVII dando destaque à forma como a mística transforma-se em uma linguagem. É evidente que o

¹¹⁰ Entrevista 19 de Março, *idem*.

¹¹¹ Ver: CERTEAU, Michel de. **A Fábula Mística: Séculos XVI e XVII**. Rio de Janeiro: Forense, 2015. 1 v. Tradução: Abner Chiquieri.

¹¹² Capítulos 4 e 5, respectivamente.

historiador analisou as formas *escritas* dessa linguagem através dos textos de um conjunto de místicos que ele selecionou¹¹³. Entretanto, o próprio Certeau considera que:

Essas “maneiras de falar” contam a luta dos místicos com a língua. Mais precisamente, elas são os vestígios dessa luta. [...] Reunidas em uma ciência e, mais tarde, museografadas [*sic*] em dicionários, mas também recolhidas e levadas (como cicatrizes) pela memória incansável que é a própria língua, essas formas de estilo são primeiramente efeito de *operações* que ligam conjunturas históricas a práticas linguísticas (CERTEAU, 2015, p.181).

Considero, levando em conta esses argumentos, que a prática de *pregação* de João José também está eivada de uma relação íntima com uma linguagem reelaborada a partir de “conjunturas históricas e práticas linguísticas”, tal como afirmou Certeau. Apesar de não se tratar de uma produção *escrita*, a *pregação* de João José desenvolve-se também a partir de uma complexa relação entre a tradição que ele absorveu, os livros que ele leu e ao tempo que ele vive. Nesse sentido, tal como Certeau observa nos místicos que ele analisou, João José carrega outra importante característica, pois, segundo ele, “o falar místico é fundamentalmente *tradutor*”:

O tradutor, que exerce também, algumas vezes, o ofício de impressor ou de chefe, é um operador de diferenciação. Como o etnólogo, ele coloca em ação uma região estrangeira, mesmo se é para adaptá-la deixando-o confundir sua linguagem. Ele fabrica o outro, mas em um campo que não é mais o seu e onde ele não tem nenhum direito de autor. Ele produz, mas sem lugar próprio, nesse entre-dois, nessa barra onde línguas rolam sobre elas mesmas encontrando-se. O copista e o tradutor têm a mesma resistência, com toda energia, mas o primeiro, de uma narrativa contemplativa, em um rito de identificação; o segundo, de maneira mais ética, em uma produção de alteridade (CERTEAU, 2015, p. 189).

A *tradução* empregada por João José não está inserida no esforço de apresentar uma versão de um texto de idioma estrangeiro. No caso do penitente, a linguagem a ser traduzida é outra: uma forma de expressão mística que, segundo o penitente, já foi há muito tempo esquecida pelos devotos. A *tradução* empregada por João José vai além de uma *tradução* linguística, ele tenta traduzir o tempo.

Observei esse mesmo elemento *tradutor* no primeiro líder da penitência, Mestre José, no entanto, a partir dos indícios recolhidos nas falas dos PPP e nas pesquisas anteriores, percebo que a *pregação* de João José diferencia-se sutilmente da do primeiro líder por seu

¹¹³ San Juan de La Cruz, Santa Tereza de Ávila, Suran e Labadie, por exemplo.

caráter de enfrentamento e reconstrução narrativa que implicam na construção de um projeto que visava incluir de forma mais enfática a sua crença dentro da instituição Católica.

Ao afirmar isso me refiro a própria negociação de João José com os elementos da modernidade (gráfica, dinheiro) no intuito de que a *tradução* que ele fez, disposta na “Missão Abreviada” que ele reeditou, nos livros de santos, nas capas e textos que ele escreveu, estejam tanto nas mãos dos fieis quanto dentro da própria Igreja. Falando sobre a “renovação” da Missão Abreviada, João José afirmou o seguinte:

João José Aves de Jesus: No conhecimento dele [Mestre José] não foi renovada com papel e tinta, só um livro velho como esse que eu tava aqui na mão. Mas da mão dele para a minha a Missão está renovada hoje aqui na sua mão. E na mão de Padre Murilo na matriz de Nossa Senhora. E também está na mão do conhecimento do bispo do Crato. Eu tenho certeza disso ai. E não precisa eu apresentar a outros padres mais. E nem mais a ninguém por que padre e bispo já sentou aqui nesse banco que você está sentado ai em busca da Missão.¹¹⁴

Para explicar as suas teses a “padres e bispos” como também para “agricultores da roça, também para todos os doutores engenheiros que seja cultivador, fazendeiro, industrial, comerciante, empresário, o que for”, João José teve que aproxima-se de outro elemento também discutido por Certeau: o “*conversar*”: “Sua questão concerne essencialmente à relação. Ela questiona uma teoria e uma pragmática da *comunicação*. A mística é o anti Babel [*sic*]; é a busca de um falar comum depois da fratura, a invenção de uma língua ‘de Deus’ ou ‘do Anjos’, que atenua a disseminação das línguas humanas” (CERTEAU, 2015, p. 249).

Ainda segundo Certeau, a comunicação mística (*colloquium*) estabelece uma relação entre o “falar e o ouvir”, a *enunciação*:

Em outros termos, a enunciação se distingue do ordenamento objetivo dos enunciados. Donde a importância assumida pela instauração desse novo lugar que é o eu, pelas operações de trocas (*espirituais*) que dão início à comunicação sobre a questão do sujeito, e por todos os procedimentos, retóricos ou poéticos, susceptíveis de organizar um campo próprio de alocação. O que se chama “experiência” conota esse campo, distinguindo-o dos saberes constituídos. No momento em que um espaço “utópico”, instituído nas margens de uma realidade histórica tornada ilegível, oferece a uma razão nova o não lugar onde exercer sua capacidade de produzir um mundo como texto e de fazer do próprio texto a gênese de um mundo, instaura-se ao lado dos saberes de um espaço místico, ele também atópico, mas criado pelo movimento que o desejo do outro provoca na linguagem, isto é, pela reviravolta que esvazia os enunciados a fim de abrir ai a questão prévia do *colloquium* (CERTEAU, 2015, p. 255-256).

¹¹⁴ Entrevista 19 de Março, *idem*.

A Igreja da Matriz, o cemitério do Socorro, as ruas de Juazeiro, os “25 países”: o *colloquium/pregação*, de João José sempre encontra ouvidos atentos. Seja por espanto diante de um estilo de vida pouco comum na cidade, ou pelo interesse que as imagens e “profecias” enunciadas por esse penitente geram, existem sempre pessoas a intervir e fazer da caminhada de João José um percurso menos solitário.

Acredito ter apresentado ao longo dos capítulos alguns dos principais temas proferidos nas pregações desse penitente: o rosário da “mãe de Deus”, o padre Cícero, a Missão Abreviada e o *fim dos tempos*. Entretanto, gostaria de retornar para o último desses temas, pois analiso que a crença no *fim do mundo* apregoada pelo penitente ainda guarda algumas surpresas e conexões temporais que considero importantes para o exercício da compressão história da vivência dessas crenças na contemporaneidade.

Na primeira entrevista que realizei com esse penitente, no ano de 2012, lhe perguntei sobre o fim do mundo e o significado do texto “A Machadinha de Noé” para ele. Eis a sua resposta:

Roberto Viana: O senhor acha que o mundo vai acabar igual está dizendo na Machadinha de Noé?

João José Aves de Jesus: Ele vai sim. Ele já acabou a primeira vez? Então ele acabou por que... o antigo testamento começou com adão e Eva, e terminou com Noé. Quer dizer, quatro mil anos de existência, de geração, crescendo e multiplicando as famílias. Quer dizer, ai vão se desviando da missão sem querer assumir os compromissos com deus, dentro dos mandamentos, ai seguindo um mundo de pecado, de ilusão, que nem tá hoje. Então Deus quando viu os atrevimento da geração, desobedecendo a ordem de deus, para obedecer a ordem da serpente. E ai deus quando viu isso, disse: ai eu vou mandar um aviso para os meus filhos que somos nós né? A geração toda né? Não somos filhos de deus? Deus não é nosso pai? Ai Deus disse assim ó: eu vou mandar um aviso para os meus filhos, para minha família, eu vou mandar um aviso para eles. Eles tão tudo errado. Tô procurando eles ligados na minha pessoa e não tô encontrando. Tão é se ligando numa fera, num dragão que se chama serpente. E eu vou dar um aviso a eles para que eles saiam, desencarnem esse satanás. Dessa serpente, desse dragão. E se liguem na minha missão e nos meus mandamentos. Ai chamou Noé, “vem cá Noé meu fi”. Quando Noé veio: “senhor meu pai”; deus: “vou mandar um aviso pra teus irmãos. Tu vai dar meu aviso?” Noé: “vou meu pai, o senhor não está mandando?”. Ai Deus disse: “diga lá aos seus irmãos que se desliguem do pecado, se desliguem da serpente, e escutem a minha voz, e vamos seguir minha missão, vamos seguir meus mandamentos e a minha devoção”¹¹⁵

¹¹⁵ Entrevista realizada no dia 02 de Novembro de 2012.

É notável o emaranhado de referências proporcionadas pela narrativa de João José. A construção da fala do penitente organiza uma explicação que, apesar de severa, ainda fornece uma esperança para aqueles e aquelas que desejem se desviar dos “caminhos da serpente”: A “Machadinha de Noé” é o aviso do padre Cícero sobre o fim dos tempos e a Missão Abreviada é o manual que deve ser seguido para a espera da vinda do Messias. É importante lembrar que o sentido apocalíptico destacado pelo penitente não se refere simplesmente a uma destruição do mundo. Refere-se à restauração de uma *ordem* de um *tempo perfeito*, muito próximo das concepções *messiânico/milenaristas* que embasaram os movimentos *sociorreligiosos* do século XIX e início do século XX do Nordeste brasileiro.

Segundo Ana Christina Carvalho, existe uma “chave interpretativa” que serve de elo entre as diversas interpretações sobre os conceitos de *messianismo* e *milenarismo* e que se assemelham as práticas dos PPP: O apocalipse de São João. Citando o historiador Jean Delumeau, a socióloga complementa:

Tendo a crença no reino messiânico derivado dos meios judaicos ao cristianismo, é o Apocalipse de São João (20 1-15) que fixa de maneira definitiva a duração desse reinado de mil anos. O autor, com efeito, vê um anjo descer do céu e aprisionar o dragão por ‘mil anos’. Então os mártires e todos que se recusaram a adorar a Besta e sua imagem voltaram a viver e reinaram com Cristo por mil anos. Esta é a primeira ressurreição. (...) Os outros não puderam retornar a vida antes de se completar os mil anos. (...) transcorridos os mil anos, Satã, solto da prisão, sairá a seduzir as nações. Logo acontecerão a última batalha antes da ressurreição – a de todos os mortos – e o julgamento geral. Essa passagem do Apocalipse é a que conjuga messianismo e milenarismo. (DELUMEAU,1997, p.22 *apud* CARVALHO,2011, p.58)

É interessante pensar como o penitente João José constrói essa ideia da *ordem* após o retorno do Messias (que ora é Jesus, ora é o padre Cícero). Em uma entrevista do dia 07 de Julho de 2015, o penitente comentou o seguinte:

João José Aves de Jesus: Eu tenho certeza que Deus quer salvar também todos os presidente da república do mundo todo. É como se fosse pra resumir tudo em uma ordem só: Dom Pedro I e Dom Pedro II! Pois eu resumia tudo em uma ordem só! E nem o presidente perdia a moral dele, nem o senador, nem o governo municipal e estadual.

Roberto Viana: O senhor acha que o certo então é voltar pra Dom Pedro I e Dom Pedro II?

João José Aves de Jesus: Eu digo porque Dom Pedro I e Dom Pedro II não apoiou no governo dele filho matando pai, mãe matando filho, marido

matando mulher, mulher matando marido, irmão matar irmão, governo contra governo, nação contra nação, não! No governo deles não tinha isso não.¹¹⁶

Assim como em outros momentos, recorro aqui a tradições e narrativas semelhantes a do penitente João José para tentar compreender de que forma o desejo pela instauração de um tempo sagrado liga-se a elementos como a volta da Monarquia.

Esse foi um desejo recorrente em alguns dos movimentos *sociorreligiosos* muito mais antigos citados anteriormente (como é o caso de Canudos e Pau de Colher) como também em outro grupo já contemporâneo de penitentes da região do Cariri: os Penitentes do Sítio Cabeceiras na cidade de Barbalha-Ceará. A historiadora Patrícia Alcântara¹¹⁷, ao estudar esse complexo desejo, percebe a íntima relação das narrativas de Joaquim Mulato, Mestre do grupo que ela estudou, com elementos que remontam ao mito *sebastianista*, popular no Nordeste brasileiro pelo menos desde o período colonial.

Ao analisar as “sobrevivências” da crença *sebastianista* no movimento da “sedição do Rodeador” (1817 – 1820), a historiadora Jaqueline Hermann assim se posiciona sobre o tema:

O caráter messiânico do movimento e a expectativa em torno da volta de d. Sebastião filiam-no, de maneira inequívoca, ao sebastianismo, surgido em Portugal depois do desaparecimento do rei d. Sebastião, na fatídica batalha de Alcácer Quibir, em 1578. É ao mesmo tempo espantosa e desafiadora a sobrevivência da crença sabástica no sertão pernambucano, mais de três séculos depois, sobretudo por suas características peculiares, quando confrontadas com outras manifestações sebastianistas já conhecidas. Tecida a partir da falta de notícia sobre o desfecho do embate, a expectativa sobre a volta de parentes, filhos e maridos certamente colaborou, naquela época, para o surgimento de uma crença, difusa e razoavelmente generalizada no reino, de que o rei, que liderara o exército nas areias do Marrocos, ainda estaria vivo e voltaria para restabelecer a ordem e a glória da dinastia de Avis (HERMANN, 2001, p. 134).

Os *indícios* apresentados tanto nas construções sobre o *milénarismo* apontados por Carvalho (2011), quanto as reminiscências de um desejo pela volta da monarquia em um grupo de penitentes no Cariri cearense apontadas por Bezerra (2010) e ainda a reveladora análise de Hermann (2001) sobre a “sobrevivência” do *sebastianismo* no sertão pernambucano colonial, apontam para um possível caminho de construção da crença do penitente João José.

¹¹⁶ Entrevista do dia 07 de Julho de 2015.

¹¹⁷ BEZERRA, Cícera Patrícia Alcântara. **Outras histórias: memórias e narrativas da Irmandade da Cruz Barbalha/CE**, Recife, 2010. (dissertação de Mestrado em História). Ver especialmente páginas: 153 – 156.

A espera por esses “mil anos de felicidade” que trariam a ordem a partir da volta de um governo monárquico em que não vai mais existir “filho matando pai, mãe matando filho, marido matando mulher, mulher matando marido, irmão matar irmão”, impulsionou a pregação de João José e também todo o seu projeto renovador.

Na “Casa da Missão” de João José estão pendurados, entre quadros de santos e oratórios, as imagens dos dois antigos monarcas, D. Pedro I e D. Pedro II. Nesse “universo particular” construído por João José ele transporta-se para o tempo perfeito. Lá, mergulhado nos seus livros e “diários da penitência”, ele aguarda ansioso o dia em que todo o mundo contemplará os anos de “ordem” que virão no dia da “volta do Messias”.



Imagem 13: Imagens de D. Pedro I e D. Pedro II na casa de João José (respectivamente).

É interessante perceber como a imagem do último monarca brasileiro, D. Pedro II, não é a corriqueira imagem do homem velho e barbudo que se popularizou nos livros didáticos ou nos panfletos da época que falavam de um governo caduco que estava chegando ao fim. A imagem do último imperador é a de Pedro de Alcântara, o jovem que governaria por mais de meio século o Brasil. Talvez esse seja um indício de que o desejo pela volta da monarquia não esteja velho e barbudo como nas imagens corriqueiras, mas jovem e cheio de esperanças como demonstra a inocente face de Pedro de Alcântara.

Enquanto o dia esperado não chega, João José calça suas alparcatas, segura a cesta da penitência em seus braços, coloca o chapéu de palha e sai pelas ruas de Juazeiro do Norte “louvando o nome de Deus” e espalhando a sua “Missão”. Talvez algum jovem curioso o pare no meio de uma de suas pregações e queira saber mais sobre aquele curioso livro preto que ele

carrega com força ou ainda se existem outras e outros que vivem como ele. Esse jovem será arrebatado para um mundo em que a cidade vive além do concreto e do asfalto. Eles não estarão sozinhos.

3.2 – Os PPP através das lentes femininas.

Logo após conhecer o penitente João José e começar a investigar os “caminhos dos PPP” uma cobrança interna me incomodava: Onde estão as “Marias Aves de Jesus”? A minha única fonte inicial de conhecimento sobre a irmandade era o penitente João José e a literatura acadêmica sobre o tema. João José não conseguia apontar, de forma compreensível para mim, uma informação mais direta sobre esse tema, e as informações acadêmicas, apesar de discutirem o problema, não me apontavam indícios para encontrar remanescentes femininos dessa irmandade.

Tentei algumas vezes conversar com a esposa do penitente João José, mas, assim que eu chegava para a visita, ela me cumprimentava amistosamente e recolhia-se para outro cômodo da casa, deixando eu e João José a sós.

Incomodado com essa situação, expandi a pesquisa de campo para a vizinhança em busca de outras pessoas que experimentassem um modelo de vida semelhante ao do penitente João José. Nessa nova caminhada recebi algumas pistas imprecisas até que uma vizinha do penitente me chamou e informou que ela conhecia “umas mulheres” que ainda pareciam muito com os antigos penitentes. Ela me orientou a procurar uma casa “recuada” e pintada de azul e branco, “parecida com a casa de Seu João”.

À medida que me aproximava do local indicado observei de longe três senhoras com panos azuis na cabeça sentadas em frente a uma pequena casa. Ao me aproximar reconheci de imediato os símbolos da antiga irmandade: casa pintada de azul e branco, imagens de santos e oratórios na sala, as mulheres trajadas conforme o antigo costume.

Quando expliquei o motivo da minha inesperada visita àquele local, elas decidiram prontamente conversar sobre a irmandade de penitentes e sobre a relação delas com aquele grupo. O núcleo que chamo de “As mulheres” era composto por Dona Josefa, Dona Virgínia, Dona Marinete e Dona Lia.¹¹⁸

¹¹⁸ Ao longo da pesquisa de campo me deparei com outras mulheres que estabeleciam uma relação com a irmandade, entretanto, considero que esse grupo se relaciona de uma forma diferente com as regras da irmandade e foram essas mulheres as responsáveis por boa parte das informações analisadas ao longo da dissertação. Por esses e outros motivos dediquei esse espaço para refletir sobre as práticas femininas e as relações de poder que existem entre essas mulheres e os demais membros do grupo na contemporaneidade.



Imagem 14: As Mulheres (da esquerda para a direita, de cima para baixo): Dona Marinete, Dona Lia, Dona Virgínia e Dona Josefa (Zefinha)

As narrativas dessas mulheres ajudaram a construir e dar um novo sentido a muitos elementos desse trabalho. Percebi, ao longo da pesquisa de campo, que várias questões apresentadas por essas ávidas narradoras transformaram sobremaneira a história que se conhecia até então sobre a irmandade. Acredito ter sido possível perceber nos capítulos anteriores que foram as falas dessas mulheres muitas vezes as chaves interpretativas para compreender melhor antigas tradições do grupo que emaranhavam-se em um universo de possibilidades.

Farei, portanto, uma discussão sobre a *história das mulheres* dentro do grupo tendo como base tanto as narrativas dessas senhoras como também as pesquisas anteriores sobre a irmandade, especialmente os trabalhos de Campos (2013), Ferreira (2003) e Carvalho (2011). É importante ressaltar que tanto a história das “Marias” quanto à dos “Josés” dessa irmandade está intimamente ligada a um conjunto de elementos místicos femininos que centram-se nas

imagens de Mamãe Anja e também de Nossa Senhora. O estudo dos cultos a essas representações místicas femininas também podem revelar importantes questões sobre os PPP.

3.2.1 – As “*Marias Aves de Jesus*”:

Apesar da autoridade e a legitimidade de explicar o mundo e interpretá-lo estarem centralizadas na pessoa de Mestre José, as decisões referentes ao dia-a-dia e questões rituais são feitas em comum acordo com os homens da irmandade [...] As mulheres e crianças não participam dessas decisões, ou pelo menos não diretamente. Mas se as mulheres são subordinadas a seus maridos e consideradas como tendo menor espiritualidade que os homens em geral, madrinha Regina, entretanto, possui importante papel, se não fundamental, nos rituais conduzidos em sua casa. É ela, mais que Mestre José, quem conduz a maior parte dos rituais e é também quem decide, se assim quiser, a reza ou o bendito a ser cantado e em que ocasiões e momentos dos diversos rituais serão cantados. Mais importante ainda, foi comadre Regina quem decidiu, por ela própria, sem nem se quer pedir consentimento ao marido e líder dos Aves de Jesus, contar-me o segredo do grupo; na verdade, ao isto fazer, contrariava a vontade de Mestre José. [...] De vez em quando ele dizia: “Mulher, tu tá falando demais!”, mas ela apenas ignorava sem qualquer replicar e continuava entusiasmada e confiante com sua narrativa sobre tempos passados e o seu encontro com Nossa Senhora. (CAMPOS, 2013, p. 88, 89 e 90)

A experiência de Campos é valiosa para começarmos a trilhar uma *história das mulheres* dentro do grupo. É bem verdade que existia, assim como apontou Ferreira (2003), uma reverberação do *patriarcalismo* e da autoridade masculina dentro da comunidade de PPP. Entretanto, a partir do excerto de Campos é possível identificar que, apesar das interdições masculinas, algumas mulheres, a exemplo da esposa do Mestre, estabeleceram um papel central para o desenrolar da “trama” que envolve a história desse grupo.

Ainda segundo Campos, Dona Regina de certa forma *mimetizou* a exemplaridade de Maria, a imagem perfeita de mulher para os cristãos católicos. A despeito de muitas outras mulheres não poderem participar da execução de rituais públicos no grupo, Dona Regina destoava da norma e, ainda segundo a antropóloga, conduzia vários rituais em sua casa.

Para além do papel ritualístico e organizacional desempenhado por Dona Regina nos primeiros anos da irmandade, gostaria de salientar que, encontrei alguns elementos surpreendentes de atuações femininas que transcendem a dominação masculina dentro da primeira formação da irmandade e de sua posterior fragmentação. Um dos exemplos mais instigantes é o de Dona Josefa. Segundo essa seguidora, foi ela quem organizou a vinda dos primeiros PPP para Juazeiro do Norte, administrando a formação inicial do grupo. Retomo uma fala dessa senhora em que se evidencia essa questão:

Roberto Viana: Vocês conheceram o mestre José?

Dona Josefa: Conhecemo. Oxente, nós viemo praqui, quando nós chegemo aqui quem primeiro conheceu ele fui eu. Meu povo ficaro lá em Alagoas e eu vim, ai comecei a conhecer ele e já enviei carta pros outro vim, e graças a Deus formou o grupo. Mas Deus foi chamando de um a um, e ficou só os novo.

Roberto Viana: Ha... de Alagoas, né? E o mestre José veio de Alagoas? Veio de onde ele?

Dona Josefa: Pernambuco. Caruaru.

Roberto Viana: Ai veio pra cá e fundou o grupo e depois veio os de Alagoas?

Dona Josefa: Foi, foi... Eu conheci ele sozinho. Só ele e a mulher ¹¹⁹

Considero, tento como base as discussões de Scott (1995) ¹²⁰, que as narrativas/escritas femininas mudam sensivelmente a forma como a história é apresentada. Nas narrativas correntes tanto da bibliografia especializada quanto nos relatos masculinos, o importante papel agregador de Dona Josefa não é sequer mencionado. A sua experiência narrativa releva, portanto, elementos que estavam suprimidos nos relatos correntes sobre a formação da irmandade. Para além das questões que envolvem uma aproximação com elementos sagrados femininos, as mulheres desempenharam papel fundamental na própria constituição prática das atividades do grupo.

Não quero apagar com essa afirmação as perceptíveis diferenças nas práticas dos PPP com relação ao papel do homem e da mulher. Essas relações desiguais existiram. Entretanto, é possível perceber também desvios consideráveis da regra geral estabelecida. A exemplo de Dona Regina, a esposa do Mestre, e de Dona Josefa, uma “simples” seguidora, tantas outras “Marias” tiveram suas experiências suprimidas diante de uma aparente superioridade masculina nos rituais e atividades diárias. No que diz respeito à regra mais geral, existia uma visível diferença de atribuição de papéis entre os homens e as mulheres. Segundo a própria Dona Josefa:

Roberto Viana: A senhora ainda segue?

¹¹⁹ Entrevista 07 de Julho de 2015.

¹²⁰ Ver: SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

Dona Josefa: Segue... Agora não pode andar pra nenhum canto não... Por que mulher não segue que nem os homi não. As mulher fica só em casa obedecendo a ordem, rezando o rosário, vestindo as roupinhas...

(Nesse momento Dona Virgínia chega, elas se cumprimentam, a entrevista para por alguns instantes até que tudo se organize novamente)

Roberto Viana: A senhora acompanha as rezas que sr Joca faz na casa dele ou é separado?

Dona Josefa: É separadin meu filho, por que nós sono tudo doméstica, tudo dona de casa, né? Nós num pode. Ele é homem. Não tem a luta de casa que nós tem, né? O nosso é só cumprir as ordem, rezando o rosário quando puder...

Roberto Viana: A ordem é... rezar o rosário...

Dona Josefa: Rezar o rosário, vestir as roupa azul e branco, só não encarnada [vermelho]. Ai quer dizer que nós mulher não pode pregar que nem Sr Joca não. Por que Sr Joca ele é homi. Né verdade? E nós sono dona de casa. Agora o nosso é só nós cumprir mesmo. A ordem sobre a roupa, sobre não andar conversando palavrão, nós não tem direito de andar com bolsa, pra dança, pra canto nenhum...

Roberto Viana: A senhora também não tem nem vontade?

Dona Josefa: Nunca! Nunca, nunca, nunca, nunca. Nós não sai pra canto nenhum. O canto que nós vai é pra missa.

Roberto Viana: Pra missa?

Dona Josefa: No domingo. No domingo eu dou graças a Deus quando chega pra ir pra missa. Ou então rezar nossa renovação...

A fala de Dona Josefa explicita as diferenças básicas entre a forma “de seguir” dos homens e a forma das mulheres, tanto na primeira formação quanto na atualidade. Muitas das respostas dessa senhora estão calcadas nos elementos patriarcais típicos da sociedade na qual ela está inserida, entretanto, gostaria de destacar que, apesar de todas essas interdições, aconteceram mudanças significativas para a vida das “Marias” desse grupo, especialmente após a morte do primeiro líder, no ano 2000.

Logo após a morte de Mestre José, vários outros membros masculinos da irmandade abandonaram a penitência ou também faleceram. Nesse contexto, a maioria das mulheres ainda continuou na irmandade e tiveram uma maior experiência de longevidade. Essas destemidas seguidoras tiveram, portanto, que desempenhar algumas atividades que outrora eram proibidas a elas. A força de atuação que já existia no início ganha um maior impulso com a situação fragmentada que a comunidade estava se encaminhando. Considero que um

fator importante para pensarmos essa atuação contemporânea das mulheres do antigo grupo é exatamente a ideia por parte dessas de que o grupo, tal qual era no início, não existe mais e que, diante dessa nova configuração, as regras também mudaram.

As detentoras do poder sobre o que teriam sido as “regras” originais do grupo agora são essas mulheres. O conhecimento guardado por essas senhoras é aquilo que existe de mais próximo, segundo elas, ao tempo de Mestre José e Mestre Olício. Por sua proximidade aos tempos de “compadre Zé” (Mestre José) elas ganharam o respeito e algum poder dentro das novas relações sociais dos remanescentes do grupo.

Quando Dona Virgínia afirma, por exemplo, que o penitente João José “já foi da penitência e agora foi negociar”, ou ainda quando Dona Josefa assevera que “acompanhou os tempos de compadre Zé” e as novas regras propostas pela família do penitente Israel são “muito diferentes”, elas se revestem de um novo poder, o da autoridade sobre o passado que legitima o presente.

Demonstrei, no início desse capítulo, a disputa pela memória que existia entre o grupo formado por essas mulheres e o núcleo formado pela casa do penitente Israel e seus seguidores. Em vários momentos, foi possível perceber a força que as narrativas das “antigas seguidoras” carregavam, para os seguidores da contemporaneidade.

Apesar de todo esse poder simbólico, ainda segundo Dona Josefa, as mulheres devem aproximar-se de um modelo de devoção que mescla, paradoxalmente, elementos de obediência e autonomia. A aproximação dessas senhoras a modelos espirituais como o de Nossa Senhora ou o de Mamãe Anja ajudam a reforçar a ideia de uma mescla entre uma atitude mais passiva e de obediência com situações de demonstração de poder.

Analisando, dessa forma, que existe um modelo fundamental para entender a cosmovisão sobre o feminino dentro da irmandade: a devoção a **Maria**. Essa devoção é crucial tanto para os homens como para as mulheres. Entretanto, existe uma tentativa, assim como também observou Campos, de uma aproximação maior ao “modelo de vida mariano” por parte das mulheres.

No âmbito mais geral, as casas dos PPP são pintadas de azul e branco por uma razão: para aproximar-se das cores do “manto sagrado de Maria”. A fita que envolve o retrato de Mamãe Anja (um híbrido da perfeição masculino/feminino) é também azul e um dos momentos mais marcantes para o grupo é o *hasteamento das bandeiras marianas*, realizadas no mês de Maio, dedicado à Maria.

Roberta Campos identificou que existe uma nítida aproximação dos homens ao exemplo de Jesus Cristo, tentando se aproximar do seu sofrimento através do ascetismo e

prática penitencial, e das mulheres ao de Maria, destacando-se sobremaneira o papel da obediência e da pureza espiritual. A “Missão Abreviada”, livro principal das regras do grupo, dedica enorme espaço apenas para falar da devoção Mariana e a forma como ela deve ser executada em cada comunidade com ritos, cânticos e penitências. Na instrução 46, intitulada “sobre a devoção a Maria Santíssima”, o padre Couto afirma:

Todo cristão deve ser verdadeiro e cordial devoto de Maria Santíssima. Esta cordial devoção à mãe de Deus é um remédio eficaz para sair do pecado, e nunca mais retornar a ele; porque Maria Santíssima, como mãe de Deus, tem o poder de pedir a ser filho a favor de quem a invoca; e não só tem poder para pedir, mas até para mandar, diz São Boa Ventura; e mandar com império de mãe ao mesmo Filho que nos perdoe e nos dê a sua graça para servirmos e amarmos. [...] Mas que se deve fazer para ser verdadeiro e cordial devoto de Maria? [...] Deve rezar-lhe todos os dias a sua coroinha, e podendo ser, de joelhos, e meditada; e nos Domingos e dias santos também o seu rosário de quinze mistérios. Deve fazer-lhe pelo menos uma visita todos os dias, recitando alguma oração diante de sua imagem. Deve consagrar-lhe o dia do sábado, jejuando nesse dia em sua honra, podendo e não podendo, pelo menos fazer uma mortificação, como não comer fruta ou guardar o silêncio, não comer fora das horas, trazer cilícios, ou qualquer outra. Também lhe deve consagrar o mês de Maio, fazendo os exercícios que são próprios desse mês (COUTO, 1868, p. 566-569).

Esse é apenas um trecho das muitas “Instruções” que a “Missão Abreviada” dedica à devoção Mariana. No que pude perceber, com relação, especificamente, às regras apresentadas aqui pelo padre Couto, a maioria dos remanescentes da irmandade ainda realizam muitas das práticas apontadas do breviário, especialmente a “reza do rosário” que é um dos elementos de maior uniformidade dentro das diferentes práticas que são executadas pelo grupo na contemporaneidade.

A devoção mariana, que segundo a historiadora Sylvie Barnay ganha uma força particular no medievo¹²¹ é a energia impulsionadora de muitos dos ritos dos PPP. Alguns dos elementos apresentados por essa historiadora no contexto do medievo ainda encontram eco nas ações dos PPP da contemporaneidade:

A partir do fim do século XII, assiste-se à sua coroação ao lado de Cristo, ao mesmo tempo Juiz e Rei. Nos textos, a Virgem é apresentada como advogada dos pecadores e rainha das rainhas. Triunfante, Maria veste um manto azul, que suas mãos abrem para acolher a cristandade na entrada das igrejas, essas portas do paraíso. Os comentadores identificam agora a mulher

¹²¹ Ver: BARNAY, Sylvie. Nossa Senhora. In: CORBIN, Alain (Org.). **História do Cristianismo: para compreender melhor nosso tempo**. São Paulo: Editora Wmf Martins Fontes, 2009. p. 234-238. Tradução de Eduardo Brandão.

coroada com a Mulher do Apocalipse vestida de sol e coroada de estrelas (BARNAY, 2009, p.236).

E sobre a devoção à Maria, a historiadora ainda complementa:

A rainha se apresenta então igualmente como a servidora desse dispositivo. A figura da “serva” dos Evangelhos é posta em relevo nas releituras do texto sagrado. É assim que aparecem, em meados do século XIV, os primeiros “servos e servas de Maria”, sejam eles clérigos ou leigos, por exemplo, a ordem dos servitas de Maria. A Virgem é para eles uma mãe de ternura, na qual seus “filhos” e suas “filhas” encontram uma santidade imitável. A imitação mariana abre, em particular, novos caminhos espirituais para as místicas do início do século XIV, que se descobrem “prenhes do Espírito Santo” e “parem” o Menino Jesus em sua alma, como por exemplo santa Catarina de Siena (BARNAY, *idem*, p. 237).

O historiador Jacques Le Goff, ainda tratando do medievo, destaca a relação paradoxal, que perdurou por muito tempo, e encontra eco nas relações entre o masculino e feminino nos séculos posteriores, da mulher entre “Eva e Maria”, ou seja, entre a disseminadora do pecado e a mulher perfeita, que deve ser o exemplo fundamental a ser seguido.¹²²

A devoção mariana, além da característica da exemplaridade corporificada pelas mulheres, permeia quase todas as cerimônias ritualísticas do grupo. É possível perceber indícios dessa devoção também nas *beatas* que viveram no cariri cearense no século XIX, especialmente aquelas cujos diretores espirituais foram o padre Ibiapina e o padre Cícero. É, inclusive, uma das “beatas do padre Cícero”, Maria de Araújo, a personagem central da trama que envolve o “Milagre da Hóstia”, evento “divisor de águas” para a religiosidade laica no cariri do século XIX e posteriores.

Essas experiências místicas femininas de séculos passados são importantes na medida em que fornecem indícios da crença que as mulheres dessa irmandade absorvem, recriam e reinventam. Soma-se ainda a esse tipo de devoção outros elementos que não necessariamente encontram eco nessa devoção mais institucionalizada, mas que surgem também a partir de outras influências.

Nesse sentido, considero que as práticas de Dona Marinete, outra importante seguidora da irmandade, revelam uma nova camada das devoções cotidianas dessas mulheres. Dona Marinete exerce a função conhecida popularmente em Juazeiro do Norte (e em várias

¹²² Ver: LE GOFF, Jacques ; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. Tradução: Marcos Flaminio Peres.

outras localidades) como *rezadeira*, uma espécie de “curandeira” espiritual que através de rezas e ervas, ajuda a retirar uma série de malefícios e doenças que aflige quem a procura:

Roberto Viana: E esse pessoal que vem procurar Dona Marinete, eles vem pra que? Pra tirar olhado?

Dona Josefa: É, olhado, e outras coisas...

Roberto Viana: E ela sente o que, assim, na hora que tá rezando?

Dona Josefa: Nada, nada... Olhe não é rezada afundada, as palavras são o padre nosso e a ave maria. Nós, meu filho, graças a Deus, só tem medo de pecar contra o pai, o filho e o espírito santo. Mas ai não tem nada de mais, assim, nada!

Roberto Viana: Eu sei. O que eu quero dizer é assim: quando esse pessoal vem pra procurar a senhora pra rezar, a senhora não sente nada assim, quando esse pessoal tá com alguma coisa ruim?

Dona Marinete: Sinto.

Dona Josefa: É, as vez ela sente.

Dona Marinete: Sinto. Agora tem um problema. As rezas é aqui é de olhado, dor de cabeça, vento caído numa criança, peito aberto em homem...

Roberto Viana: O que é peito aberto?

Dona Marinete: Peito aberto é o camarada pegar num peso, e esses osso se afasta um pouquinho. Ai dá dor nas costas... As reza que eu rezo é essa!

Dona Josefa: Mal olhado é assim, as vezes uma pessoa pega em você em um criança, em qualquer um assim, e agente diz assim:

(nesse momento, Dona Josefa começa a recitar uma oração que, em alguns minutos, não foi possível ouvir bem. Transcrevo aqui trechos que ficaram audíveis).

Dona Josefa: Com dois olhos uma pessoa vai botar, com três bom Deus tira, com o poder de Deus e da Virgem Maria, quebranto sai daqui, o poder de Deus é grande, sai daqui. Olho marvado, olho amaldiçoado, inveja dos invejoso, mal do mal, vai pras onda do mar, vai pra onde Deus te levar, deixa fulano ou fulana em paz, em nome do pai do filho e do espírito santo.

Dona Marinete: Do jeito que eu tô aqui eu rezo em quem chegar, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo. Mas é olhado, dor de cabeça, é uma dor de dente. Isso foi um dom que Deus me deu. Eu comecei a rezar com dez anos de idade. Foi um dom que Deus me deu. Agora eu nunca fui na casa de ninguém assim, e nem gosto!¹²³

¹²³ Entrevista realizada no dia 04 de Janeiro de 2017.

As rezas de Dona Marinete são bastante requisitadas. No momento em que estava realizando essa entrevista, que durou apenas quarenta minutos, três pessoas foram procurar essa *rezadeira* para que, através de sua ajuda, alguns males que os atingiam fossem sanados.

Nesse excerto que selecionei é bastante evidente, tanto por parte de Dona Marinete, quanto por parte de Dona Josefa, que existe uma preocupação em eu não confundir a “reza” que elas praticavam com outros rituais, especialmente o que elas chamam de “macumba” ou as “sessões de caboclo”. Essa preocupação, da associação de uma prática de cura a algum tipo de feitiçaria, encontra, por vezes, raízes muito antigas.

As práticas das “mulheres que curam” encontram uma vasta problematização historiográfica que remete às sociedades muito antigas, que no encontro com o cristianismo, especialmente no medievo, geraram resultados inesperados e surpreendentes. Curar malefícios através de rezas, invocação de santos e anjos, chás e uso de ervas não é exclusividade das mulheres desse grupo, nem de Juazeiro, muito menos dessa temporalidade. O historiador italiano Carlo Ginzburg se esforçou no sentido de demonstrar em sua obra *Andarilhos do Bem*, como algumas práticas da religião camponesa da Itália friulana, semelhantes ao que Dona Marinete faz, foram assimiladas à “feitiçaria diabólica” nos séculos XVI e XVII.

O historiador Francisco Régis Lopes Ramos, ao estudar as devoções católicas laicas em Juazeiro do Norte na sua obra *O meio do mundo*, também percebeu a intrincada relação que existia entre as práticas de cura popular e a sua associação à rituais cristãos que evocam santos e anjos. Segundo o historiador:

No imaginário dos que fazem a sacralidade de Juazeiro, não há regras congeladas para a delimitação de fronteiras entre o certo e o errado na manipulação das forças do Além. Aos olhos do Padre Cícero, a questão era bem clara. Um dos objetivos do velho sacerdote era reprimir o *modus vivendi* dos feitiçeiros. Nesse sentido, ele comungava com o pensamento oficial da Igreja: no seu entender, essa prática religiosa não fazia parte do catolicismo e sim das heresias.

Na vida cotidiana dos habitantes de Juazeiro, a (com) fusão de experiências religiosas não permitia uma divisão clara entre o “resador” [*sic*] e o “feitiçeiro”. Diante dos vários campos de manipulação do sagrado, os devotos faziam suas opções, criando um interminável jogo de acordos, querelas e desafetos. No vaivém da memória, nas urdiduras de cada dia, apareciam os mais variados caminhos, que se aproximavam e, ao mesmo tempo, distanciavam-se de ideias instituídas (RAMOS, 2000, p. 200 e 201).

Os rituais empregados por Dona Marinete estão, portanto, envoltos dessas “manipulações do sagrado” que Ramos descreve tão poeticamente. No momento em que os

malefícios dos que procuram Dona Marinete são “jogados nas ondas do mar”, como afirmou Dona Josefa em sua recitação da reza, lá eles se encontram e desencontram com outras tantas tradições que são renegociadas e retransmitidas por uma espécie de “segredo feminino” dentro do núcleo das “Mulheres” remanescentes dos PPP.

O penitente Israel já chegou a me confidenciar que, por diversas vezes, pediu para Dona Marinete lhe ensinar como é que ela fazia aquelas rezas e rituais que ele mesmo já havia presenciado várias vezes. Ela, segundo o penitente, repetia a frase que disse a mim: “isso é um dom Deus, já nasci com ele”. Entretanto, como é possível perceber, as outras mulheres, a exemplo de Dona Josefa, também conhecem partes desse “mistério” que envolve as rezas de Dona Marinete.

Algumas ruas de distância da casa de Dona Marinete, onde as “Mulheres” se reúnem às três horas da tarde, na casa do penitente Israel, uma jovem mulher começa também a ganhar importantes funções dentro do grupo: Isabel, a irmã do penitente Israel.

Essa jovem, de apenas 18 anos, é também uma ávida leitora dos manuais de piedade que seu irmão passa tantas horas concentrado. Muitas vezes, a *leitura coletiva* desses manuais é realizada pela própria Isabel que substitui com maestria o seu irmão. Percebo que ela começa a desenvolver atividades, dentro do núcleo encabeçado pela família do penitente Israel, que seria impossível para uma “Maria Aves de Jesus” realizar anos atrás.

O exemplo mais forte dessa atuação da jovem seguidora foi o dia em que ela celebrou uma *renovação do sagrado coração de Jesus*. O penitente Israel, combalido e entristecido por não conseguir empregar as suas regras para os demais seguidores, passa ao cargo de “celebrante da renovação” para a sua irmã, na tentativa que ela consiga uma aproximação maior entre as antigas seguidoras e o núcleo formado por sua família.

Infelizmente, ainda não pude acompanhar com precisão essa nova atividade que começa a surgir dentro do núcleo dessa família, tendo em vista que é algo extremamente novo. Entretanto, não poderia finalizar esse debate sobre a atuação das mulheres dentro do grupo ou remanescente dos PPP sem registrar essa nova forma de participação que começa a surgir, aos poucos, dentro da vivência cotidiana.

Enxergo, portanto, uma profunda transformação no que concerne as práticas femininas dentro do grupo de PPP. Apesar de não ter visto nenhuma mulher realizar as atividades de peregrinação, tal qual o penitente João José ou o penitente Israel, considero que existem outra gama de práticas que são pensadas, lideradas e executadas por essas mulheres que não mereciam ficar à sombra das práticas masculinas dentro da irmandade.

CONCLUSÃO: “AGORA EU VOU SEGUIR, LEVANDO A MINHA CRUZ”.

Considero que a experiência de análise, através do campo da História, do grupo de PPP, revelou importantes questões sobre a forma como esses devotos recriaram, renegociaram e viveram a tradição inaugurada pelo Mestre José no início da década de 1970. Os testemunhos analisados aqui foram narrados por mulheres e homens contemporâneos ao Mestre, mas também por pessoas que não acompanharam o primeiro líder, e que na tessitura do *tempo presente*, também vivem/viveram de várias formas, os ensinamentos daquele senhor.

Os costumes dos PPP são valiosos sobre vários aspectos. Acredito que a constituição das práticas desses devotos, desde a época de Mestre José até a contemporaneidade, revelaram muito mais do que um conjunto de ritos e crenças de uma irmandade do interior do Ceará. A vivência dessas pessoas, sobretudo na forma como as suas práticas são tecidas no campo histórico, demonstraram íntimas relações dessa crença com a própria história da Igreja Católica, com outros grupos de devotos, com crenças de outros campos religiosos, enfim, uma experiência que dialoga com diversas outras formas de viver o sagrado.

A partir da pesquisa de campo com essas “negociadoras e negociadores do sagrado”, para usar o termo de Hoornaert (2001), foi possível interpretar algumas questões que as pesquisas anteriores sobre o grupo não haviam verificado e que considero fundamentais tanto para entender as questões que envolveram a história dessas pessoas, como também tecer conexões com a vivência de outros devotos que experimentam uma crença católica penitencial na cidade de Juazeiro do Norte, quiçá em outros territórios.

Uma questão muito cara a essa pesquisa desdobra-se na relação dos PPP com uma *cultura escrita*, especialmente com manuais e breviários católicos dos séculos XIX e XX, notadamente o livro “Missão Abreviada”, do padre português Manoel José Gonçalves Couto. A assimilação do conteúdo dessas obras na vida cotidiana dos devotos foi fundamental para refletir tanto sobre as *práticas de leitura* da comunidade como também para desenvolver uma análise acerca das aproximações e distanciamentos da *crença* do grupo com a ortodoxia católica e outras doutrinas cristãs.

É impossível dissociar a *prática leitora* dessas pessoas de um entendimento mítico da realidade. O mito, tal qual pensou Eliade (2013), é intrínseco ao modo de vida do “homem religioso”. Esse elemento descritivo foi diversas vezes usado pelos PPP como ratificação de várias de suas práticas. Foi a partir da análise dessas construções narrativas que o dilema da rejeição da Bíblia pelo o grupo apareceu e foi analisado.

A maioria dos relatos dispostos ao longo da dissertação converge para uma narrativa que exclui a Bíblia das suas práticas e inclui a “Missão Abreviada” como o manual oficial/livro sagrado do grupo. Foi possível inferir, a partir dessas narrativas, que a rejeição da Bíblia pelo grupo explica-se por dois importantes fatores: 1) A Bíblia é o livro sagrado que foi mais difundido a partir da Reforma Protestante e acabou virando um símbolo dos “homens da Bíblia”, os protestantes. O grupo rejeita com veemência o avanço protestante e o considera, inclusive, um sinal do “fim dos tempos”; 2) A Igreja Católica “deixou-se levar” pela proposta protestante incluindo em seus rituais a Bíblia, o que segundo os PPP, simbolizava que a Igreja estava se desviando dos caminhos e propósitos para qual surgiu.

Os PPP explicaram essas duas questões através de várias histórias míticas que envolviam os Papas da Igreja, Martinho Lutero e o padre Cícero. Esse último personagem é fundamental para os PPP. Eles o consideram por vezes o próprio Messias que teria, através de uma profecia, “A Machadinha de Noé”, avisado a seus “amiguinhos” sobre os sinais do “fim dos tempos”.

Na cosmovisão da maioria dos membros da irmandade, o grupo surge como essa “última esperança” de resgatar os ensinamentos do padre Cícero e, através do “primeiro livro do mundo”, salvar as pessoas do caminho errado que estava batendo com força na porta dos cristãos. Surge nesse contexto a figura paradoxal de Mamãe Anja, uma penitente que teria vivido no Horto e havia ensinado a Mestre José os caminhos da penitência.

Os relatos que ouvi sobre Mamãe Anja a associavam ao mesmo tempo ao padre Cícero, líder espiritual de muitos que jornadeiam até Juazeiro do Norte, e a Nossa Senhora das Dores, a “mãe de Deus”, grande advogada dos homens. A construção de Mamãe Anja como esse ser híbrido, perfeito, que mescla elementos masculinos e femininos, foi um dos elementos mais fortes que apareceu nessa pesquisa. Sob a instrução de Mamãe Anja, essas mulheres e homens deveriam *dar o exemplo*, para que todos seguissem o modelo de vida correto.

Roupas de mangas compridas, chapéu de palha, lenço no cabelo para as mulheres, privação dos confortos materiais como energia elétrica, água encanada e trabalho formal. Agora eles deveriam pedir uma “esmola pelo amor de Deus” e viver uma vida guiada pela interpretação do primeiro Mestre dos antigos e livros e da doutrina passada a ele por Mamãe Anja.

Após a morte desse líder do ano 2000, a força da modernidade bateu com mais ênfase nas mentes desses devotos. Arrisquei afirmar, e ratifico a título de conclusão, que a “força tentadora” da modernidade não apareceu instantaneamente após a morte do primeiro

líder. O “mundo moderno” também estava lá antes. Entretanto, as fontes analisadas aqui indicaram que após a morte de Mestre José algumas práticas individuais que mesclavam elementos da modernidade com a penitência começaram a sobressair.

É o caso do projeto renovador da “Missão Abreviada” por parte de um penitente, João José Aves de Jesus. Esse penitente ressignificou o culto ao livro reimprimindo novos exemplares e redistribuindo para qualquer pessoa, penitente ou não, que ele encontrasse em sua jornada. Para colocar seu projeto em prática o penitente teve que ceder a alguns “golpes” da modernidade: aceitar dinheiro e, de alguma forma, negociar esse elemento sagrado.

Ao mesmo tempo em que a prática do penitente foi rejeitada por alguns devotos, foi exaltada por outros. Apesar de não ter adquirido um número significativo de seguidores, esse penitente construiu um espaço propício para a divulgação de seu projeto inovador, a “Casa da Missão”. Esse espaço ganhou também contornos sagrados. Segundo as narrativas desse senhor, aquele espaço seria o único e o último do mundo a distribuir a “Missão Abreviada” e aqueles que não a procurassem em vida, a procurariam depois da morte.

Paralelo a atuação desse penitente, foi possível analisar outra movimentação importante para o grupo: a conversão de uma família “profana” inteira às regras da penitência. Além do penitente João José, outro devoto ganhou notória importância para os PPP: Manoel Aves de Jesus, conhecido por Olício. Esse penitente conseguiu, em sua curta jornada após a morte do primeiro líder, converter a família daquele que se tornou o mais jovem penitente da irmandade, Israel Aves de Jesus.

Foi possível perceber, a partir dessas transformações que o grupo foi gradativamente fragmentando-se em pequenos núcleos após o falecimento de Mestre José. É interessante notar como alguns fortes elementos da irmandade vão se transformando no curso dessa fragmentação. O nominativo geral adotado pelo grupo, os homens “José Aves de Jesus” e as mulheres “Maria Aves de Jesus” começam a ser substituídos pelos nomes de batismo; as casas já comportam energia elétrica e água encanada, a questão do dinheiro e do comércio encontrou um propósito religioso.

Foi nesse cenário que o jovem penitente Israel Aves de Jesus começa a sua caminhada. Um marcador fundamental na vida desse penitente é a sua relação ainda mais profunda com o conhecimento “profano”, ou seja, o mundo acadêmico. Apesar de ter feito até a nono ano do ensino fundamental II, Israel tornou-se um ávido leitor de filósofos e teólogos, cujas teorias entravam em constante conflito com as visões míticas que imperavam no grupo até o momento.

Segundo as narrativas que colhi, o penitente tentou elaborar mudanças práticas na vida dos devotos e que ainda permaneciam fieis aos propósitos da penitência. As reformulações encabeçadas por ele eram compostas por uma mescla de elementos das suas leituras “profanas” do mundo e da transposição desse mesmo olhar especializado para as leituras já consideradas sagradas pelo grupo.

Acontece aqui uma importante disputa pela memória da irmandade. As antigas seguidoras da penitência, que sobreviveram ao tempo e às “tentações” do mundo moderno, reivindicaram a autoridade interpretativa sobre diversas tradições do grupo ao mesmo tempo em que reconheciam que o seu “tempo de penitência” estava acabando, devido a idade avançada.

As narrativas dessas senhoras mudaram sobremaneira a visão que eu tinha sobre a história da irmandade. Elas revelaram, especialmente, atuações femininas que estavam sobrepostas nas narrativas anteriores e que ainda não haviam sido apresentadas em uma pesquisa acadêmica. As atuações femininas, a exemplo de Dona Josefa, organizadora da primeira formação do grupo, Dona Regina, esposa do Mestre José e gerenciadora de muitos ritos dos PPP e ainda de Dona Marinete, exímia rezadeira/curandeira, são apenas alguns exemplos que foram possíveis resgatar através da experiência de campo com essas guardiãs da memória.

Não gostaria de concluir esse trabalho sem deixar claro que, apesar das diferenças que existem entre as práticas dos grupos que mencionei, existem outros incontáveis intercruzamentos e complexas relações de fé e crença que escapam ao rigor da pesquisa acadêmica.

Lembro com força de uma das últimas visitas que fiz aos PPP. Fiz o percurso costumeiro: visitei a casa do penitente Israel primeiro, depois fui conversar com “as mulheres” e, por fim, visitei a “Casa da Missão” do penitente João José.

Nesse dia o penitente Israel se mostrou particularmente interessado em conhecer os livros sobre a “Terra Média”, mundo fantástico do escritor JRR Tolkien, que ele havia observado na prateleira dos livros do meu quarto na ocasião em que visitou minha casa. Enquanto ele questionava-me curioso sobre as aventuras de Gandalf, o cinzento, eu perguntava curioso sobre os santos da parede de sua casa. Eu e o penitente Israel, como bons amigos, invadimos o mundo um do outro, formando um mundo novo, misterioso e bonito.

Ao sair da casa do penitente Israel, conversei com Dona Josefa, Dona Marinete, Dona Lia e Dona Virgínia. Entre os relatos sobre a vida de santos e anjos, me emocionei com os relatos de vida de mulheres que lutavam para não se dobrar a um modelo de vida que

insistia em relembrar a elas que os tempos eram outros. Dona Marinete “rezou em mim” e me senti com mais força para seguir e com menos medo do futuro.

Por fim, encontrei com o penitente João José. Ele parecia particularmente triste naquele dia. Mesmo assim ele me atendeu com a força costumeira. Percebi que ele estava com um velho livro em suas mãos. Não era o livro novo que ele havia confeccionado em seu projeto. Era a antiga Missão de Mestre José. Ele me perguntou: “Meu filho, antes de você ir, posso cantar um bendito para você?”. Eu: “Pode sim, sr. João”.

*Agora eu vou seguir
Levando a minha cruz
Até o céu subir
Seguindo meu Jesus.*

*Não sei viver sem ti,
Jesus sem teu altar.
A gente só por si,
Não pode se salvar.*

*Jesus, vem comigo.
Eu nunca deixarei,
De estar sempre contigo,
Jamais me apartarei.*

*O mundo é perigoso.
Em tudo há tentação.
Até quando repouso,
Persegue o coração.*

*Ofereço esse bendito
Ao senhor daquela Cruz
Que nos livre do inferno
Para sempre, amém, Jesus.*

TESTEMUNHOS ORAIS

João José Aves de Jesus:

Entrevista realizada no dia 02 de novembro de 2012, no cemitério do socorro em Juazeiro do Norte, CE.

Entrevistas realizadas nos dias 11 de junho de 2013, 19 de março de 2014 e 07 de julho de 2015 na “Casa da Missão”, residência e núcleo espiritual do penitente.

Israel Aves de Jesus e Sr. Francisco:

Entrevistas realizadas nos dias 08 de junho de 2015, 25 de agosto de 2015, 29 de fevereiro de 2016, 04 de junho de 2016, 12 de junho de 2016, na casa do penitente Israel. Na ocasião estava presente o seu pai, Sr. Francisco que também contribuiu com suas narrativas.

Entrevistas realizadas nos dias 31 de janeiro e 08 de março de 2017 na minha residência em ocasiões de visitas do penitente Israel.

Dona Josefa, Dona Marinete, Dona Lia e Dona Virgínia:

Entrevista realizada nos dias 07 de Julho de 2015 na casa de Dona Virgínia.

Entrevistas realizadas nos dias 07 de Julho de 2015, 29 de Fevereiro de 2016, 04 de Junho de 2016 e 04 de janeiro de 2017 na calçada da casa de Dona Marinete onde sempre se reuniam, por volta das três horas da tarde.

Sr. Cícero Leite:

Entrevista realizada no dia 01 de Fevereiro de 2017 na antiga “Gráfica Líder” em Juazeiro do Norte.

PERIÓDICOS

A **PALAVRA**. Marceió, Alagoas, 24 set. 1876. Arquivo hemeroteca nacional digital.

A **GAZETA DO NORTE**. Fortaleza, Ceará. 08 mar. 1881. Arquivo hemeroteca nacional digital.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História a arte de inventar o passado**. Bauru, Sp: Edusc, 2007. 254 p.

ASAD, Talal. A construção da religião como uma categoria antropológica. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 19, p.263-283, dez. 2010. Tradução: Bruno Reinhardt e Eduardo Dulio.

BARROS, Luitgarde. **A terra da Mãe de Deus**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

BARNAY, Sylvie. Nossa Senhora. In: CORBIN, Alain (Org.). **História do Cristianismo: para compreender melhor nosso tempo**. São Paulo: Editora Wmf Martins Fontes, 2009. p. 234-238. Tradução de Eduardo Brandão.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: A busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. Tradução Plínio Dentzien.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 8. ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2013. Tradução de Yara Frateschi Vieira.

BEZERRA, Cícera Patrícia Alcântara. **Outras histórias: memórias e narrativas da Irmandade da Cruz Barbalha/CE**, Recife, 2010. (dissertação de Mestrado em História)

BORGES, Célia Maia (Org.). As messageiras do senhor: A situação ambígua das beatas na Península Ibérica - Séculos XVI a XVIII. In: ASSIS, Angelo Adriano Farias de; PEREIRA, Mabel Salgado. **Religiões e Religiosidades: Entre a tradição e a modernidade**. São Paulo: Paulinas, 2010. Cap. 1. p. 15-28.

CALVINO, Ítalo et al. A palavra escrita e a não escrita. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Fgv, 2006. Cap. 10. p. 139-147.

CAMPOS, Roberta Bivar C; **“Contação de ‘causos’ e negociação de verdade entre os Aves de Jesus, Juazeiro do Norte – CE”**. Etnográfica [Online], vol. 13 (1) | 2009.

_____. 2004, **“Quando o final dos tempos chegar: o uso de uma linguagem apocalíptica e negociação de significados entre os Ave de Jesus”**, em L L. M Musumeci (org.), Antes do Fim do Mundo. Rio de Janeiro, UFRJ, 144-166.

_____. **Quando a tristeza é bela: o sofrimento e a constituição do social e da verdade entre os Ave de Jesus (Juazeiro do Norte- CE)**. Recife, Ed. Universitária da UFPE, (2013).

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade..** 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998. 384 p.

CARVALHO, Anna Christina Farias de. **Sob o signo da fé e da e da mística: um estudo das irmandades de penitentes no Cariri cearense**. 1. Ed. – Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.

CASTRO, Alberto Osório de. **A "Missão Abreviada" do padre Manuel Couto: Um abeiramento contextualizado**. Chaves, Portugal: Grupo Cultural Aquae Flaviae, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. 19. ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2012. 316 p. Tradução: Ephraim Ferreira Alves.

_____, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano vol. 2: Morar, cozinhar**. 5. ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2003. 1 v.

_____, Michel de. **A Fábula Mística: Séculos XVI e XVII**. Rio de Janeiro: Forense, 2015. 1 v. Tradução: Abner Chiquieri.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____, Roger. **Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p.179-192, ago. 1995.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos: Mitos, senhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números.** 26. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

COLÓQUIO INTERNACIONAL DE PIEDADE POPULAR, 1998, Lisboa. **Actas do Colóquio Internacional de Piedade Popular: Sociabilidades, representações e espiritualidades.** Lisboa: Terramar, 1999. 620 p.

COUTO, Manoel José Gonçalves. **Missão Abreviada: para despertar os descuidados converter os pecadores e sustentar o fructo das missões.** 6.ed. Porto: Tipografia de Sebastião José Pereira, 1868.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joaseiro.** São Paulo: Companhia das Letras, 2014. Tradução Maria Yedda Linhares.

DELUMEAU, Jean. **A história do Medo no Ocidente (1300 – 1800).** São Paulo. Paz e Terra. 4º Edição: 1984

DOSSE, François. **História e ciências sociais.** Bauru, Sp: Edusc, 2004. 312 p. 1 v. Tradução Fernanda Abreu.

_____, François. Historia do tempo presente e Historiografia. **Revista Tempo e Argumento**, [s.l.], v. 04, n. 01, p.05-22, 1 jun. 2012. Universidade do Estado de Santa Catarina. <http://dx.doi.org/10.5965/2175180304012012005>.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade.** 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013. 179 p.

FERREIRA, Julio Cesar Campos. **Entre o rosário e a Missão: análise sociológica do movimento milenarista Aves de Jesus.** 2003. 170 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Ciências Sociais, Ufpb (universidade Federal da Paraíba), João Pessoa, 2003.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **Desafios e dilemas da história oral nos anos 90: o caso do Brasil.** **História Oral**, São Paulo, nº 1, p.19-30, jun. 1998.

GAETA, Maria Aparecida Junqueira Veiga. **A Cultura clerical e a folia popular**. Rev. bras. Hist., São Paulo , v. 17, n. 34, p. 183-202, 1997 .

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Tradução: Maria Betânia Amoroso.

GOMES, A.. **As fontes dos messianismos na literatura luso-brasileira**. Revista Lusófona de Ciência das Religiões, América do Norte, 0, jun. 2014. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cienciareligioes/article/view/4483>>. Acesso em: 12 Dec. 2015.

GRALE, Ronald J. (Org.). Pode-se confiar em alguém com mais de 30 anos?: Uma crítica construtiva à História Oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Fgv, 2006. Cap. 5. p. 267-277.

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade: Presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. 267 p.

HERMANN, Jaqueline. Sebastianismo e sedição: os rebeldes do Rodeador na "Cidade do Paraíso Terrestre", Pernambuco - (1817 - 1820). **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 6, p.131-142, jan. 2001.

HOORNAERT, Eduardo. Antônio Conselheiro, negociador do sagrado. In: BRANDÃO, Sylvana (Org.). **História das Religiões no Brasil**. Recife: Editora Universitária Ufpe, 2001. p. 39-77.

LE GOFF, Jacques ; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. Tradução: Marcos Flamínio Peres.

NOBRE, Edianne S. **“Caminhos e sujeitos da historiografia do Padre Cícero”** In BUARQUE, V.A. C. (org.). História da historiografia religiosa. Ouro Preto: Edufop/PPGHIS, 2012.

_____, Edianne dos Santos. **Caminhos de santidade: as biografias espirituais das beatas de Ibiapina no jornal "A voz da Religião no Cariri" (1868 - 1870)**. Revista Nures, São Paulo, n. 19, p.15-40, set. 2011.

_____, Edianne. **Incêndios da Alma: A beata Maria de Araújo e o milagre de Juazeiro - Brasil, Século XIX.** Rio de Janeiro: Multifoco, 2016.

_____. **O Teatro de Deus: as beatas do padre Cícero e o espaço sagrado de Juazeiro**. Fortaleza: IMEPH, 2011.

_____; ALEXANDRE, Jucieldo Ferreira. **"A missão abreviada: práticas e lugares do bem-morrer na literatura espiritual portuguesa da segunda metade do século XIX"**. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano IV, n. 10, Maio 2011.

PAZ, Renata Marinho; JERONIMO, Priscila Ribeiro. **Para além do catolicismo: a presença evangélica em Juazeiro do Norte**. Anais dos Simpósios da ABHR, Juíz de Fora, p.10-20, mar. 2011. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/view/288>>. Acesso em: 09 mar. 2017

POMPA, Cristina. **"Leituras do 'Fanatismo Religioso' no Sertão Brasileiro"**, in Novos Estudos Cebrap, v. 69. São Paulo, 2004, pp. 71-88.

_____, Cristina. Memórias do fim do mundo: o movimento pau de colher. **Revista Usp**, São Paulo, v. 5, n. 82, p.69-87, jun. 2009.

POLAK, Michel. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p.200-212, out. 1992.

PRIORE, Mary del. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O meio do mundo: territórios do sagrado em Juazeiro do Padre Cícero**. 2000. 260 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em História, Puc-sp, São Paulo, 2000.

RANQUETAT JR., Cesar. *Laicidade, laicismo e secularização: definindo e esclarecendo conceitos*. **Revista Sociais e Humanas**, [S.l.], v. 21, n. 1, p. 67-75, dez. 2009. ISSN 2317-

1758. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/sociais/humanas/article/view/773>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

SANTIROCCHI, Í. D.. **Uma questão de revisão de conceitos: Romanização – Ultramontanismo – Reforma.**In: Temporalidades, Belo Horizonte Vol. 2 n. 2 (ago./dez. 2010)

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade.** Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SILVA, Lemuel Rodrigues da. **O discurso religioso no processo migratório para o caldeirão do beato José Lourenço.** 2009. 224 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

SOUZA, Océlio Teixeira de. **A festa do pau da bandeira de Santo Antônio de Barbalha (CE): Entre o controle e a autonomia (1928 - 1998).** 2000. 1 v. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Ufrj, Rio de, 2000.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura:** notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.